

LILIANE BORGES

Uma Surpresa
do Destino

O que o destino uniu, o tempo não separa



UMA SURPRESA DO DESTINO

Liliane Borges

1ª Edição

2017

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2016 Liliane Borges

Capa: Liliane Borges

Revisão: Lorena Salles

Revisão Final: Liliane Borges e Denilia Carneiro

Diagramação Digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Uma Surpresa do Destino

Liliane Borges

1ª Edição

Junho — 2017

Rio de Janeiro / Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

A todas as minhas leitoras, em especial o grupo do whatsapp Família Bastos e ao meu grupo do Facebook. As autoras queridas, Denilia Carneiro e Lily Freitas que me incentivaram e me ajudaram a publicar minhas histórias.

Amo vocês.

Prólogo

Dezesseis anos antes.

Jesse

Já é noite e está fazendo uns nove graus aqui em Teresópolis. Está nublado e pressinto que irá chover a qualquer momento. Estou parado a trinta minutos em frente à casa dela, esperando a coragem para bater em sua porta. Infelizmente a tal coragem insiste em se esconder em algum lugar dentro de mim.

A luz da sala está acesa e eu acredito que ela esteja vendo a novela, porque ela adora aquela novela, mas hoje infelizmente, vou ter que atrapalhar. Dou um longo suspiro e atravesso a rua mesmo sem coragem, já que a mesma me abandonou covardemente.

Abro o portão e bato à porta. A mãe dela é quem me recebe.

— Oi, Jesse, entra aí. — Dona Ana diz sorridente.

— Eu estou com um pouquinho de pressa, será que dá para a senhora chamar a Eva?

— Claro, filha, é o Jesse! — A mãe dela avisa. — Dá licença filho que estou com as panelas no fogo — Sorrio assentindo.

— Jesse? O que você quer? — Eva pergunta com um olhar intrigado. Eu não costumo aparecer assim sem avisar.

— Podemos conversar, Eva?

— Claro, entra. — Diz abrindo mais a porta.

— Aqui não. Vamos dar uma volta.

— Você está maluco? Está frio aí fora e eu estou de pijama!

Eu olho para o pijama dela com estampa de ursinhos e sorrio. Mesmo de pijama ela fica incrível. Pelo menos para mim.

— Coloca um casaco. Vou te esperar aqui fora.

Eva me observa confusa ao me afastar dela, mas parece perceber minha aflição, pois pega o casaco e sai atrás de mim.

— Estou de meias e chinelos Jesse! — Grita atrás de mim — E de pijama! — Eu me viro caminhando de costas e faço um gesto como se tivesse puxando-a por uma corda.

Ela me alcança e caminhamos em silêncio até a pracinha um pouco mais a frente. Evinha envolve os braços ao redor do seu corpo tentando impedir o vento frio de entrar pelo seu casaco, automaticamente passo meu braço sobre seus ombros e a puxo para mais perto. Seguimos caminhando.

Olho para ela e acho graça da fumaça que está saindo junto com sua respiração, é como se ela estivesse fumando, bom, acho que eu também.

Assim que chegamos à pracinha ela para e se vira para mim.

— Jesse você está me assustando.

Eu sei que a estou assustando. A última vez que ela me viu assim eu estava largado em um beco sujo com um baseado na mão.

— Você sabe o quanto você é importante para mim não sabe? Você sabe que mesmo que a gente se afaste você sempre será a minha Eva e eu sempre serei o seu Adão. Você vai ser sempre minha melhor amiga.

— Porque eu estou sentindo que isso é uma despedida?

Eu consigo ver a tristeza tomar posse do seu olhar. Uma lágrima solitária escorre pela sua bochecha e eu a enxugo com meu polegar.

— Porque é Eva. Nós vamos nos mudar.

Agora eu não consigo mais acompanhar as lágrimas que saem dos seus olhos então, só a abraço. Apoio meu queixo sobre a sua cabeça e me seguro pra não chorar também.

— Para onde vocês vão? Por quê? — Ela me empurra para olhar pra mim.

— Vamos nos mudar para Goiás. — Não respondo o motivo, por que eu sei que ela sabe.

— É muito longe!

— Eu sei, mas olha, podemos escrever cartas um para o outro. Podemos ligar também e eu ainda posso vir passar as férias aqui.

— Não é a mesma coisa. — Resmunga limpando o nariz com a palma da mão.

Eu sei que não é, mas eu não posso piorar ainda mais o momento concordando com ela.

— Olha Eva. — Eu digo segurando-a pelos ombros — Não importa a distância, o que importa é amizade que temos. Ela é verdadeira e a distância não vai nos tirar isso.

Tento parecer forte na frente dela, mas por dentro, estou tão massacrado quanto ela, e a culpa de tudo é do meu pai. Eu nunca vou perdoá-lo por isso. Eu nunca vou perdoá-lo por prejudicar toda a nossa família por causa dos seus erros e eu nunca vou perdoá-lo por me afastar dela. Da minha Eva.

— Quando eu for maior de idade posso voltar pra cá. Posso morar com meus tios. — Tento animá-la.

— Jesse você ainda tem quatorze.

— Quinze daqui três semanas. — Ela cai no choro novamente.

Tínhamos planejado comemorar meus quinze anos juntos nos embebedando em algum chulé.

— Quando vocês vão?

— Em três dias.

— E você só me conta isso agora? Eu não acredito!

— Desculpe, não sabia como contar.

Eu a abraço novamente e ficamos assim por um longo tempo. Quando a libero, ergo seu queixo para que ela olhe para mim.

— Promete que você não vai deixar os idiotas da escola te irritarem com apelidos, nem desfazer de você?

— Eu não importo Jesse, nunca me importei. É você que fica brigando com todo mundo por causa disso. Eu não ligo. Eu ligo de você ir embora! — Ela diz entre soluços.

Odiava quando os idiotas da escola colocavam apelidos nela. Só porque ela era magrinha e só andava comigo e com o meu irmão. Eu ficava puto, já até soquei um garoto por causa disso. Depois ele espalhou para toda a escola que nós éramos namorados.

- Promete pra mim que você não vai deixar ninguém te magoar.
- Só se você me prometer que nunca vai me esquecer. — Isso é fácil.
- Eu prometo que mesmo que a gente se perca eu vou te guardar para sempre no meu coração. E prometo mais, se depender de mim eu nunca vou estragar isso que temos. Eu nunca vou te magoar.

Capítulo 1

Evangeline

— Concorde comigo? — Heitor pergunta com um sorriso inocentemente *falso*.

Concordar com quê? Parei de prestar atenção no momento em que ele me pediu um tempo. Como assim um tempo?

Quando Heitor meu noivo. *Ops!* Corrigindo, meu ex-noivo ligou de manhã me convidando para um almoço, pois tinha algo importante para me dizer eu fiquei eufórica.

Será que finalmente ele daria aquele passo? Será que tinha finalmente decidido marcar a data do nosso casamento?

Passei a manhã toda no salão. Fiz cabelo, maquiagem, as unhas. Coloquei o meu vestido mais caro, minhas joias que uso só em ocasiões especiais e meus sapatos importados, pra que?

Pra ele me dar um fora?

Deve ser um pesadelo e vou acordar a qualquer momento!

Eu tinha a minha vida toda planejada. Me casaria com trinta anos e seria um casamento perfeito, digno de princesa, no melhor lugar do Rio de Janeiro. Eu teria meu primeiro filho com trinta e três, na verdade seriam dois filhos, um menino e uma menina. Benjamin e Alexia seriam seus nomes. Moraríamos em uma casa com um quintal enorme para que eles pudessem brincar a vontade, como eu na minha infância. Eu teria um daqueles carros com sete lugares para levar meus filhos e seus amigos para o cinema, para shoppings, shows e tudo mais, porque meus filhos também teriam seus amigos de infância assim como eu os tive. Ah! E teríamos um cachorro daquela raça *collie*, aquele lindo dos filmes dos tempos de criança. Enfim, estava tudo planejado e agora vejo meu sonho desmanchando-se bem diante

dos meus olhos e eu já estou com trinta!

Trinta anos e agora como vai ser se nem um noivo eu tenho mais?

— Evangeline? Você está me escutando? — Apenas olhei para ele — Você não concorda que temos estado distantes um do outro? Eu tenho viajado muito a trabalho e deixado você sozinha...

— Não me lembro de ter reclamado. — O interrompo com sarcasmo.

— Eu sei que não, porque você é uma mulher muito elegante. É inteligente e muito compreensiva...

— Você está transando com alguém? — Pergunto o interrompendo de novo.

— Claro que não!

— Deixe-me ver quem poderia ser. — Bato minhas unhas na mesa fingindo refletir — É a Bárbara, sua assistente! — Não é uma pergunta por que eu tenho quase certeza de que é ela.

— Claro que não! Não estou com mais ninguém. Olha...

— O que leva um homem a abandonar uma mulher que ele mesmo diz ser elegante, inteligente e compreensiva? Que ele próprio diz ser uma mulher amorosa que entende que o noivo precise viajar e estar sempre ausente...

— Evangeline...

— Espere não responda! — Estreito meus olhos como se estivesse pensando — Ah já sei! Claro! Outra mulher!

— Eu não estou te abandonando. Eu só pedi um tempo!

E o safado ainda quer me cozinhar em banho-maria. Era o que faltava mesmo!

Pego minha taça de vinho e bebo tudo de uma vez. É uma taça bem grande por isso ele está me olhando assustado. Deve estar com medo de que eu fique bêbada e faça uma cena. Infelizmente como ele mesmo disse, eu sou uma mulher elegante, então vou ficar devendo o barraco.

— A chave. — Heitor me encara sem entender — A chave do meu apartamento.

— Não tem necessidade disso!

— Me dê a chave do meu apartamento!

— Eu ainda preciso pegar umas coisas.

— Fique tranquilo. Vai estar tudo em uma caixa quando você for buscar. — Levanto-me para ir embora, mas viro-me novamente para ele — Ah e é claro, ligue antes de aparecer. — dizendo isso eu começo a me afastar, mas então me volto novamente para ele — Eu não preciso mais disto. — Tiro minha aliança de ouro 24 K cravejada de diamantes e a coloco na mesa. Nem espero a sua reposta, pego minha bolsa e saio sem olhar para trás.

Quando entro no meu carro, permito-me desabar. Choro borrando toda minha maquiagem.

Que maquiagem vagabunda! Gastei uma nota nessa merda!

Desgraçado, me dispensou! Dois anos de namoro, dois anos de dedicação, dois anos vivendo em função dele. Cretino idiota! Ai meu Deus acho que vou morrer!

Pego meu celular e ligo para minha mãe.

— Evinha!

— É Evangeline, mãe. — Corrijo-a fungando.

— O que foi? Você está chorando? — Ela pergunta preocupada.

— Ele me largou mãe. — E aqui estou eu, chorando de novo.

Idiota!

— Filha, ô querida! Por quê? Vocês estavam tão bem.

— Porque ele está com outra mãe, eu sei, ele negou, mas eu sei. — Meu Deus! Agora estou aqui me derretendo em lágrimas.

Que bela patética você está se saindo Evangeline!

— Porque você não vem aqui? Conversamos melhor.

— Eu estou no centro do Rio mãe. Até eu chegar aí vai levar um tempo e eu ainda preciso trabalhar.

— Não acredito que seu trabalho vá render hoje filha, venha. Vou fazer aquele bolo de milho que você tanto gosta. A gente senta e conversa sobre isso.

Minha mãe sempre soube como me convencer. É só agradar o meu estômago.

— Tá bom, me espera então.

Saio do centro e vou sentido a Teresópolis onde meus pais moram. Algum tempo depois já estou na serra. Olho no relógio, quase quinze horas,

cheguei atrasada para o almoço com o Heitor porque queria estar perfeita para a ocasião.

Ai que ódio!

Meu celular toca de novo e dessa vez é minha amiga e sócia Camila.

— E aí vamos sair à noite para comemorar esse casamento?

Caio no choro novamente ao. A ouço perguntar o que aconteceu, mas não consigo responder porque quando estou me aproximando do Mirante do Soberbo, avisto policiais rodoviários parando os carros logo depois do retorno, na entrada de Teresópolis.

Caramba blitz! Tem como piorar?

Eu tenho certeza que de que o policial me viu falando ao celular e o pior, eu bebi! Claro que eu não estou bêbada, mas acho que eu não passarei em um teste de bafômetro com aquela taça enorme de vinho que bebi.

Maldito Heitor! Tudo culpa dele!

Jogo o celular no banco do passageiro e limpo rapidamente meu rosto borrado. O policial se aproxima e faz um gesto para eu abaixar o vidro. Quando olho para ele meu queixo cai.

Meu Deus, que homem bonito é esse?

Ele está usando óculos ray-ban modelo aviador, um chapéu de tecido azul e aquele uniforme. Caramba aquele uniforme! Sempre achei homem fardado sexy, mas esse aqui na minha frente é sexy ao extremo.

Que estranho! Minha nuca começou a formigar e isso só acontece quando fico apreensiva. Deve ser por medo de ser multada.

— Documento do veículo e habilitação, por favor. — Ele diz com uma voz suavemente rouca.

Que voz é essa? Não basta apenas ser bonito, tem que ter a voz bonita também? Se ele abrisse a boca e saísse uma voz fina talvez eu não estivesse toda arrepiada agora.

Entreguei os documentos e olhei rapidamente para o retrovisor. Eu estou horrível, com os olhos inchados e levemente borrados de tanto chorar. Quando olho para ele novamente tenho a impressão que o conheço de algum lugar. Mas de onde?

Jesse

Eu estava rindo da piada sem graça do meu colega Durval quando um carro faz o retorno rápido demais para quem vai entrar na cidade. Percebo que a condutora estava falando ao celular, falando ao celular meu Deus! É por isso que as pessoas morrem de acidente no trânsito. Isso se chama imprudência. Mando-a encostar imediatamente. Uma multa bem dada fará com que ela reflita um pouco sobre se colocar em perigo e colocar a vida dos outros em perigo também.

Vi quando jogou o celular no banco. Ela está pensando que eu sou idiota? Vai ver só.

— Documento do veículo e habilitação, por favor.

Quando a condutora se vira para pegar a bolsa eu congelo.

Que morena bonita!

Quando ela me entrega os documentos tenho um déjà vu. De repente volto lá na minha adolescência. Que esquisito!

— A senhorita sabe que não pode falar ao celular dirigindo, não sabe?

— Eu não estava! — Caramba, mentindo pra mim? Olho para o celular no banco e para ela de novo. — Eu só peguei para ver quem era. — Se justifica tentando limpar seu rosto borrado.

— O que é mais do que suficiente para causar um acidente. — Falo em tom de reprimenda.

Ela engole seco e abaixa a cabeça. Com certeza deve estar em um dia ruim. É nítido que esteve chorando. Confiro a documentação, mas o seu nome é que me chama a atenção, Evangeline Villas.

Caramba Evangeline?! Eva? Não, não pode ser!

Ela está completamente diferente da garota da minha infância. Eu sinto o meu coração disparar neste momento como se fosse saltar pela minha boca e pular no colo dela.

— Então está tudo certo? Estou liberada? — Pergunta me tirando dos meus devaneios.

De jeito nenhum que eu vou liberá-la agora!

— A senhorita poderia descer do carro, por favor? — Ela faz uma cara de espanto, mas abre a porta e sai.

Caramba! Não pode mesmo ser a Eva, essa é tão... Cheia de atributos!

— Qual é o problema?

— Além da imprudência de dirigir falando ao celular? Vamos fazer o teste do bafômetro.

Impressão minha ou vi o terror atravessar os olhos dela? Teria bebido? Ah essa eu estou pagando pra ver!

— Isso é mesmo necessário? — Pergunta me seguindo. Olho para ela, mas não respondo. Como ela consegue andar com aquilo nos pés? Se cair é bem capaz de sofrer uma fratura exposta.

Continuo a ignorando e seguimos em direção à viatura. Vejo quando Durval gesticula atrás dela balbuciando *gostooooosa!* Ele e o restante do pessoal. É, não precisa ser perito em linguagem labial para saber que foi isso que eles disseram ainda mais pelos gestos que o Durval fez.

— Pode assoprar! — Digo levando o aparelho perto dos lábios dela, e que lábios!

Controle-se Jesse, controle-se!

Ela fica olhando para o aparelho hesitante, mas dá-se por vencida e assopra.

— É Evangeline, a situação da senhorita só se complica. — Recrimino-a. A maluca realmente tinha bebido.

— Foi apenas uma taça de vinho. Uma taça um pouco grande, mas ainda uma taça. Não estou bêbada.

— Claro que não. — Respondo em tom de deboche.

Ela faz uma cara feia e me fuzila com o olhar. Se eu não fosse policial, já teria me mandado catar coquinho. Tenho que confessar que eu estou me divertindo com isso.

— Para sua sorte eu estou de bom humor hoje.

— Entendo. — Responde com ironia — E esse bom humor vai me custar quanto?

Espera aí, ela está achando que eu vou cobrar propina?

Não sei se acho isso engraçado eu se fico com raiva. Eu não sou desses

caramba! Sou um policial honesto. Olho para ela desanimado e suspiro.

— E continua se complicando. Você está me acusando de cobrar propina é isso?

— Não! Claro que não desculpe. — Tenta se corrigir — Não foi o que eu quis dizer.... Ah.... Então, você estava dizendo que está de bom humor, espero não o ter estragado — Tenho vontade de rir, ela está apavorada.

— Na verdade, ainda não. É o seguinte, para sua sorte eu estou indo para Teresópolis. Você está indo para lá, não é? — Ela assente desconfiada — Então vai ser assim, eu vou te levar. Vou dirigindo o seu carro até o seu destino, mas você vai ter que esperar terminarmos por aqui.

Ela encara boquiaberta como se eu tivesse pedindo para ela tirar a roupa ou algo assim.

— Você quer que eu espere vocês terminarem o trabalho de vocês debaixo desse sol escaldante para depois você, um completo estranho entrar no meu carro comigo e me levar até Teresópolis?

— É isso ou a multa e apreensão do seu veículo.

— Isso é suborno! É pior que propina. Eu posso te denunciar sabia?

Ela me afrontou não acredito! Agora sim parece a Eva.

Entrego o meu celular para ela pra que possa cumprir sua ameaça, mas ela apenas bufá. Caminha até o seu carro, pega os óculos de sol, o celular e vai em direção à sombra das árvores.

Capítulo 2

Evangeline

Que absurdo é esse afinal? Esse policial deve ser maluco! Me obrigar a esperar ele terminar o trabalho para me levar até Teresópolis? Isso ou apreensão do meu carro? Que safado! Ele estava me cantando? O Homem parece tão sério com aquela cara fechada. E porque eu tenho a impressão que eu o conheço?

Não conheço nenhum policial!

Não dá para reconhecê-lo por causa do chapéu e dos óculos, então, porque meu coração está tão apreensivo? Provavelmente ele não estava dando em cima de mim, deveria estar só me castigando por eu estar falando ao celular enquanto dirigia e por ter bebido. Se ele quisesse me multar já o teria feito, não é? Porque não o fez então?

Enquanto ele para outro carro, aproveito para dar uma boa olhada nele. Coloco meus óculos escuros para disfarçar é claro. O PRF (Policial Rodoviário Federal) é realmente muito bonito. Aquelas faixas apertadas nas coxas para segurar o coldre deixa o bumbum dele enorme! E aquela camiseta “mamãe tô forte” agarrada nos braços? Até o colete a prova de balas fica sexy nele.

Eu devo estar ficando louca. Acabei de ganhar um pé na bunda, já chorei horrores e agora estou aqui babando no policial.

Que despeito!

O PRF gato ainda não tirou os óculos, mas dá para perceber que seu nariz é perfeito e ele tem covinhas. Para piorar ele ainda está com a barba por fazer. Adoro homens com barba, mas o Heitor nunca gostou, raspava quase todo dia. Eu estou maluca mesmo, comparando o policial gostosão com o meu noivo, quer dizer ex-noivo. Resolvo ligar para a Camila que atende NACIONAIS-ACHERON

histórica.

— Meu Deus o que aconteceu? Você parou numa blitz? Não deu para ouvir direito.

— Eu fui parada bem na hora que estava falando com você. O policial percebeu que eu estava no celular, até teste de bafômetro eu fiz e adivinha? Eu tomei uma taça de vinho enorme no restaurante.

— Caramba! Te multaram?

— Não. O pior você não vai acreditar. O policial disse que me libera se eu deixa-lo levar meu carro para Teresópolis. — Enquanto converso com ela resolvo arrancar meus sapatos, eles estão me matando.

— Teresópolis? Porque você está indo para Teresópolis? O que aconteceu no almoço? O Heitor não te pediu em casamento? E porque você estava chorando?

— Não. O desgraçado não me pediu em casamento, ele pediu um tempo Camila! Um tempo! — Eu não vou chorar!

— Coitadinha!

— Por isso estou indo para Teresópolis, quero colo de mãe.

— Eu te entendo. Se o policial vai levar o seu carro você vai de que? — A lerda ainda não entendeu.

— No banco do carona — Ouvi um *meu Deus* exasperado do outro lado da linha.

— Amiga você não aceitou, não é? Esse homem pode ser um maníaco! Mete o pé daí nem que seja a pé.

— Eu teria feito isso se ele não estivesse com os meus documentos e não fosse tão gato — Essa última parte foi só para atiça-la.

— Ah.... Bem, já que é assim — A safada já está mudando o discurso — Gato o quanto?

— Gato tipo o *Chace Crawford*.

— Uau, sério?

— Muito sério. — Rimos juntas. Percebo que ele olha para mim enquanto sorrio com a Camila.

— Meu Deus será que ele está dando em cima de você? Se tiver, você vai transar com ele? Já vai se vingar do Heitor sua safada? Tá toda produzida

né? Pra causar?

— Claro que não! Nossa, quantas perguntas! Ele ainda pode ser um maníaco e eu estaria toda produzida se não fosse pela maquiagem borrada de tanto que eu já chorei.

— Nem para limpar o rosto primeiro amiga! Vai manda foto dele aí — A louca pede.

— Está maluca? Vou tirar foto dele aqui?

— Tire sem ele perceber. Eu preciso desligar, vou atender uma cliente. Depois me liga para me contar direitinho essa história de tempo e manda a foto. Beijos!

Como eu vou tirar uma foto dele? E se ele perceber?

É melhor não arriscar. Minha cara vai cair no chão se ele perceber.

Cansada de esperar em pé, não resisto e me sento no meio fio.

Que situação! Se meu vestido estragar eu vou mandar a conta para a Polícia Rodoviária Federal.

Tento passar meu tempo olhando o *feed* de notícias do meu *facebook* no celular, mas logo fico entediada. Percebo que ele está distraído conversando com o outro policial na porta de um carro que eles acabaram de parar. Sem pensar muito miro meu celular na direção dele e tiro a foto. Foi de perfil, arrisco tirar outra e ele se vira bem na hora.

Ai meu Deus será que ele percebeu? Se ele percebeu não demonstrou. Que vergonha!

Mando as duas fotos para Camila, que me responde com várias carinhas apaixonadas e um "*eu pegava*" e "*transa com ele*". Sorri com as mensagens da maluca.

Quanto tempo mais eu vou ficar de castigo aqui?

Quando eu ameaço a me levantar para ir falar com ele, ele vem até mim.

Jesse

Deixei-a de castigo por quarenta minutos. Pensei que ela ficaria

irritada, mas a danada estava era se divertindo falando com alguém no celular. Que coisa!

Quando a parei parecia que estava mal, que havia chorado, agora estava ali morrendo de rir e eu posso estar maluco, mas tive a impressão que ela tirou fotos minhas.

— Jesse? Acho que agora já deu né? Vamos nessa que eu ainda tenho que passar no mercado e comprar leite, você sabe como é.

— Sei meu amigo, vamos nessa.

— Cara você vai mesmo levar essa mulher para Teresópolis? — Ele pergunta com certa preocupação.

— Vou, não fica preocupado. Eu a conheço, ela só não está se lembrando de mim.

— Valeu então!

— Valeu! — Despeço-me do pessoal e vou em direção a “ infratora. ”

— Pronta? — Ela suspira em desagrado, mas se levanta, pega os sapatos e me encara. Sem os saltos ela é bem baixinha. Bate na altura dos meus ombros.

— Você não é nenhum maníaco tarado é? — Pergunta tapando o sol com as mãos.

— Fique tranquila. Sou um cara do bem, vamos! — Falo firme.

Caminhamos em silêncio até o seu carro. Abro a porta e entro no lado do motorista. Tenho que ajustar o banco para conseguir me acomodar. Ela fica me encarando do lado de fora antes de se dar por vencida e entrar no carro. Seguimos a viagem em silêncio.

Eva olha para mim disfarçadamente, enquanto digita no celular. Caramba nunca vi alguém digitar tão rápido num *smartphone*! Eu ainda me atrapalho com o meu. Deve estar interessante a conversa, porque ela não para de sorrir.

— Espero que você não esteja compartilhando minhas fotos em algum grupo de *whatsapp*. Isso é viral.

— Eu não! Do que você está falando? — Pergunta mais vermelha do que um tomate, tenho que me segurar para não rir.

— Das fotos que você tirou de mim.

- Quem disse que eu tirei fotos suas?
- Eu vi. Seguinte, eu não me incomodo que tirem fotos minhas enquanto eu trabalho...
- Tiram fotos suas quando você está trabalhando? — Pergunta com interesse.
- Direto. Na maioria das vezes eu nem percebo.
- Então como você sabe que tiraram?
- Digita aí no *google*, policial rodoviário gato. Eu vou aparecer em algumas. — Ela sorri incrédula, mas resolve pesquisar.
- Gente eu não acredito! Não é você!
- Sou eu. Você está vendo que é. — Sorri. Não dá mais para fazer o policial malvado com ela.
- Você está de óculos. O policial do gato do *google* está sem óculos.
Ela quer que você tire os óculos Jesse!
- Sou ou não sou eu? — Tiro os óculos e olho para ela.
- Com certeza é você. Gente, as mulheres fazem isso mesmo?
- Com certeza, você é a prova disso — Ela faz uma careta e eu não aguento e caio na risada.

Capítulo 3

Evangeline

Minha cara queima de vergonha. É muito constrangimento para um dia só, e eu o conheço de algum lugar, mas de onde? E que olhos bonitos são esses Jesus! São azuis esverdeados e são lindos. E essas sobrancelhas grossas lembram-me muito alguém.

— Tudo bem. Confesso eu tirei sua foto, mas fica tranquilo que não foi para colocar na internet.

— Ok. E você tirou para que? — Ele está se divertindo as minhas custas. Safado!

— Para caso você me ataque no caminho eu ter como te identificar depois — Acho que me saí bem.

— Boa resposta.

Não nos falamos mais até ele parar na porta da casa da minha mãe.

Como ele sabia que eu estava vindo pra cá?

Está na cara que eu não sou a única que tem a impressão de que já nos conhecemos, aliás, ele tem certeza, já que me trouxe aqui.

— Está entregue — Ele diz com um sorriso que me faz querer pular em cima dele.

— Tudo bem. Está na cara que nos conhecemos e você sabe exatamente quem eu sou desde o começo, mas eu não consigo me lembrar de onde eu te conheço.

— Faz um esforço Eva — Eva, Eva.... Ninguém me chama de Eva há tempos. A única pessoa que chamava assim...

Jesse! Meu Deus! Jesse, meu melhor amigo de infância! Meu coração vai sair pela boca, como eu pude não lembrar? Ai meu Deus vou ter um

treco!

Na verdade, o meu subconsciente lembrou, isso explica a minha ansiedade. Jesse meu amigo e minha paixão da infância. Como não o reconheci? Nossa ele está tão gato, não que ele não fosse com quatorze anos, mas agora... Ele parece o pecado em carne e osso.

— Jesse! — Consigo dizer — Meu Deus, não acredito é você mesmo? Quanto tempo faz?

— Dezesseis anos.

— Me desculpe não ter te reconhecido.

— Tudo bem Eva, eu também não teria te reconhecido se não tivesse visto seu nome. Você está... Diferente.

— Diferente bom, ou diferente ruim? — Eu perguntei isso mesmo? Que oferecida! Bom na verdade eu preciso muito saber. Eu era apaixonada por ele na minha infância e ele só me via como a irmãzinha postiça.

— Com certeza diferente bom. — Diz dando uma piscadinha.

Ai isso não é bom, eu já estou querendo pular em cima dele de novo.

— Vem, entre comigo. Mamãe fez aquele bolo de milho que a gente adorava. — Agora eu não tenho mais controle das minhas próprias palavras, acabo de convidá-lo para entrar.

Jesse fica indeciso e já estou quase agarrando a mão dele e o puxando para dentro.

— Eu realmente preciso ir.

— Entra vai! Come um pedaço de bolo de milho que a minha mãe fez e depois você pode ir. Eu te levo até a sua casa se você quiser.

Ele assente com um sorriso de tirar o fôlego. Jesse me acompanha e entramos na varanda da frente. O cheirinho do bolo já está impregnado no ambiente.

Olho para trás e percebo que ele parou olhando o quintal. Especificamente para o balanço de pneu, o balanço que ele me balançou tantas vezes. Papai nunca o tirou de lá, diz que é para os netos.

— Momento nostálgico? — Pergunto e ele sorri.

— Nossa passou um filme na minha cabeça agora.

— Eu sei como é, acontece comigo também. Mãe cheguei! — Digo

entrando na cozinha seguida por Jesse.

— Filha! Já estava ficando preocupada. Ai meu Deus porque tem um policial na minha casa? — Minha mãe pergunta apavorada — Foi alguma coisa com meu velho, pode falar eu...

— Mãe fica calma. Não aconteceu nada com o papai. Esse é o Jesse filho da dona Irina.

— Jesse? Jesse James o cowboy? — Ela pergunta se aproximando e o beijando no rosto.

— Hoje eu sou só Jesse mesmo. — Responde sorrindo.

Meu Deus se ele não parar de sorrir assim, eu vou acabar pulando mesmo em cima dele.

— Sentem-se lá na varanda, vou levar bolo para vocês.

Quando estamos caminhando de volta para varanda ele para novamente e olha o balanço. Não sei se é impressão, mas percebo que seu semblante fica triste. Jesse suspira e me encara.

— Você ainda balança nele? — Que pergunta!

— Acho que estou um pouco grandinha pra balançar Jesse. — Ele volta a fitar o balanço — Não vai me dizer que você quer balançar? — Pergunto sorrindo.

— Não. Eu também estou crescendo. Infelizmente.

Agora sou eu que estou olhando para o balanço e me lembrando de quantas vezes eu me sentei ali e chorei por causa dele. Depois que ele se foi. Essa lembrança faz meu coração doer e agora sou eu que fico triste. Balanço a cabeça para espantar tais lembranças e caminho até a varanda, ele me segue. Sentamos à mesa onde fizemos vários lanches na nossa infância.

— Então? Quer dizer que você virou policial rodoviário?

Na verdade, isso era uma grande surpresa. O pai é Juiz, a mãe advogada e ele dizia que queria ser juiz igual ao pai.

— É isso aí. Surpresa?

— Para falar a verdade sim. Seu pai é Juiz, sua mãe é advogada. Pensei que você seguiria essa linha.

— Não deixo de estar seguindo de alguma forma. — Responde evasivo — Mas, e você? O que faz da vida? — Pergunta mudando o foco para mim.

— Eu sou fotógrafa. Tenho um estúdio em sociedade com uma amiga. Lembra? Eu sempre quis fotografar. — Principalmente ele. Ainda tenho as fotos que tirei dele naquela época.

— Claro que me lembro, fico feliz por você.

Minha mãe chega com o bolo, um café fresquinho e se senta um pouco com a gente.

Enquanto ela pergunta ao Jesse sobre seus pais e seus irmãos, eu viajo de volta a nossa infância. Aqui nesse mesmo quintal, nós quatro brincávamos de bola, balançávamos, corríamos ao redor da casa. Eles eram os irmãos que eu nunca tive e olhando para o Jesse agora em minha frente, um homem feito, meu coração fica pequenininho!

Como nós quatro permitimos que a distância e a ausência nos separassem? Perdemos todo o contato. Na verdade, eu perdi todo o contato, já que os três são irmãos. Jesse, Bernardo, Ingrid e Evangeline, o quarteto fantástico. O Bê e o Jesse são gêmeos e apesar de não serem idênticos são muito parecidos ou eram, faz tempo que não o vejo também. E a Indy era quatro anos mais nova do que a gente, mesmo assim nos dávamos *super* bem.

— Como estão seus irmãos? — Pergunto de repente.

— Estão todos bem! O Bê ainda mora em Goiânia, é delegado lá. A Indy é advogada e trabalha com a minha mãe.

— Delegado? Nossa. Vocês gostam mesmo de combater crimes.

— O Bê ainda quer ser juiz — Ele completa.

— E Você?

— Eu, não! — Responde desviando o olhar.

— Quando vocês voltaram? — Foi a minha vez de mudar de assunto.

— Meus pais e a Indy já estão aqui acho que há uns seis anos. Eles moram em Niterói. Eu fiquei com o Bê em Goiânia, voltei tem uns três anos.

— E você mora aqui em Teresópolis? — Mamãe pergunta.

— Agora estou morando no Rio.

— Onde? — Pergunto curiosa.

— Moro no Recreio. Divido o apartamento com um amigo que fiz lá em Goiás e você?

— Eu moro em Copacabana.

— Na zona sul. Você está podendo, hein?

— Nem tanto, já que todo mês eu quase tenho que deixar os meus olhos para pagar o aluguel — Sorri revelando suas covinhas.

Enquanto comemos Jesse olha para o quintal, para o balanço e para piscina como se estivesse recordando os tempos de criança. Um sorriso torto está brincando em seus lábios e eu estou totalmente enfeitiçada. Não consigo nem disfarçar, tanto que ele nota. Endireito o corpo sem graça por ter sido pega em flagrante.

— Estava uma delícia, Dona Ana. Do jeitinho que eu me lembrava.

— Obrigada filho, mas me conta. Como vocês se encontraram?

Minha mãe está encantada com o Jesse, ela nem consegue disfarçar. Também não está imune à beleza dele mesmo sendo mais velha e casada há *duzentos* anos com o papai.

— Estávamos fazendo uma operação na entrada da cidade e eu tive que parar a sua filha porque ela estava falando ao celular — Tentei fazer um gesto para ele parar de falar, mas aí que ele falou mesmo. Cretino! — Celular e direção não combinam. Não é apenas a bebida ou velocidade que provoca acidentes. O celular hoje é uma das maiores causas de acidentes no trânsito — Eu vou mata-lo se ele não parar de apavorar minha mãe.

— Eu vivo dizendo pra ela, mas ela não me ouve!

— Eu só não a multei e apreendi o carro, porque eu a conhecia senão...

— Tá legal Jesse, acho que já está na hora de eu te levar para onde quer que você tenha que ir — Digo fazendo um gesto de que vou quebrar o pescoço dele. Ele cai na risada.

Ai meu Jesus Cristinho, ele precisa parar de fazer isso!

— Filha! Que coisa feia expulsando o rapaz! — Recomponha-se mãe!

— Mas ela tem razão, eu preciso mesmo ir. Vou resolver umas coisas e ainda preciso voltar para o Rio — Jesse se levanta e abraça a minha mãe.

— Não some de novo filho. Quando estiver na cidade passe aqui para fazer um lanche — Disfarça mãe!

— Obrigado, dona Ana.

O acompanho até a rua. Paramos um de frente para o outro e eu não acredito no que vou perguntar, eu não acredito...

— Você vai voltar de que para o Rio?

Jesse

Por que ela quer saber como vou voltar para o Rio? Será que vai me oferecer uma carona?

— De carona ou de ônibus, tanto faz. A propósito você não precisa me levar até o meu destino, é aqui pertinho. Duas quadras daqui.

— Eu não ia te levar. Não depois de você ter feito a minha caveira para a minha mãe.

— Eu falei sério Eva. Direção e celular é uma combinação perigosa. Eu sei do que estou falando.

— É Evangeline. Me chame de Evangeline.

— Por quê? — Estou confuso, ela detestava esse nome — Você sempre gostou que eu te chamasse de Eva, lembra? Eu era o seu Adão e você a minha Eva.

— Eu não acredito que você ainda se lembre disso!

— Porque eu não lembraria Eva? Eu adorava te dizer isso, adorava *zoar* você com a música — Ela sorri. Não resisto e sorrio também.

— Enfim, hoje é Evangeline! Aprendi a gostar principalmente quando sai da boca de um homem.

— Ah, é? — Pergunto com curiosidade. Ela fica vermelha na hora, o que me faz concluir que é besteira.

— Não pergunte. — Responde séria — Você vai demorar por aqui? Você pode voltar comigo se quiser.

— Não acho que valha muito a pena, Eva. Moramos longe um do outro, é meio contramão.

— Evangeline. — Me corrige.

— Evangeline. — Eu repito. Ela dá um sorrisinho.

Que isso? Vou querer saber dessa história.

— Bem melhor. E deixa de ser fresco! Voltamos juntos. Eu não gosto de dirigir a noite. Você pode levar meu carro, aliás, pode até ir para a casa

nele. É claro que você vai ter que devolver amanhã.

— Você vai emprestar seu carro para um completo estranho? — Repeti as palavras dela.

— Você não é um estranho. Você é Jesse James, o meu cowboy — Responde sorrindo.

Eu concordo porque não consigo resistir a esse sorriso, a esse corpo e esses peitos, meu Deus!

— Silicone.

— Desculpe? — Pergunto sem entender.

— Você está olhando para os meus peitos e deve estar se perguntando como aquela menina reta que parecia uma tábua de passar foi ficar com uns peitões desses, acertei?

Caramba! Dei uma bandeira dessas? Ela me pegou olhando para os peitos dela e pior era exatamente o que eu estava pensando.

Não consigo responder nada, apenas balanço a cabeça sem graça.

— Silicone, eu não tenho vergonha de dizer que são falsos. Muito melhor ter seios bonitos mesmo que de plástico do que não ter nenhum.

Meu Deus, eu não posso estar mais constrangido e porque ela ainda continua falando como se fosse à coisa mais natural do mundo?

— Não tenho nada contra silicone. — Falo levantando as mãos em rendição e ela sorri.

— Ok. Então vai ser assim: Faz o que tem que fazer e volta aqui. Vou estar te esperando. — Dizendo isso ela me dá um abraço e entra.

Sorriso feito um idiota. Caramba! Nunca pensei que reencontraria a Eva assim por acaso. Se bem que na verdade não reencontrei, eu encontrei uma Evangeline sexy pra caralho que quer me dar uma carona.

Balanço a cabeça para espantar esses pensamentos pecaminosos com a minha amiga de infância e parto em direção à casa da Clarissa. Eu já estou morrendo de saudade do meu filho Benjamin.

Capítulo 4

Evangeline

— Filha, eu sinto muito! Eu torcia para vocês se casarem. Eu quero netos correndo nessa casa — Minha mãe diz depois de eu contar a ela o ocorrido com o Heitor.

— Eu também quero filhos correndo nessa casa mãe, mas como vou ter filhos se não tenho um marido?

Essa conversa de novo! Minha mãe e meu pai vivem me pressionando. Fazem até chantagem emocional dizendo que vão morrer antes de ver os netos.

— E o Jesse, em filha? Está um gato, Meu Deus! Porque vocês não namoram?

— Mãe! Eu acabei de terminar meu namoro, estou sofrendo! Também acabei de reencontrar o Jesse. Não sei nada sobre ele e somos amigos, quase irmãos, esqueceu?

— Mas eu vi como ele te olhava — Eu também vi, mas ele estava olhando para os meus peitos!

— Mãe!

Eu não posso negar que gostei de saber que causei um efeito sobre ele, mas não vou colocar caraminholas na cabeça. Afinal, é o Jesse! Quando éramos adolescentes, eu era magrela, sem peito e ele nunca me olhou como me olhou hoje. Mas... O passado passou e cada um seguiu seu caminho. Vou dar uma carona a ele e só.

— Ele vai voltar comigo para o Rio, ofereci carona. — Digo vendo os olhinhos dela brilharem.

— Que bom! Voltar sozinha tarde é ruim.

— Filha! — Meu pai me cumprimenta assim que me vê — O que traz você aqui no meio da semana? — Ele pergunta me abraçando.

— O namorado a largou meu velho.

— Ah, obrigado mãe!

— Quem esse idiota é para abandonar a minha filha?

— Pai, está tudo bem e ele não me largou. Só demos um tempo não é, mãe?

E então aqui estou eu, tentando convencer meus pais de uma coisa que nem eu mesma acredito.

— Mas você disse que ele estava te traindo *Qual é o problema dela?*

— Aquele playboyzinho vai se ver comigo! Que história é essa de colocar chifres na minha filha?

Eu começo a acreditar que foi uma péssima ideia ter vindo pra cá, exceto pelo fato de ter reencontrado o Jesse, senão fosse isso acho que estaria cortando meus pulsos agora.

Ouvimos um barulho e olhamos para o portão, Jesse. Ele está de volta. Sinto borboletas acordarem no meu estômago, exatamente igual aos tempos da adolescência.

— Entra Jesse. — Minha mãe fala. Ele sorri e entra sem jeito.

— Pai se lembra do Jesse?

— Claro que lembro, né filha. E aí Jesse?

E aí Jesse? Que intimidade é essa?

— Oi, seu Alfredo!

— Impressão minha ou não é um reencontro de vocês dois?

— De vez em quando a gente se esbarra por aí. — Meu pai esclarece.

— E porque eu nunca soube disso?

— Eu esqueci filha, mas não muda de assunto, sua mãe disse que aquele idiota está te traindo. — Eu quero que um buraco se abra agora e me engula.

Que vergonha! Olho para o Jesse que levantava uma sobrancelha sorrindo.

Para de sorrir assim seu infeliz!

— Pai eu acho que o Jesse não está interessado na minha vida amorosa.
— Digo sem graça e o infeliz continua sorrindo.

Safado, está se divertindo com a minha desgraça!

— Filha, eu só quero entender o que aconteceu. Você dizia que ia se casar com ele, mas agora se ele realmente te traiu...

— Desisto! — Levantando-me — Jesse, eu vou trocar esse vestido aí podemos ir. — Não vou ficar ouvindo meu pai contar minha vida amorosa e catastrófica para ele. Saio da varanda e deixo meu pai esbravejando sobre o meu relacionamento.

Entro no meu quarto e aproveito para tomar um banho. Depois de limpa e cheirosa – porque modéstia à parte eu sou muito cheirosa, afinal gasto horrores com cremes e hidratantes – visto uma calça jeans, uma regata branca e calço minhas sandálias rasteirinhas. Sempre deixo roupas e sapatos extras na minha mãe. Algumas vezes, quando os visito, acabo ficando e indo embora só no dia seguinte.

Meia hora depois eu volto. A essa altura o Jesse já deve saber da minha vida mais do que eu mesma. Encontro apenas a minha mãe na cozinha.

— Filha, espera a janta. — Ela diz assim que me vê.

— Mãe não posso. Cadê o Jesse?

— Foi com o seu pai lá pra garagem. — Fala sério!

Quando meu pai entrava com os meninos naquela garagem ninguém conseguia tirá-los de lá, ainda bem que isso foi há muito tempo senão, eu não conseguiria entrar agora.

Vou atrás deles. Encontro-os sentados no banquinho olhando umas fotografias velhas. Claro que não são as minhas, essas eu guardo a sete chaves. No meu baú de relíquias.

— Jesse? — O chamo da porta — Vamos?

Nos despedimos dos meus pais com a promessa de que eu voltaria com o Jesse para almoçar qualquer dia. Entrego a chave do carro para ele e já vou entrando do lado do passageiro. Coitado, deve estar cansado e todo suado com aquela farda.

Suado, farda, que combinação! Controle-se, Evangeline!

Jesse entra no lado do motorista assumindo a direção e seguimos

sentido Rio de Janeiro.

— Desculpe fazer você voltar dirigindo. Você deve estar cansado, mas eu detesto dirigir a noite.

— Tudo bem, desde que você converse comigo. Nada de dormir aí enquanto eu dirijo! — Ele dá uma piscadinha.

— OK. Então me conta como era a vida em Goiânia? — Peço.

— Louca.

— Como assim louca? — Pergunto curiosa.

— Ah, você sabe né? Carne nova.

— Eu acho que não quero mais saber. — Respondo fazendo careta. Ele sorri. — Você e seu irmão juntos deviam tocar o terror por lá.

— O Bê era muito pior do que eu. — Ele diz sorrindo — Mas e você Evangeline? Conte-me sobre você.

— Eu tenho certeza que meus pais já te contaram toda a minha vida. — Com certeza meu pai já tinha passado minha ficha completa já que se encontraram algumas vezes.

— Nada que eu já não soubesse e sinto muito pelo término do seu noivado. — Eu quero morrer! — Agora as coisas fazem sentido. Percebi que você não estava tendo um bom dia, você estava com os olhos inchados...

— E borrados. — Digo interrompendo-o — Eu estava horrorosa!

— Você horrorosa, Evangeline? Impossível! — Espera aí, ele está dizendo que me acha bonita? E, ai meu *core!* O meu nome saindo da boca dele em uma conversa já faz o pelo do meu corpo arrepiar, dirá na hora de... *Foco, Evangeline, foco!* — E quem perdeu foi ele. — Agora eu fiquei sem graça.

— Isso, quem perdeu foi ele. — Sou obrigada a concordar. Caímos na risada juntos.

— E você Jesse? Você tem uma esposa, namorada ou uma *peguete* por aí? — Eu quero mesmo saber sobre isso. Ele levanta uma sobrancelha — Ué nada mais justo eu saber já que você já sabe todos os detalhes da minha vida.

— Não para esposa, não para namorada e para *peguete*.... Talvez. — É claro. Eu confesso que mesmo ele não sendo casado ou ter uma namorada, o fato dele ter alguém me incomodou — Mas estou solteiro.

— Solteiro sim, sozinho nunca. — Falo brincando.

— É por aí. — Responde com um sorriso torto.

O restante da viagem foi assim, conversando e relembrando nossa infância. O Jesse continua o mesmo cara divertido de sempre, não mudou nada na sua maneira de ser. O caminho de volta foi tão agradável que nem percebi o tempo passar.

— É naquele prédio ali. — Digo apontando para o meu condomínio. Ele para um pouco a frente e desliga o carro.

— Eu posso seguir daqui Eva, não quero te atrapalhar. Você deve precisar do carro amanhã.

— Deixa de ser fresco Jesse, e é Evangeline. Ou você aprende ou vou começar a te chamar de Jesse James. — Ameaço entregando o cartão do estúdio para ele — Pode levar meu carro nesse endereço amanhã. Você ainda tem uma viagem até o recreio, vai. Estou até com pena de você. — Brinco.

— Com pena o suficiente para me deixar dormir na sua casa hoje? — Como? Ele está brincando, não é?

Ah, Jesse eu deixaria você fazer mais do que dormir!

— Não com tanta pena assim. — Digo fingindo uma cara de brava.

— Está certo, Evangeline. — Diz dando ênfase ao meu nome. Jesus! — Te vejo amanhã.

Me despeço dele com beijinhos. Desço do carro e fico o assistindo partir.

O que foi isso? Ele estava se convidando para subir mesmo ou estava só brincando? Não dava para saber, ainda mais sendo o Jesse.

Jesse

Evangeline, puta que pariu!

Aquela mulher não é nem de perto a Eva que eu me lembro. Essa é sexy, provocante, gostosa, e caramba eu devo estar ficando louco, até me ofereci para dormir na casa dela, que idiota!

Tomo um banho para relaxar porque confesso, fiquei com os nervos

abalados devido aos acontecimentos de hoje.

Eva. Desde que voltei para o Rio eu tive vontade de procura-la, afinal éramos muito amigos. Mas quando encontrei o pai dela e ele me contou que ela estava quase se casando resolvi deixar para lá. Era melhor não arriscar uma aproximação, pois a nossa separação já tinha deixado uma enorme cicatriz no meu peito.

Pego meu celular e disco para o meu irmão Bernardo.

— Falai aí, Jesse. — Ele atende no primeiro toque.

— E aí Bê. Tudo joia?

— Beleza cara. Foi ver o Ben? Como ele está?

— Bonito igual ao pai. — Falo orgulhoso. O Benjamin é um garoto lindo e graças a Deus muito saudável.

— Igual ao tio você quis dizer.

— O tio é feio *pra* caralho! — Ouço a gargalhada dele do outro lado — Cara escuta só, você não vai acreditar em quem eu encontrei hoje.

— Desembucha aí!

— A Eva, a Evinha...

— A Evinha tábua de passar? Não brinca e como ela está? Continua magra daquele jeito?

— Meu irmão, não parece nada com a Eva do nosso tempo. Virou um mulherão. — Ainda continua magra só que agora tem carne nos lugares certos. Eu preferia que ela tivesse ficado feia.

— Fala sério? Caramba! E onde vocês se encontraram? — Conto toda história para ele, até do bolo da dona Ana e que tinha ficado com o carro dela.

— *Hummm!* Aquele bolo. Mas cara, ela deixou o carro com você? Ela deve estar querendo te ver de novo e aí vai pegar?

— Bê é a Eva, minha amiga de infância! — Eu não tento convencer a ele, mas a mim mesmo.

— Que agora é uma mulher gostosa.

— Eu sei, mas... Foi como se a gente nunca tivesse se afastado, como se ainda fossemos íntimos.

— Meu irmãozinho inocente, deixa eu te explicar. Isso aí não é

NACIONAIS-ACHERON

intimidade. Intimidade é você pelado, ela pelada... — Caralho enquanto ele fala eu consigo ir imaginando a cena.

— Deixa de ser idiota, ainda é a Eva, caramba! Minha melhor amiga de infância.

— Sei... Então porque você está todo tenso assim, hein? Assume, ela mexeu com você. — Mais do que você pode imaginar meu irmão.

— Ah, vai se ferrar, eu vou desligar! — Desligo, mas não antes de ouvir a gargalhada dele do outro lado da linha.

Para mim, no entanto, eu não posso negar. Ela chamou minha atenção no momento que coloquei os olhos nela, antes mesmo de eu saber quem era. Aquele vestido colado no corpo, meu Deus! Não era curto, nem decotado, mas era justo, muito justo. Aquele salto alto, puta que pariu! Só faltava ela estar usando uma calcinha vermelha para acabar de ferrar com o resto. Os cabelos castanhos no meio das costas. Ela usava o cabelo curto na adolescência. Curto mesmo, abaixo das orelhas. E aqueles peitos enormes, caramba!

O que ela estaria pensando sobre o nosso reencontro? Peguei-a me encarando várias vezes, mesmo depois de já ter descoberto quem eu era. Eu não mudei muito, só tenho mais corpo agora e claro envelheci, afinal já se passaram dezesseis anos. Eu estava de óculos e de chapéu, deve ter sido por isso que ela não me reconheceu ou simplesmente me esqueceu mesmo.

Depois que eu me mudei para Goiânia, trocamos algumas cartas, mas logo eu já estava em uma nova escola, rodeado de garotas e com um coração despedaçado implorando para cicatrizar. Depois de um tempo simplesmente deixei pra lá. Não havia nada que eu pudesse fazer e eu precisava me libertar, então, mais uma vez fui um covarde.

As cartas delas continuaram chegando até que um ano depois elas pararam. Foi difícil superar.

Eu não vou negar, gostava muito da Eva na época, e infelizmente para mim não era só amizade. Eu era um adolescente patético e apaixonado pela minha melhor amiga. Não que eu fosse tímido, com quatorze anos já pegava geral, mas com a Eva era diferente. Eu a achava demais e mesmo com os outros garotos dizendo que ela era sem graça, que parecia um menino eu conseguia ver toda a feminilidade dela. Ela era incrível, doce e ao mesmo

tempo decidida e confiava em mim, na minha amizade, eu jamais estragaria isso.

Nem mesmo depois que eu descobri que ela também gostava de mim fui capaz de fazer qualquer coisa. Ainda bem, porque logo depois me mudei e teria sido ainda mais difícil. Eu também jamais destruiria a chance de tê-la sempre ao meu lado, forçando um relacionamento que poderia não durar. Mas agora depois de reencontrá-la eu estou confuso demais. Porra!

Capítulo 5

Evangeline

— Nossa, Evangeline que história maluca! — Camila diz empolgada depois que eu lhe contei tudo sobre o Jesse.

— Pra você ver. — Ainda sinto todas as emoções que senti quando o reencontrei. Eu pensei que elas iriam desaparecer depois de uma boa noite de sono, mas parece que elas se intensificaram ainda mais porque sonhei com ele quase a noite toda.

— Ele te pregou uma peça, hein? Sabia o tempo todo que era você. Que empolgante!

— Ele não sabia. Foi só depois que viu o meu nome. Venha aqui. — A chamo pegando meu celular, pesquiso novamente no Google, “policial rodoviário gato”.

— Olha isso.

— Uau, amiga! Você vai ficar com ele? — Os olhos dela brilhando de excitação.

— É claro que não! Ele é meu amigo de infância! — *E meu amor de infância.*

— E daí? Ele também é gostoso, quem liga para a amizade?

— Eu ligo e agora que nos reencontramos quero recuperar o tempo perdido.

— Mas você mesmo disse que tinha uma paixonite por ele. — Ela tenta me convencer.

— Tinha, não tenho mais. — Bom, na verdade eu sinto essa paixonite voltando com força total já que ele está ainda mais lindo do que antes.

Bom, eu não quero pensar sobre isso. É o Jesse, meu melhor amigo só

isso. Eu sofri demais quando ele me abandonou e nem morta quero passar por isso de novo!

— Evangeline! — Andressa nossa secretária e também amiga me chama da porta. Parece que ela viu um fantasma.

— O que foi mulher? Parece que viu um fantasma. — Camila diz.

— Fantasma não, eu vi um deus. — Ela está se abanando — E esse deus está procurando por você, Evangeline.

Meu coração dispara em expectativa. É o Jesse, ele está aqui para devolver meu carro. Controle-se Evangeline, controle-se!

— Vou lá falar com ele.

— Não senhora! Andressa, mande-o entrar. Eu quero ver esse deus também.

— Você é uma safada, Camila!

— E você é uma individualista! — Ela devolve.

— Eva? — Jesse chama dando duas batidinhas na porta já aberta.

— Oi Jesse, entra aí. — Me aproximo para cumprimenta-lo com dois beijinhos.

Meu Deus, ele está lindo com uma camiseta branca, jeans e um par de tênis desses modelos *trekkings*.

— Oi. Ué, não vai me corrigir? — Balanço a cabeça sorrindo. Mal chegou e já está me provocando.

— É, Evangeline! Você não vai corrigi-lo? — A Camila pergunta com um olhar malicioso. Ai caramba, disfarça mulher!

— Jesse essa impertinente aqui é a Camila, minha sócia. Ela é a culpada por eu estar no celular e dirigindo.

— Prazer em conhece-lo. — Minha amiga diz quase se jogando em cima dele.

A Camila se parece muito com uma fêmea de louva-deus, elas costumam comer a cabeça do macho quando acasalam, ou seja, é só uma vez, depois o macho é totalmente descartado e morto. Assim é a Camila, apenas usa os caras por uma noite e depois os dispensa e pelo jeito que ela está olhando para o Jesse, com certeza ele é o próximo alvo. Do jeito que ela está se oferecendo agora é capaz de arrancar a cabeça dele antes mesmo do

acasalamento.

— E eu não sabia que ela estava dirigindo, sou inocente. — Ela se defende.

Jesse dá aquele sorriso para ela que coitada, quase engasga. Tive que conter o riso. Já estou até vendo ela me implorando para ficar com ele.

— Eu acho que ela aprendeu a lição agora. — Os dois riem de mim como se eu não estivesse aqui. Olho para a cara dele estreitando o olhar.

— Você tem tempo para um café, Evangeline? — Um arrepio percorre toda a minha espinha quando ouço meu nome saindo da boca dele.

— Ah... Claro, tem uma lanchonete aqui na esquina, vamos. — Digo ignorando a cara de cachorrinha que caiu da mudança da Camila.

[...]

Sentamos um de frente para o outro na lanchonete. Eu peço um *cappuccino* e ele café preto sem açúcar.

— Sua chave. Obrigado por me emprestar o carro. Eu estacionei depois do correio.

— Encheu o tanque? — Pergunto brincando.

— Ih caramba, não. E pior, está na reserva, então cuidado para não ficar a pé por aí. — Sorri.

Depois desse sorriso eu não consigo prestar atenção em mais nada, pois estou perdida em seus lábios. Ele deve beijar bem, não, com certeza ele beija bem. Jesse ergue uma sobrancelha para mim notando que o encaro.

— O quê? — Pergunto confusa.

— Eu que te pergunto. — Ele está sorrindo de novo.

Para com isso, por favor!

— Me veio uma lembrança da época em que eu era adolescente. — Minto.

— E que lembrança é essa?

Eu não sei, inventei isso agora!

— Você se lembra do Leandro Fontes, aquele garoto que queria me beijar? Ele ficou no meu pé me pedindo um beijo o ano todo e quando finalmente eu crio coragem ele desiste e pior, falou que sabia que eu não

NACIONAIS-ACHERON

beijava bem. Eu nem tinha beijado ainda! Fiquei mal, até com depressão. — Falo a primeira coisa que me vem à cabeça.

Ele começa a rir balançando a cabeça.

— Eu me lembro daquele babaca. — E ele continua rindo.

— O que foi, porque você está rindo desse jeito? O que é tão engraçado?

— Eu preciso te confessar uma coisa Eva, promete que não fica brava?

Algo está me dizendo que eu não vou gostar de ouvir!

— É Evangeline! Tudo bem vai, desembucha!

—Fui eu quem falou para ele que você não beijava bem.

— Como assim? Você nunca me beijou para saber disso!

Que história é essa afinal?

— Eu sei, é que não queria que você beijasse aquele idiota. — Diz meio constrangido.

— Por quê?

Meu Deus, eu não estou acreditando, ele tinha ficado com ciúmes?

— Porque depois você talvez o namorasse. Sei lá, fiquei com medo de perder minha amiga. — Ah legal, era só egoísmo mesmo.

— Não acredito nisso Jesse! Eu fiquei muito mal na época! Outros alunos ficaram sabendo disso. Fui até apelidada de Evinha beija mal. — Sua revelação me pega de surpresa e não consigo deixar de sentir raiva — Eu sofri *bulling* por sua culpa!

— Me desculpe, mas você dizia que não se importava com o que os outros falavam de você.

— Uma coisa é você ser apelidada por ser magra, ser apelidada por beijar mal é muito diferente. É traumático!

— Desculpe por ter sido egoísta.

— Você beijou metade das meninas da escola, egoísmo é pouco para definir essa sua atitude. — De repente o clima fica meio estranho. Eu sei que não devo me importar com isso agora, mas me importo, caramba! Demorei a superar.

— Eu me senti mal depois acredite, mas fui covarde e, moleque você sabe como é — Ficamos calados por um tempo então resolvo quebrar o

silêncio.

— Você tem mais alguma revelação bombástica para me fazer?

— Da época em que éramos adolescentes, não.

— Mas tem? Não me conte, não sei se quero saber. — Digo com sinceridade.

— Não é sobre você, é sobre mim. — Piorou. Eu quero saber?

— Fale então. — Ele assente, mas não diz nada, pega o celular, mexe nele alguns instantes e depois me entrega. É a foto de um garoto de aproximadamente uns oito anos, mas que é exatamente igual a ele. Engoli seco. — É seu filho?

— Sim. O nome dele é Benjamin, tem sete anos.

— Ele é lindo, se parece com você. Então, você se casou? — Pergunto, mas incerta se quero mesmo saber.

— Não, nem chegamos a ter um relacionamento. Ficamos algumas vezes e um belo dia ela me deu a notícia.

— Caramba, Jesse! — *Espera aí um pouquinho eu ouvi o nome do menino direito?* — Você disse que ele se chama Benjamin? Você roubou o nome do meu filho?

— De tanto você falar quais seriam os nomes dos seus filhos, eu guardei esse nome. Quando descobrimos que era um menino, o nome Benjamim veio na minha mente na hora.

— Eu não acredito, você está se saindo um péssimo melhor amigo de infância! Você me fez sofrer *bulling*, roubou o nome do meu filho. O que mais você pode ter feito? Como é que eu vou colocar esse nome no meu filho agora?

— Colocando ora! Não tem nada a ver Eva. — Essa conversa já está me deixando frustrada.

— Ele vive em Goiânia? — Pergunto me referindo ao filho dele.

— Agora ele mora em Teresópolis, mas antes sim. A mãe é uma prima distante. A família da Clarissa é daqui, mas eles foram pra Goiânia primeiro. Depois que o pai dela faleceu, a mãe resolveu voltar para Teresópolis para ficar perto dos irmãos, aí a Clarissa veio também com o Ben.

— Então, vocês são primos? Você e essa Clarissa? — Não posso deixar

de sentir ciúmes e inveja dessa tal de Clarissa. Mesmo ele dizendo que não tiveram um relacionamento, ela é a mãe do filho dele. Sempre vai ter um vínculo, sempre fará parte da vida dele.

— Na verdade, ela é filha de um primo do meu pai. É bem mais nova que eu, na época ela era menor e foi bastante complicado. O pai dela não aceitou muito bem, queria me obrigar a casar, falava até em mandar me prender. É claro que isso não tinha fundamento, até porque não havia crime, por mais que ela fosse menor ela tinha mais de quatorze e foi consensual. O que ele não sabia era que a filha não era mais virgem, então eu não precisei casar. Caso contrário, conhecendo o velho como eu conheço ele arranjaría um jeito de casar a gente.

Aquilo era muita informação para um dia só. Ele simplesmente despejou sua vida toda em cima de mim. Meu Deus, um filho com uma menor de idade? Tudo bem que ele nunca foi santo, mas ainda assim eu não estava à vontade com toda aquela revelação. Deus sabe o que mais ele pode ter aprontado.

— Isso foi há oito anos. — Continua — Hoje percebo as burradas que fiz quando era mais novo. Ter engravidado uma garota menor de idade foi a maior delas, mas tenho o Ben por isso não me arrependo. Você vai gostar dele, Evangeline. — Apenas sorriu boquiaberta demais com as suas revelações.

— Nossa, em pleno século 21 ainda ser obrigado a casar porque engravidou uma garota. E você hein, Jesse, parece que não valia o sal do batizado. — Ele sorri sem graça.

Ficamos calados por um tempo. Eu já nem estou mais com raiva por causa da mentira do beijo. Estou ocupada processando as novas informações. Jesse pai de um garoto! Até ele já tem um filho e eu não.

— Eu preciso voltar, temos um casamento hoje. Estou meio enrolada. — Na verdade eu preciso voltar para a minha realidade.

— Tá bom, eu não quero te atrapalhar. — Nos levantamos e caminhamos até a saída. — Eu não consegui dizer antes, Evangeline, mas foi um grande prazer te rever. Não quero perder o contato de novo.

— Eu também não. Você tem meu telefone. Me ligue e a gente combina alguma coisa, certo?

— Certo. — Me aproximo timidamente e o abraço. Ficamos alguns instantes abraçados e meu coração dispara com o contato.

— A gente se vê! — Aceno e atravesso a rua. Ele fica parado lá na frente da lanchonete até eu entrar no prédio que fica meu estúdio.

Quando entro vou direto para o banheiro jogar uma água no meu rosto. Dou uma boa olhada no espelho e apesar das emoções que estou sentindo fico satisfeita com o que vejo. Escolhi essa roupa especialmente para me encontrar com ele hoje. Uma blusa colada com um decote em V, uma saia lápis justíssima e o salto mais alto que tinha. É, eu queria impressionar meu Jesse James, confesso. Agora eu posso. No entanto, as revelações dele ainda pairam sobre a minha cabeça como uma nuvem negra.

Jesse disse que não me deixou beijar o Leandro por egoísmo, mas de certa forma eu tive a impressão que ele pareceu se importar com o fato de eu beijar um garoto na época e meu Deus, ele tem um filho! Realmente a vida em Goiânia deve ter sido mesmo muito louca, nem quero pensar. Retomar essa amizade vai ser mais difícil do que eu pensava.

Ai que confusão!

Não se passaram nem vinte quatro horas que nos reencontramos e o meu mundo já está virando de cabeça pra baixo.

Droga! Junto com ele voltaram todas as emoções, o sentimento que estava bem adormecido e a mágoa por ter se esquecido de mim. Eu não quero ficar remoendo como ele me fez sofrer quando me esqueceu, mas agora, a mágoa dele ter feito isso está me assombrando.

Porque estou me sentindo assim? Afinal eu já superei isso. Segui em frente não segui? Não, pelo visto eu não segui em frente, na verdade nem saí do lugar. Felizmente não dá mais para ficar pensando sobre meu reencontro com Jesse, tenho um trabalho a fazer.

— E aí mulher, você demorou com o bonitão! — Camila diz assim que entro na sala. Sorrio sem graça — O que foi? Vai tomar café com um gato daquele e volta com essa cara de enterro?

— Não foi nada. — Minto, não quero mais falar sobre o Jesse — E então? Tudo certo para o casamento da Vivi, hoje?

— Sim. Vou levar o garoto novo para fazer a filmagem, tudo bem?

— Certo. — Assinto.

— Falando em casamento, a Daniela ligou. Ela soube que você e o primo dela terminaram. A garota está desesperada para saber se você ainda vai ser madrinha. Disse que não aceita um não como resposta.

Mais essa, era só o que me faltava!

O Heitor e eu vamos ser padrinhos de casamento da prima dele e agora que terminamos tudo o que eu não quero é ter que ir a esse casamento.

— Droga, eu tinha me esquecido disso, e agora? Com certeza ele deve levar alguma amiguinha e eu?

— Pra quê que você tem o amigo de infância gostoso? Leva ele e esfrega na cara do Heitor.

— Levar o Jesse? Eu não sei se seria uma boa ideia. — Não quero usá-lo para fazer ciúmes no Heitor, mas também não quero ficar por baixo. — Será que ele topa?

— Liga pra ele e pergunta.

— Eu não tenho o número dele.

— O quê? — Ela pergunta incrédula — Eu não acredito que você não pegou o número do telefone dele!

— Eu dei meu cartão. — Falo sem graça.

— Eentão reza para ele sentir sua falta e te procurar, porque senão você vai ter que ir sozinha a esse casamento.

Como eu sou idiota! Não quis pedir o número dele, mas ele também não se interessou em dar. Que droga!

Jesse

Correr sempre me fez bem, me ajuda a relaxar e morando no Recreio próximo a praia eu posso correr de manhã – claro, quando o trabalho deixa – no calçadão. Nessa última semana, correr estava me ajudando a assimilar meu reencontro com minha amiga de infância. Eva... Não consigo parar de pensar nela, no quanto ela foi importante na minha vida, no quanto está bonita hoje e no quanto eu gostaria que nossa amizade continuasse. Eu fui sincero quando disse a ela que não queria perder novamente o contato. Me sentia bem perto dela no passado e hoje não é diferente no pouco que

estivemos juntos, no entanto, percebi que ela ficou estranha na última vez que nos vimos. Tive a impressão que o fato de eu ter tido um filho a incomodou, e é claro o fato de eu ser o culpado pela história com o Leandro. Fazia tanto tempo aquilo, eu achei que ela não se importaria.

Eu devo ligar para ela e marcar alguma coisa, ou simplesmente espera-la me procurar? Ela não tem meu número, então... Quer saber? Eu vou ligar e foda-se!

Termino de tomar minha água de coco e ligo para ela.

Chama até cair na caixa postal, olho no relógio e ainda são cinco para as sete da manhã, ela deve estar dormindo, ainda é muito cedo. Caminho em direção ao meu prédio e quando estou quase chegando o meu celular toca.

— Alô. — Atendo levemente ansioso.

— Jesse... É você? Você não dorme não?

Eva, a minha Eva. Ela reconheceu a minha voz!

— Bom dia pra você também, Evangeline. Eu durmo sim, mas acordo cedo para cuidar do meu corpo, da minha saúde.

— É com certeza funciona pra você. — Ela fala abrindo a boca.

— Quer dizer que andou reparando no meu corpo, hein! — Brinco.

— Imagina!

— Posso ligar mais tarde se você quiser. — Digo sentindo-me culpado por tê-la acordado.

— Não, você já me acordou. O que quer? — *Sempre tão direta.*

— Então eu estava pensando. — Pigarreio — A gente podia sair no sábado, tem um bar de um amigo meu na Lapa, acho que você vai gostar. — Eva fica em silêncio e a ansiedade começa a me incomodar.

— Não vai dar, infelizmente — *Caramba, ela está me dispensando?* — Tenho um compromisso. — Sim, ela está me dispensando.

— Tudo bem, deixa pra outro dia então. — Falo sem conseguir esconder minha decepção. Acho que levei um fora. É melhor desligar logo de uma vez. — Eu preciso ir Eva, a gente se vê outro dia?

— Na verdade tenho um casamento para ir no sábado. Vou ser madrinha junto com o meu ex... Você acha muito estranho ir comigo? A noiva é prima dele e vai estar toda a família, eu não quero ir sozinha.

Caramba, ela quer minha companhia ou quer fazer ciúmes no ex?

— Você está me convidando porque quer companhia ou porque quer fazer ciúmes no babaca?

— As duas coisas. — Ela sorri.

— Estou dentro. — Concordo de cara.

— A parte do ciúme é brincadeira, eu só não quero ir sozinha, ainda mais se ele já estiver com outra.

— Combinado! Passo que horas na sua casa?

— Às dezoito horas está ótimo. Ah e veste um terno. Por mais que eu queira exhibir esse seu corpão, o traje da festa é formal. O pessoal é meio nariz em pé.

— Não se preocupe eu te garanto que fico muito bem de terno também.

— Ela gargalha do outro lado. Um som perfeito de se ouvir pela manhã!

— Eu tenho certeza que sim.

Eva, você disse isso mesmo? Esta conversa está tomando um rumo diferente.

— Então até sábado, Jesse James.

— Até sábado. Só mais uma pergunta. Eu vou ter que fingir que sou seu namorado? — Vou gostar disso!

— Não! — Que pena — Mas também não vai ser meu melhor amigo. — Bem melhor Eva.

— Até sábado, “Evangeline” — Pronuncio o nome dela bem devagar.

— *Humm!* Até.

Que isso? Eu quero mesmo saber sobre essa história.

Desligo sorrindo igual a um adolescente apaixonado. Caramba! É a Eva, a Evinha. Eu não posso ficar pensando nessas coisas com ela, mas porra, não consigo evitar. Cara eu devo estar ficando maluco.

É melhor dar um jeito nisso. Preciso extravasar e eu sei exatamente para quem ligar numa hora dessas. Para a Karin. Desde que reencontrei minha amiga de infância eu tenho pensado coisas nada amigáveis para fazer com ela. É melhor fazer com outra e logo, antes de nos encontrarmos de novo.

A Karin e eu não temos um relacionamento. Mas de vez em sempre a

NACIONAIS-ACHERON

gente fica. Nessa brincadeira já fazem mais ou menos uns três meses que a gente vem se *pegando*. Eu a conheci em uma festa que fui com o meu amigo Caio, que para variar sempre sai das festas acompanhado de mulheres mesmo que só para dar carona. Na maioria das vezes é pra sexo mesmo.

Nesse dia ele conheceu a Vanessa na boate. Ela e a Karin são amigas. Ficamos os quatro dançando juntos e bebendo. Na hora de ir pra casa, o Caio as convidou para o seu apartamento e elas aceitaram sem hesitar. No carro mesmo, ele e a Vanessa já estavam se *pegando*. Eu e a Karin ficamos apenas e um papo animado. Eu gostei dela. Ela é uma loira linda e muito gostosa, gente boa também. Quando chegamos ao apartamento do Caio, ele e a garota já foram direto para o quarto enquanto eu e a Karin ficamos na sala tomando cerveja e conversando. Não rolou sexo naquele dia, mas trocamos os telefones e uma semana depois já estávamos na cama e tem sido assim desde então.

A Karin é dessas meninas independentes que não gosta de relacionamento sério, eu também não estava procurando por um, então acho que por isso que demos certo. Pelo menos até agora.

Capítulo 6

Jesse

Paro o carro na porta do prédio da Eva no horário marcado. Desço do carro, aliso meu terno e ajeito a gravata. Sigo para o elevador quando o porteiro libera minha entrada. Aperto o andar e me olho no espelho. Espero que ela aprove.

De frente para o apartamento dela, hesito antes de apertar a campainha. Confesso que estou nervoso.

Não é um encontro, cara!

Toco a campainha e aguardo. Quando ela abre a porta, a encaro embasbacado. Eu quase preciso pegar o meu queixo de volta do chão, pois ela está linda, incrivelmente linda. Seu cabelo está com uma trança perfeita jogada em um ombro e tem alguns pontinhos brilhosos por toda a extensão. Seu vestido é rosa, ou salmão, não sei descrever direito, mas sei que é de renda e é longo. Tem mangas longas e não tem nenhum decote na frente, totalmente comportado.

— Entre Jesse, estou quase pronta. — Minha amiga diz e se vira em direção ao que acredito ser o seu quarto, mas é quando ela se vira que meu queixo vai novamente para o chão. O decote atrás vai até a... Bunda? Caramba!

Entro meio desconcertado pela visão das costas dela nua e aproveito para olhar o seu apartamento. É pequeno, a sala e a cozinha são conjugadas, separadas apenas por um balcão. Seus móveis são de muito bom gosto. Um porta-retratos na estante me chama a atenção. Ele tem cheiro de infância. Na foto estão eu, ela e meus irmãos. Estamos debaixo da árvore do balanço no quintal da casa dela. Foi uma época feliz, sinto falta. Sinto a presença dela e viro-me para olhá-la.

—Você está linda!

— Oh, obrigada! Já estava ficando preocupada.

— Preocupada com o que?

— Por você não ter dito nada. Você também não está nada mal! — Diz percorrendo o olhar descaradamente pelo meu corpo.

Não faça isso, Eva!

— Você não me deu tempo, correu para o quarto. — Ela sorri — Eu me lembro desse dia. — Digo apontando para o porta-retratos. Eva se aproxima e o pega. Assim como eu, ela parece viajar no tempo olhando para aquelas quatro crianças travessas.

Ah, Evangeline, você está tão cheirosa!

— Eu também me lembro. Me lembro de cada detalhe dessa época.

— Podemos ir? — Pergunto mudando de assunto.

Eu também me lembro e lembro de você, Evangeline, e agora que te reencontrei eu acho que nunca te esqueci!

— Claro! — Eva se vira e tenho um vislumbre das suas costas nuas novamente.

Será que eu vou me acostumar com esse vestido? Algo me diz que a noite vai ser longa.

— Pra onde? — Pergunto quando já estamos dentro do carro.

— O casamento é no Leblon, na casa dos pais da noiva.

Vou ter que perguntar. Vou ter que perguntar.

— Desculpe, mas vou ter que perguntar. Você tem uma calcinha aí debaixo? — Aponto com os olhos para o vestido dela, Eva que fica vermelha, mas sorri.

— Você vai ter que descobrir. — Responde sem me olhar.

Você vai ter que descobrir? Como eu posso descobrir? Só se eu tirar o vestido dela. Pare com isso Jesse! É a Eva.

Balanço a cabeça sorrindo e coloco o carro em movimento.

Pouco tempo depois, chegamos à festa. Saio do carro e vou até a sua porta abri-la. Antes que a gente entre eu a seguro pelo cotovelo.

— Como eu devo tratar você? — Pergunto por que se ela quiser que eu finja ser seu namorado, farei com prazer.

— Apenas não me trate como a amiguinha de infância. — Sorri sem graça. O seu sorriso me faz sorrir também.

Eva volta a caminhar e eu coloco minha mão em suas costas conduzindo-a. Sua sócia Camila está aqui, ela nos vê e vem ao nosso encontro.

— Crianças! — Exclama me encarando. Eu sei que ela gostou de mim, pois ela não fez segredo — Evangeline, você está linda! E você também Jesse, você está um gato.

— Obrigado! — Respondo enquanto Eva rola os olhos para a amiga — Você também está linda, Camila.

— Bom me deixem trabalhar, vocês aproveitem a festa por mim. — Quando ela se vai, Evangeline me olha sorrindo.

— Ela quer comer você. — Faço uma expressão confusa — Como as fêmeas que comem o macho depois do acasalamento. — Completa.

— Ah, entendi. Bom eu prefiro comer a ser comido. — Eva ri da minha piada sem graça e ela tem um sorriso lindo.

Controle-se, Jesse!

Percebo que o seu sorriso morreu e acompanho seu olhar até o homem de terno preto ao lado de uma loira bonita. Ele olha para ela e acena. Eva responde com um sorriso fraco e me puxa para longe dali.

— Está tudo bem? — Pergunto mesmo sabendo que a resposta é não.

— Sim. Eu só fiquei surpresa. Eu desconfiava de que fosse ela, a secretária, agora tenho certeza.

Eu queria consolá-la, dizer que ele é um babaca e que ela é muito melhor do que a mulher que está com ele, mas eu não digo. Neste momento uma moça aparece para falar com ela.

— Você é Evangeline?

— Sim, sou eu.

— A noiva já chegou, está na hora de entrar.

— Jesse, eu tenho que ir. Até daqui a pouco.

Ela me dá um beijo no rosto e acompanha a garota. Eu me sento em uma das últimas fileiras de cadeiras no momento em que a música começa a tocar. Os casais de padrinhos começam a entrar um por um. A minha Eva é

uma das últimas. Quando ela me vê, acena para mim e o babaca que está do lado dela nota. Eu não o conheço, não sei o seu nome, mas já não gosto dele.

A cerimônia foi bonita, mas eu não tenho muito ânimo para casamentos. Quando saio do salão improvisado, Evangeline vem ao meu encontro.

— A cerimônia foi linda, não foi? — Pergunta animada.

— Sim. Muito bonita.

— Venha vamos procurar nossos lugares. — Concordo e a acompanho.

— Será que eu tenho um lugar?

— É claro que tem. Eu avisei que vinha acompanhada.

Avistamos nossos lugares em uma mesa próxima ao palco. Algumas pessoas já estão sentadas. Eva os cumprimenta, parece conhece-los, deduzo que devam ser parentes ou amigos do ex-noivo. Ela me apresenta a eles e os cumprimento cordialmente.

Tomamos alguns drinques conversando sobre o negócio dela com a sócia Camila. Conversamos também com os outros convidados e um tempo depois jantamos. Eva parece não estar incomodada com o fato de o babaca estar na mesa ao lado, mas notei que ele tem olhado para ela o tempo todo e não gostei disso.

A banda começa a tocar e os noivos vão para a pista de dança. Depois que eles dão o seu show, alguns casais começam a dançar. Eu quero chamá-la para dançar, mas não faço isso. Eva encara a pista e depois a mim como se estivesse esperando que eu a convidasse.

Quando finalmente crio coragem, o babaca do ex aparece do nada e a convida. Ele me ignora completamente, mas ela aceita, puta merda, ela aceita!

Evangeline

Eu esperava que o Jesse me convidasse para dançar, mas ao invés disso o Heitor o fez e eu ainda não sei por que aceitei. Eu ainda não falei com o homem que acreditava ser o amor da minha vida, porque estou muito ocupada pensando no meu melhor amigo de infância.

Quando abri a porta do meu apartamento e o vi, quase morri. Ele está lindo naquele terno cinza, com aquela gravata azul. Os cabelos curtos na lateral e maiores em cima penteados para trás com um pouco de gel. Ele é tão alto e parece ainda mais alto de terno.

Realmente Jesse, você fica muito bem de terno!

Olho para ele e vejo que está nos observando. Seus olhos são como flechas no meu corpo me atingindo nos pontos mais sensíveis.

— Você está linda, Evangeline. — Heitor finalmente fala.

— Obrigada! Você também está muito bem.

— Quem é o seu amigo? Eu nunca o vi antes. — Pergunta-me sem rodeios.

— O nome dele é Jesse. — *É a única informação que você vai ter Heitor* — E vejo que você e a Bárbara estão finalmente juntos.

— Não estamos juntos, Evangeline. Ela é apenas minha convidada, eu não tinha companhia para vir.

— Entendo. — Não sou idiota, mas não questiono. Estranhamente não me importo se é verdade ou não.

Quando a música finalmente acaba, Jesse já está próximo a mim com um olhar intimidador para o Heitor.

— Agora é a minha vez. — Diz com cara de poucos amigos.

Isso aqui está parecendo uma disputa de mijadas e nitidamente Jesse está ganhando de lavada. Ele é tão mais alto que o Heitor, tão mais bonito e sexy.

Meu Deus Evangeline ele é tudo isso, mas é seu amigo!

— Obrigada! — Digo apoiando a cabeça seu ombro.

— Sempre que precisar. — Responde baixinho no meu ouvido e sinto um arrepio. Ele dança tão bem, imagino que não há nada que ele não faça bem.

Deslizamos pelo salão e neste momento pelo menos para mim, não existe mais ninguém. Apenas Evangeline e Jesse. Uma de suas mãos está na minha cintura e a outra que estava segurando a minha mão a deixa e também pousa na minha cintura. Então não tenho outra opção a não ser envolver os braços em seu pescoço.

Como Jesse é muito alto, tenho que olhar para cima para ver seu rosto. Sua expressão está sombria. Ele me olha intensamente nos olhos e depois abre aquele sorriso que me faz querer pular em cima dele. Estamos muito perto, sinto meu coração disparar e me afasto um pouco para que ele também não o sinta. Por uma fração de segundos pensei que me beijaria, mas ele não o fez. Sinto um misto de decepção e alívio. Abaixo minha cabeça novamente em seu ombro e seguimos dançando pelo salão.

Depois de dançarmos, passeamos pelo jardim e conversamos um pouco com a Camila. Minha amiga até tirou uma foto da gente. Conversamos também com a noiva e quando já passava das duas eu o chamei para irmos.

O caminho de volta é silencioso. Está tocando uma música agradável na rádio e Jesse cantarola junto. Me lembro que ele estava aprendendo violão pouco antes de se mudar.

— E o violão, você continuou tendo aula? — Pergunto.

— Sim. Qualquer hora dessas eu toco algo pra você.

— Eu vou cobrar isso.

— Pode cobrar.

Paramos em frente ao meu prédio e ficamos em um silêncio desconfortável.

— Está entregue. — Ele finalmente diz sem ao menos desligar o carro.

Eu não acredito que vou dizer isso!

— Jesse está tarde, você pode dormir aqui se quiser e ir de manhã. — Tento desvendar o que pode estar passando na cabeça dele, mas não consigo. Ele pensa por alguns minutos. Está pensando demais eu começo a ficar incomodada. Apenas diga sim ou não Jesse. — Ei, seja lá o que você está pensando, não pense. É só uma gentileza. Você foi ao casamento comigo é o mínimo que eu posso fazer.

— Relaxa, Eva! Não estava pensando nada demais. Eu trabalho amanhã, preciso do meu uniforme.

— Ah, claro! — Esforço-me para esconder minha decepção.

— Eu realmente preciso ir.

— Ok. Obrigada pela companhia, eu gostei muito. Te devo uma.

— Eu vou cobrar, Eva! — Sorri e as covinhas aparecem.

Eu poderia beijar uma por uma. Meu Deus, Evangeline, recomponha-se!

— Boa noite, Jesse.

— Boa noite, Evangeline. — Beijo o seu rosto e saio do carro, mas antes de eu entrar no meu prédio, volto e o encaro pela janela.

— Respondendo a sua pergunta, não.

— Não? — Ele repete confuso.

— Não estou usando calcinha. — Sorrio e vou embora deixando-o com o queixo caído.

Capítulo 7

Jesse

Já se passaram cinco dias desde que vi Evangeline pela última vez e até hoje a imagem daquele maldito vestido vaga na minha mente. Eu me lembro de todos os detalhes, principalmente da parte que ela não estava usando calcinha. Puta merda! É difícil não ter fantasias eróticas quando ela faz essas revelações tão íntimas.

Eu tenho tentado suprir essa necessidade dela com a Karin. Saímos no domingo – depois do casamento – e na quarta seguinte, mas sinto que não vai rolar mais, pois ela não é o meu tipo. Eu nem sabia que tinha um tipo até reencontrar a Evangeline, depois dela todas as outras mulheres são apenas mulheres. Agora eu tenho um tipo e o meu tipo é tipo Eva, infelizmente.

Hoje é sexta feira e meu amigo que divide o apartamento comigo, Wilker está na cidade. Ele é advogado e trabalha com a minha mãe no escritório dela. Meu amigo se divide entre o Rio e Niterói e hoje, como está por aqui vamos aproveitar para sair, combinamos de irmos ao bar de um amigo nosso na Lapa.

Eu pensei em convidar a Eva e a Camila para irem com a gente, mas ainda não sei se consigo ficar indiferente na presença dela. Desde o casamento não nos falamos, mas ela sempre manda mensagens, vídeos ou músicas. Ela tem me mandado músicas, sempre acompanhadas de mensagens como “*Eu ouvi essa música e me lembrei de você*” ou “*Olha que música linda, já conhece?*” Também mando músicas pra ela com as mesmas mensagens, isso acabou virou rotina entre a gente. Eu gosto, é uma coisa só nossa.

— Tá pronto? — Wilker me pergunta da porta.

— Sim, vamos. — Dou uma última olhada no espelho, borrifo meu

perfume e saio.

Está começando a fazer um friozinho aqui no Rio. É mês de junho e a temperatura tem caído à noite, por isso optei por uma camiseta com mangas compridas na cor cinza, uma calça jeans escura e um coturno preto.

Uma hora depois já estamos no bar, não está muito cheio, mas ainda é cedo. Estamos falando de mulheres. Isso mesmo homens se sentam em bares e falam de mulheres sim, eu estaria mentindo se dissesse que não, e o Caio está nos contando sobre sua última aventura com uma mulher que ele conheceu na boate. No meio do assunto com cara de bobo apaixonado, ele diz que era como se conhecesse a garota a vida toda. Suas palavras me levam diretamente para a zona sul, para Evangeline. Não quero pensar nela, não dessa forma. Eu não quis estragar nossa amizade no passado e muito menos quero fazer isso agora.

Quando encho meu copo com Soda – porque eu sou o motorista da vez – meu celular toca. A foto dela surge na tela e meu coração dispara. Não gosto disso. Não gosto que meu coração dispare só por ver uma foto dela.

— Quem é essa gostosa? Não vai atender? — Caio pergunta espiando por cima do meu ombro. Empurro-o para longe e atendo.

— Evangeline!

— Oi Jesse! *Err...* Tudo bem com você? — Pergunta sem jeito.

— Sim e com você?

— Estou bem também, um pouco cansada. Você está em uma boate?

— Não. É o som do bar, estou na Lapa com uns amigos.

— Ah sim. Não quero te atrapalhar. Posso te ligar amanhã? — E é nessa hora que eu simplesmente não consigo deixa-la desligar.

— Quer dar uma passada aqui? Tá meio chato. Só tem macho. — Ouço-a sorrir.

— Eu não sei. Só macho? Vou ficar sem graça!

— Chama a Camila para vir contigo.

— Espera aí vou ver com ela. — Evangeline demora alguns segundos falando com a amiga e retorna — Ok, nós vamos passar por aí. Manda o endereço.

— Ótimo! Até daqui a pouco. — Respondo empolgado.

— Até daqui a pouco. — Desligo. Digito o endereço e envio para ela.

— Quem era ela, cara? — Caio insiste.

— Uma amiga. Ela está vindo aqui com outra amiga. — Esclareço não gostando nada da animação dele.

— Amém! Eu já estava ficando cansado de olhar para a cara de vocês. — Continuo não gostando.

Quarenta minutos depois eu a vejo entrando no bar acompanhada de sua amiga Camila. Aceno e ela vem na nossa direção. Posso ouvir os comentários animados dos meus amigos, mas meu olhar continua preso nela. Ela está diferente dessa vez, não está toda produzida, mas ainda assim continua linda. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo e sua maquiagem é leve, o que me proporciona admirar suas leves sardas. Está usando um blazer florido, calça jeans e sapatilhas. Sua roupa despojada a deixa com um ar incrivelmente jovial.

As cumprimento com dois beijinhos e as apresento aos rapazes. Aponto para ela sentar-se ao meu lado e a Camila senta ao lado do Wilker.

— O que vocês querem beber garotas? — Caio pergunta devorando-as com os olhos.

Uma hora atrás ele estava descrevendo como tinha encontrado a mulher dos seus sonhos e agora está aqui babando em cima da minha Eva.

Caio, eu não quero ser o responsável pela falta dos dentes da sua boca!

— Para mim pode ser cerveja. — Camila responde.

— Eu não vou beber, estou dirigindo. — Eva olha para mim e olha para o meu copo — Pode ser um *refri* também.

— Muito bem Evangeline, porque eu não posso apreender seu carro hoje. Estou de folga. — Ela sorri.

— Ótimo! Então acho que vou mudar o meu pedido. — Sorri me desafiando — É muito legal aqui, não conhecia.

— Pena que hoje não tem banda. — Falo apontando para o pequeno palco à frente — Mas sempre tem alguém que se aventura tocando alguma coisa.

— Você é um desses? Você me deve uma música.

Sim eu sou um desses, mas não quero ser essa noite, não com você aqui.

— Não, eu não sou um desses.

— Você disse eu podia cobrar. — Ela insiste.

— Eu vou pensar no seu caso. — Pisco para ela — Mas me conta, como foi a sua semana?

— Chata. Tivemos um contratempo com uma cliente, mas já está tudo resolvido.

— Fico feliz.

— E a sua semana como foi? Multou muitas jovens honestas e indefesas por aí? — Não consigo deixar de sorrir e noto que sua expressão muda. Eu tenho notado isso ultimamente. Sempre que eu sorrio pra ela, ela fica estranha.

— Foi tranquila, graças a Deus. Sem acidentes graves, sem bêbados malucos dirigindo por aí.

— Fico feliz. — Repete minhas palavras.

A conversa entre Camila, Wilker e o Caio parece muito divertida, mas eu só consigo olhar para ela, prestar atenção nela. Ela também não parece muito interessada na conversa deles, pois me encara com o mesmo interesse, então concluo que definitivamente não vai ser fácil esse lance só de amizade.

Pedimos uma porção de bolinhos de bacalhau e aipim frito. Os meninos continuam engatando na cerveja junto com a Camila e eu não tenho mais saco para ficar aqui.

— Vamos dar uma volta?

Ela diz que sim. Nos levantamos caminhando em direção à saída.

— Aonde vamos? Não há muito espaço para caminhadas por aqui.

— Eu só queria sair de lá de dentro um pouco.

Continuamos a caminhar até que paramos em uma esquina. Encosto-me à parede e olho para ela que me encara de volta sem entender.

— Está acontecendo alguma coisa com você? — Eva pergunta preocupada.

— Não. Está tudo bem comigo. Eu quero te fazer um convite.

— Um convite?

— Sim. Amanhã é o aniversário do meu pai, minha mãe vai fazer um almoço. Vai estar todo mundo lá. O Bê, a Indy...

— Você já me convenceu. Se está me convidando para ir com você, eu aceito — Agora ela parece muito animada — Eu vou amar rever os seus irmãos, estarmos os quatro juntos de novo. Obrigada, Jesse! — Diz me dando um beijo no rosto, mas eu tenho vontade de mais.

Calma Jesse, não estraga tudo!

— Você vai conhecer meu filho.

— Eu vou adorar conhecer o seu filho... Que tem o nome do meu futuro filho. — Sorri me alfinetando.

— Você não vai esquecer isso, não é?

— Não tão cedo. — Sorrimos.

— Então é isso! Agora podemos voltar. — Estendo minha mão para ela que hesita por alguns segundos, mas a pega. Caminhamos de mãos dadas de volta ao bar como... Dois amigos?

Não Jesse, amigos não caminham de mãos dadas, caminham?

— Você vai tocar uma música pra mim, hoje? — Eva pergunta assim que entramos no bar. Eu não quero tocar na frente de todo mundo. Tenho medo de que as outras pessoas expressem mal meus sentimentos quando cantar para ela, ou... Expressem bem demais — Por favor!

— Tudo bem, mas só uma. — Eva sorri animada e vai em direção ao pessoal.

Respiro fundo e subo no palco. Ligo a aparelhagem e pego o violão. Fred o dono do bar deliga o som e faz um sinal de positivo na minha direção.

Evangeline

Sento-me de volta a mesa e os amigos do Jesse me encaram com curiosidade.

— Ué, cadê o Jesse? — Um deles pergunta. Aponto para o palco e eles olham abismados para o amigo afinando o violão no palco.

— Porque ele está fazendo isso? O bar está cheio! Ele nunca toca

quando o bar está cheio.

— Ele está pagando uma dívida. — Respondo sorrindo, mas paro de prestar atenção em tudo ao meu redor quando ele começa a tocar.

Quando os primeiros acordes surgem, logo reconheço a música e meu coração se acelera. A música é *Kiss me* do Ed Sheeran.

Jesse começa a cantar e meu coração vai derretendo junto a cada palavra que sai da boca dele. Ele é lindo cantando, é lindo tocando, ele é lindo aplicando uma multa e deve ser lindo até dormindo, ou acordando de cara amassada.

Settle down with me / Acalme-se comigo Cover me up / Cubra-me Cuddle me in/ Abrace-me Lay down with me / Deite-se comigo And hold me in your arms / E segure-me em seus braços

Ele vai cantando e olhando para mim de vez em quando e sinto que vou ter um troço a qualquer momento. As pessoas começam a gostar e a observá-lo também. Noto algumas meninas da mesa ao lado suspirando, falando dele e eu não gosto. Não olhem para ele! Não o desejem. Ele é meu! MEU amigo de infância!

I'm falling for your eyes but they don't know me yet / Eu estou me apaixonando por seus olhos, mas eles ainda não me conhecem...

And with a feeling I'll forget, I'm in love now / E com um pressentimento de que esquecerei, estou apaixonado agora...

Quando canta essa parte, olha na minha direção. Deus, ele olha pra mim! Eu não quero pensar que ele esteja cantando essa música por que significa algo, mas não consigo. Sorrio sem graça para ele que pisca para mim.

Estou completamente ferrada!

De repente percebo os olhos da Camila quase me perfurando. Eu com certeza devo estar com a cara mais patética do mundo babando por ele agora.

NACIONAIS-ACHERON

Pode ser que até tenha escorrido uma baba sem que eu percebesse, mas não ligo, eu só quero continuar ouvindo-o cantar e é lindo. Não quero que a música acabe, quero que ele a cante de novo e novo e de novo, quero que a cante pra mim, só nós dois.

Kiss me like you wanna be loved / Então me beije como você quer ser amada You wanna be loved, you wanna be loved / Você quer ser amada, você quer ser amada This feels like falling in love / É como se eu estivesse me apaixonando Falling in love, we're falling in love / Me apaixonando. Nós estamos nos apaixonando...

Eu não sei você, Jesse James, mas eu com certeza.

Quando a música termina, as pessoas batem palmas e pedem para que ele toque outra, ele fica sem jeito, mas atende aos pedidos.

— O que foi aquilo? — Camila pergunta no meu ouvido. Dou os ombros porque não sei a resposta.

— É só uma música.

— Estava mais para uma declaração. — *Não faça isso Camila. Não coloque mais caraminholas na minha cabeça!* — Você viu o jeito que ele te olhou? Nem vou mais pedir autorização para ficar com ele. Depois dessa, ficou claro que ele está na sua e você na dele.

— Para com isso Camila, somos amigos! — Tento convencê-la.

— O que é quem tem? Vocês podem ter uma amizade colorida, oras!

Porque ela continua falando?

Jesse termina de tocar a segunda música e desce do palco agradecendo aos aplausos. Ele se senta ao meu lado e sinto um arrepio quando o seu braço toca suavemente o meu.

— Cara que diabo de música melosa foi aquela? — Caio pergunta, mas o Wilker apenas nos observa com um olhar intrigado.

— Eu adorei. — Camila vem em seu socorro.

— Eu também. — digo o empurrando com o ombro que sorri e

agradece.

Uma hora já se passou desde que meu lindo amigo de infância cantou para mim. A Camila fala sem parar se jogando em cima do Wilker que aproveita a deixa e se oferece para leva-la para casa quando ela diz que precisa ir embora. Caio e Jesse ainda tentam convencê-lo a não ir dirigindo porque ele bebeu, mas ele diz que está bem. Um tempo depois, Caio também arruma companhia, uma das garotas da mesa ao lado que babaram no Jesse no palco.

— Sobramos. — Ele diz sorrindo.

— Bom, acho que você sobrou. Eu preciso ir.

— Você vai me deixar sozinho em um bar depois de eu ter pagado mico cantando pra você?

Não me diga essas coisas, Jesse!

— Você não pagou mico, você canta muito bem. Já tem até fã clube. — Aponto para a mesa ao lado. Uma garota olha descaradamente para ele.

— Muito nova, estou correndo. Não tenho boas lembranças com garotas dessa idade. — Sorrimos juntos — Venha, eu vou levar você para casa.

[...]

Paramos em frente ao meu prédio e não posso deixar de sorrir. Ele está novamente dirigindo o meu carro e me deixando em casa.

— O que foi?

— Nada, é que você tem dirigido bastante o meu carro ultimamente.

— Você anda muito folgada, me fazendo de seu motorista particular!

— Jesse brinca me presenteando com o sorriso perfeito dele.

— Você pode ir para casa com ele novamente se quiser. Amanhã você me busca e vamos para a casa dos seus pais.

— Eva, eu tenho carro.

— Eu sei que você tem seu bobo. Tudo bem vai de taxi então. Boa sorte tentando conseguir um. — Saio do carro. Ele sai atrás de mim e me acompanha.

— Tudo bem eu vou no seu carro, mas vou te levar até sua porta.

Ai meu Deus, ele vai me levar até a porta? Será que ele quer entrar? Eu o convido?

Passamos pelo porteiro, o cumprimento e seguimos para o elevador. Subimos em silêncio. Jesse sorri sem olhar para mim e também sorrio. Estamos lado a lado no elevador e seus dedos seguram os meus de repente. Me assusto com o toque, mas não demonstro. Subimos assim, ambos olhando para frente segurando um ao outro apenas pelos dedos e em silêncio. No entanto, dentro de mim está tudo um caos, meu coração bate descompassado, meu estômago está cheio de borboletas e minha respiração está ofegante. Acho que vou morrer de expectativa, mas antes de eu cair dura no chão, as portas do elevador se abrem e infelizmente tenho que soltar sua mão para pegar minhas chaves.

Paramos de frente para a minha porta. Estou com as chaves nas mãos e viro-me de costas para abri-la. É quando sinto sua mão na minha cintura. Engulo seco com meu coração quase saltando pela boca, ele está tão próximo que sinto sua respiração na minha orelha. Jesse coloca sua outra mão na porta e então vira-me.

Ele me pressiona contra a porta do meu apartamento, encosta a testa na minha e fecha os olhos. Quando os abre, percebo que eles estão escuros. Seu olhar passeia pelo meu rosto e uma de suas mãos pousa sobre a minha bochecha. Jesse fecha novamente os olhos e passa o polegar sobre meus lábios.

Eu estou sentindo um turbilhão de sensações neste momento. Eu quero que ele me beije. Beije-me! Mas ele não me beija. Sua respiração está descompassada, seus olhos agora estão apertados como se estivessem em uma luta interna para desistir. Antes que ele faça isso eu seguro em seu queixo forçando-o a me encarar. Seus olhos se abrem lentamente e é visível o desejo neles.

— Eu tenho sentido de tudo, Evangeline. — Sussurra.

Quando ele diz meu nome desse jeito, me perco no doce som da sua voz. Minhas mãos alcançam seu pescoço e o puxo para mais perto. Jesse abaixa a cabeça e planta um beijo em meu ombro.

Depois disso eu não preciso fazer mais nada porque ele já está com suas mãos em meu corpo e me pressionado contra a porta. Eu o sinto por

completo. Sua boca exige a minha em um beijo possessivo. Nossas línguas se encontram e se exploram desesperadamente mandando vibrações para todo o meu corpo e me deixando molhada no processo. Seus lábios são tão macios e inebriantes. Seu beijo tem gosto de soda e é perfeito. Minhas mãos se enterram em seus cabelos e eu estou retribuindo com o mesmo desejo. Quero muito puxá-lo para dentro e me perder no calor do seu corpo, só que antes de eu tentar fazer isso, ele infelizmente afasta a sua boca da minha, embora suas mãos ainda permaneçam no meu corpo.

Não, não, não se afaste Jesse!

Seus olhos ainda estão fechados e estou encarando seu rosto esperando alguma reação. Meu melhor amigo e paixão de infância sacode a cabeça e me solta. Sinto um vazio enorme dentro de mim.

— Desculpe, Eva, eu não deveria ter feito isso! — Vejo o arrependimento em seus olhos.

Não se desculpe Jesse, me beije de novo!

— Tudo bem, eu te desculpo, afinal foi nada de mais. — Respondo, embora magoada, pois se tem uma coisa que aprendi nesses dezesseis anos, foi ser muito orgulhosa.

Viro-me para abrir a minha porta.

— Sua chave. — Me entrega a chave do meu carro.

— Já decidimos que você pode ir para casa nele, ainda vamos ao almoço de aniversário do seu pai certo? Eu quero muito rever seus irmãos. — Tento demonstrar indiferença pelo que acabou de acontecer. Ele hesita um pouco, mas depois coloca as chaves de volta no bolso.

— Claro! Pego você as nove tudo bem? — Faço que sim com a cabeça.

— Boa noite, Jesse.

— Boa noite, Eva. — Fecho a porta e desabo no meu sofá.

Eu não quero chorar, mas as lágrimas escapam mesmo assim. Ele vai se afastar de mim depois disso, tenho certeza. Não quero que ele se afaste.

Eu quero você comigo, Jesse James, do mesmo jeito que eu quis no passado. Eu quero que você me ame!

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 8

Jesse

Já são sete da manhã e já estou de pé. Na verdade, não preguei o olho à noite toda pensando nela, Eva.

O que você está fazendo comigo, Evangeline?

Eu não sei o que deu em mim para beijá-la daquele jeito. Não bebi, portanto nem posso dar essa desculpa. Ainda sinto o gosto dos seus lábios nos meus e quando eu fecho os olhos quase posso senti-la.

O que deixa as coisas ainda mais difíceis foi ela ter retribuído. Seus olhos suplicavam que eu a beijasse.

Caralho, estou muito ferrado agora! Como vai ser daqui em diante?

Eu não quero estragar nossa amizade, mas fiz totalmente o contrário. Coloquei tudo a perder beijando-a daquele jeito. O pior é que agora eu quero fazer coisas piores com ela, quero tirar a sua roupa, jogá-la na cama e me perder nela.

Putá que pariu! Não quero vê-la hoje, ainda não, estou vulnerável. Preciso desmarcar, mas não posso, não posso impedi-la de rever os meus irmãos, seria muita covardia.

— Já está acordado ou chegou agora? — Wilker pergunta entrando no apartamento.

— Estou acordado a noite toda. — Digo frustrado.

— Uau, a Evangeline está aí?

— Claro que não!

— Então o que te manteve acordado a noite toda?

— A minha consciência. E você? Chegando agora não me diga que...

— Digo e digo mais, aquela mulher é insaciável.

— Você dormiu na casa dela? — E ainda está vivo? E com cabeça?

— Eu ia só dar uma carona mesmo, mas ela me convidou para entrar e aí você sabe, né? Mas voltando ao problema Evangeline, me conta aí o que aconteceu.

— Ela não é um problema. — Me sento no sofá para calçar meu tênis.

— O que aconteceu, Jesse? — Meu amigo insiste sentando-se na poltrona enfrente a mim — Eu sei que você gosta dela porque você nunca cantaria aquela música em um bar lotado olhando diretamente para os olhos da garota se não estivesse apaixonado. Eu te conheço cara!

— Eu a beijei.

— E porque isso parece tão ruim?

— Porque somos amigos, caramba! Amigos há muito tempo, desde a infância. Eu não quero estragar isso.

— Amigos de infância? Eu sou seu amigo e nunca soube dela.

— É porque que eu nunca falei sobre ela. — Respiro fundo e decido contar a ele toda minha história com a Eva. Não excluo nada, nem o fato de que eu sabia que ela gostava de mim e nem o fato de eu também ter gostado dela na infância.

— Parece que esse sentimento sempre esteve aí cara, porque foi só você a reencontrar para ele vir à tona. — Reflito sobre suas palavras em silêncio — Agora vocês podem recuperar o tempo perdido.

— Não é simples assim, nesse momento a Eva é a única coisa que eu não quero perder e me relacionar com ela de outra forma que não seja amizade pode destruir tudo. Se não der certo, não vai sobrar nada, as coisas não conseguirão ser como antes. Eu prefiro não arriscar.

— Porra, Jesse, eu só estava sugerindo você dar uns pegadas nela, mas vejo que a coisa é bem mais complicada. Porque não daria certo? — Não respondo, porque nem eu mesmo tenho essa resposta.

— Eu a convidei ontem para ir comigo até a casa dos meus pais hoje, mas sinceramente não acho que seja uma boa ideia.

— Desmarca então.

— Não posso! Ela está radiante para rever meus irmãos e, além do mais estou com o carro dela. — Me esqueci desse detalhe.

— Boa sorte para você então meu amigo. Vou tomar um banho e dormir um pouco. Combinei de encontrar a Camila logo mais. Ah, dá um abraço na patroa por mim.

Wilker vai para o seu quarto. Pego a chave do carro dela e saio em direção ao estacionamento. Ainda tenho tempo, preciso colocar meus pensamentos em ordem e descobrir a melhor forma de falar com ela.

Evangeline

Já são um pouco mais de oito da manhã e daqui a pouco o Jesse estará aqui. Eu juro que pensei em desistir de ir para Niterói, mas ele está com meu carro e eu ainda quero rever o Bê e a Indy.

Passei a noite pensando em uma maneira de sair dessa cilada. Ele deixou muito claro que se arrependeu de ter me beijado. Vi isso em seus olhos. Eu vi uma luta interna e a confusão neles.

Mas você não pode fingir que o nosso beijo o afetou também Jesse, eu sei que sim!

O modo como ele me beijou, aquilo não foi um simples beijo. Aquele beijo teve algo mais, teve sentimento.

Mesmo acreditando nisso decidi que não ficarei por baixo, vou simplesmente fingir que não teve importância para mim. Vou tratá-lo do mesmo jeito. Será como se nunca houvesse acontecido.

O Jesse ter voltado para minha vida foi a melhor e a pior coisa que me aconteceu. A melhor porque agora tenho meu melhor amigo de infância comigo, como nos velhos tempos e a pior porque minha paixão por ele retornou junto com nossa amizade.

Como é possível sentir as mesmas coisas que eu sentia a dezesseis anos? Ainda não consigo acreditar e ele não facilitou nada pra mim ficando ainda mais lindo, mais sexy, mais engraçado e mais legal do que já era.

Peguei-me pensando naquela noite em que o encontrei no beco escuro perto da minha casa fumando um baseado. Já passava das onze da noite, eu já tinha o procurado por todos os lugares possíveis. Estava com medo e preocupada que ele fizesse alguma besteira.

Jesse havia descoberto naquela noite que o seu pai estava traindo a sua mãe. Descoberto não, ele tinha visto com seus próprios olhos. Seu Reginato me procurou aflito por que o filho havia sumido. Fiquei em choque com que o pai dele me contou, mas saí para ajudá-lo a procurar.

Assim que me aproximei, ele tentou esconder o cigarro de maconha, mas eu já tinha visto.

— *Não adianta esconder, eu já vi! — Gritei — Você acha que isso vai te levar a algum lugar? — Eu estava muito brava com ele.*

— *Isso não é da sua conta, você não sabe o que está acontecendo!*

— *Eu sei sim e acho que isso aí. — Apontei para o cigarro — Não vai resolver.*

Aproximei-me e peguei o cigarro da mão dele. Joguei-o no chão e pisei várias vezes em cima.

— *Você está maluca? Isso custou dinheiro! — Me encarou incrédulo como se eu tivesse pisoteado em uma criança.*

— *Jesse, nada do que eu disser vai apagar o que você viu. — Ele me encarou surpreso — Mas eu posso levar você para a minha casa. Uma boa noite de sono vai fazer você se sentir melhor. Se não conseguir dormir pelo menos poderá refletir sobre tudo e buscar uma solução.*

Ele ficou calado por um tempo olhando para o nada, depois abaixou a cabeça e então chorou. Meu coração ficou despedaçado. Eu quis chorar com ele, mas tinha que ser forte. Sentei-me ao seu lado e sem saber como reagir, simplesmente peguei a sua mão. Ficamos um longo tempo de mãos dadas. Ele ficava passando o polegar sobre as costas da minha mão, fez isso até se acalmar, depois se levantou. Seguimos em silêncio até a minha casa. Não perguntou o que eu realmente sabia, não perguntou se meus pais não se importariam de ele dormir no meu quarto, muito menos se abriu comigo. No dia seguinte e no restante dos dias que passamos juntos, nós nunca tocamos no assunto, no entanto, no seu jeito de me olhar, nas suas atitudes eu sabia o quanto ele era grato por eu ter pisoteado naquele baseado.

Duas semanas depois recebi a pior notícia da minha vida. O meu mundo caiu quando descobri que ele se mudaria.

O porteiro interfoneia avisando que Jesse já está lá embaixo. Digo que estou descendo, mas ele me diz que meu amigo está perguntando se pode

subir.

Ele quer subir? Meu Deus, o que ele quer?

Digo ao Otávio para deixá-lo subir e espero. Porque ele está demorando tanto? Já estou indo abrir a porta para esperar no elevador quando a campainha toca.

— Oi! — Sorrio sem graça ao abrir a porta — Eu já estava descendo.

— Podemos conversar um porquinho antes de irmos? — Faço que sim e abro espaço para ele entrar.

Jesse repara toda a sala toda antes de se virar e olhar para mim.

Porque você tem que ser tão bonito, Jesse?

— Eu quero conversar sobre ontem. Eu não devia ter beijado você Eva, me desculpe. Olha eu...

— Jesse, para! Você não tem que se desculpar. Não vamos fazer tempestade em copo d'água. Está tudo bem, foi uma coisa de momento, só isso.

— Não quero estragar nossa amizade. Você é muito importante pra mim e, não quero perder isso que nós temos de novo. Não quero colocar tudo a perder por atitudes impulsivas.

Okay, agora o nosso beijo tem nome e é atitude impulsiva. Eu não poderia estar mais ofendida, mas não demonstro.

— Nós não vamos estragar nada por causa de um simples beijo, Jesse — Ele ergue a sobrancelha surpreso. Tenho certeza que foi por eu ter me referido ao nosso beijo como “*simples beijo*”, touché! — Eu só lamento você ter odiado tanto.

— Eva. — suspira — O que eu achei foi o oposto de odiar...

— Então problema resolvido, vamos esquecer isso está bem? — Ele me encara profundamente. Não sei descrever o que se passa em seus olhos neste momento, mas se parece com decepção.

O que você queria, Jesse James? Que eu implorasse pra você não esquecer e me beijasse de novo? Isso não mesmo! Ainda não.

— Está bem! — Diz finalmente — Espera aí, tenho uma condição.

— Que condição seria essa? — Pergunto.

— Evangeline, se quisermos que essa amizade continue intacta, você

não pode me dizer coisas do tipo “*eu não estou usando calcinha*” porque antes de ser seu amigo eu sou homem e não sou imune aos seus encantos e não quero ficar imaginado você sem uma.

— Tudo bem, nada de papo sobre calcinhas. — Digo absorvendo sua confissão.

— E nem sobre silicone, entendeu? — Ele está sorrindo.

— Entendi. — Penso por alguns instantes — Mas foi você quem perguntou se eu estava usando calcinha. — Jesse revira os olhos — Desculpe! Nada de usar calcinha, quer dizer nada de falar sobre eu estar ou não usando calcinha — Ai que vergonha!

— Boa menina! Agora vamos.

[...]

A viagem até Niterói é na maior parte silenciosa. Até tentamos conversar sobre a nossa infância, mas dessa vez não estava tão divertido. Percebo que está me olhando de rabo de olho. Por ele estar de óculos escuros deve achar que eu não estou percebendo.

Eu estou vendo você olhar pra mim, Jesse!

Está tocando uma música suave no carro e eu torço para não tocar nenhuma do Ed Sheeran, pois desde ontem ele é oficialmente o meu mais novo cantor favorito. Ainda mais depois de ter passado a noite ouvindo todo o repertório de músicas dele. Pra mim, todas elas me lembram o Jesse. Todas falam do Jesse. Todas são para o Jesse.

Meu celular toca e surge na tela a foto do Heitor. Fico indecisa se atendo ou não. O celular continua tocando e Jesse me encara com um olhar interrogativo. Decido atender.

— Heitor. — Faço questão de dizer o nome para ele saber quem é — ... Hoje não, mas amanhã acho estarei sim. — Sei que meu amigo de infância não está gostando nadinha do Heitor me ligando. Percebo isso pela sua cara fechada e pela forma que ele está apertando as mãos no volante agora — Tudo bem Heitor, me liga amanhã. — Desligo.

O silêncio invade o carro novamente. Nem música toca mais, já que ele desligou o som para eu atender a ligação.

— O que o babaca queria? — Uau, isso foi direto!

— Eu ainda não sei. — Menti, sei exatamente que o Heitor quer apenas pegar as coisas dele, mas não digo isso, estou gostando de como ele não consegue disfarçar o quanto está incomodado.

Que ironia do destino, eu que cogitei usar o Jesse para fazer ciúmes no Heitor e agora fiz totalmente o contrário, usei o Heitor para fazer ciúmes no Jesse. Eu quero muito que esteja funcionando.

— Você não pode voltar com ele, Eva. — Caramba! Isso foi direto ao extremo.

— Do que você está falando? — Finjo desentendimento.

— Desse cara, ele não te merece, te trocou pela secretária. Você merece coisa melhor. — Quase tenho que morder a língua para não perguntar se esse melhor seria ele — Como seu amigo, preciso te alertar.

E eu como sua amiga, quero te socar.

Não respondo, apenas viro a cabeça para o lado. Já estamos na ponte Rio Niterói e por bondade do destino ela está praticamente vazia. Não vai demorar para chegarmos.

[...]

Entramos em um condomínio luxuoso em um bairro nobre de Niterói. No condomínio só tem mansões, cada uma mais linda do que a outra. Paramos em frente a um portão de grades brancas muito alto. Jesse aperta o controle para o portão abrir. Sempre soube que sua família tinha dinheiro, mas ver esse dinheiro assim em forma de mansão é meio desconcertante.

Assim que entramos, ele estaciona perto de um jardim enorme com as mais variadas plantas possíveis. Mais dois carros estão parados próximos, um deles deve valer mais do que meu apartamento que não é meu na verdade.

— Jesse, você contou que eu vinha? — Pergunto.

— Não, eu quis fazer surpresa. — O sorriso lindo dele está de volta ao seu rosto, graças a Deus. — Vamos?

Já dentro da casa mal tive tempo de observá-la porque ao que parece todos estão na sala de estar. Logo reconheço a Ingrid e o Bernardo. A Ingrid sentada ao lado de um rapaz e o Bê em pé ao lado de uma loira de olhos azuis

muito bonita.

Quando percebem a nossa presença, a primeira reação parece ser de surpresa, mas em uma fração de segundos a Ingrid se levanta e corre até nós.

— Meu Deus... Evinha? É você mesma? — Ela me encara embasbacada e com os olhos marejados.

— Sim, sou eu Indy. — Eu também já estou com os olhos cheios de lágrimas.

Nos abraçamos por muito tempo balbuciando coisas como “eu não acredito” e “quanto tempo faz” e “não faz mais isso”. Quando ela me solta percebo que seus pais também estão na sala acompanhados do garotinho mais lindo que já vi. Porque esse garoto é exatamente a versão em miniatura do Jesse.

— Evinha! — Bernardo me puxa para um abraço de urso e aperta a minha bochecha quando me solta, exatamente como ele fazia no passado. Eu odiava quando ele fazia isso, mas agora não odeio mais, eu gosto. Gosto tanto que chega a doer.

Dona Irina e Seu Reginato se aproximam e também me abraçam. Confesso que fiquei insegura sobre a reação do pai dele me ver ali na sua casa, dada às circunstâncias do nosso último encontro, mas ele não demonstra nada. Nem surpresa. Nem desapontamento. Ainda bem!

A Ingrid me apresenta o rapaz que na verdade é seu noivo, ele se chama Douglas. Logo em seguida apresenta a Clarissa, mãe do Benjamin.

Clarissa. Eu tento parecer indiferente, mas por dentro estou pegando fogo de ciúmes. Jesse me disse que nunca teve um relacionamento com ela, mas puta que pariu a mulher é linda. Eu odeio que ela seja linda. A garota me repara atentamente da cabeça aos pés, mas depois me abre um sorriso. Um sorriso falso eu sei.

— Então você é a famosa, Evinha. — Diz apertando minha mão — A Indy sempre fala de você — *Ah, Indy você é mesmo minha amiga!* — Jesse! — Ela passa a me ignorar e parte para cima dele o abraçando. Eu definitivamente não gosto dela.

[...]

Uma hora se passou desde que chegamos e a Indy ainda não me largou.

NACIONAIS-ACHERON

Sentamos em um deck na área da piscina e ficamos conversando, tentando nos atualizar da vida uma da outra. Eu não vi mais o Jesse. Com certeza deve estar me evitando.

— Você e o Jesse estão juntos? — Infelizmente para mim, não.

— Não, claro que não! De onde você tirou isso?

— Quando bati o olho em vocês tive a impressão que estavam envolvidos. — Ela sorri — Sempre achei que ia rolar alguma coisa, vocês eram unha e carne, até mais do que eu e você.

Não sei dizer o que eu fiz para ela estar me olhando desse jeito, mas está sorrindo com aquela expressão de *“eu sei que tá rolando algo”*.

— Meu Deus, Evinha! Você gosta dele! — Minha amiga não está perguntando, ela está afirmando e eu não sei o quão patético deve estar a minha cara incrédula, por isso não respondo, até porque, não consigo negar — Depois de tanto tempo, nossa.

— Não é nada disso, eu... Eu não quero falar sobre isso agora. Por favor, não comenta isso com ninguém! — Estou praticamente implorando.

— Claro que não, mas fico feliz, tomara que vocês se acertem. Ele nunca trouxe uma garota aqui acredita? Nem em Goiânia. — Tento fingir que não fiquei curiosa, mas estou quase perguntando tudo sobre a vida ele.

Dona Irina aparece na porta para nos informar que o almoço vai ser servido. Os demais já estão sentados à mesa. A Ingrid senta-se ao lado do noivo e o outro lugar disponível à mesa é ao lado do Benjamin e de frente para o Jesse.

Os dois brincam um com o outro em um momento de cumplicidade só deles. Ele parece ser um bom pai. O Benjamin se vira para mim e estende sua mão.

— Nós não fomos apresentados ainda. Eu sou o Benjamin, mas todo mundo me chama de Ben, você também pode. — Acho que acabo de me apaixonar pela versão miniatura agora.

— O prazer é todo meu. Meu nome é Evangeline, mas você. — Chego mais perto dele — Pode me chamar de Eva se quiser, mas só você. — Olho para o Jesse e o vejo levantar as sobrancelhas e sorrir. Ele entendeu o recado.

— Você é namorada do meu pai? — Quase engasgo com a pergunta. O Bernardo dá uma gargalhada, o Jesse enrijece todos os músculos do corpo, a

NACIONAIS-ACHERON

Clarissa fecha a cara, a Ingrid me dá um sorriso cúmplice e os demais na mesa ficam indiferentes.

— Não, somos melhores amigos de infância. Nós quatro. — Aponto para o restante do quarteto fantástico — Você tem muitos amigos, Ben?

— Eu tenho o Ítalo, o Maicon, o João Guilherme, a Bella... — A lista de amigos é interminável, mas demonstro total interesse o que o deixa ainda mais animado.

O almoço é servido e junto com ele é feito um brinde ao aniversariante. O Bê é o primeiro a falar. Seu discurso é curto e até engraçado. Depois dele, a Indy fala agradecendo ao pai por ele existir em sua vida e tal. Em seguida dona Irina também fala agradecendo os anos de amor e companheirismo. Noto que nessa hora Jesse abaixa a cabeça. Quando ele levanta novamente, seus olhos vêm direto para os meus. Lhe dou um sorriso cúmplice e ele retribui. Quando dona Irina termina de falar, meu amigo se levanta e a única coisa que ele diz é *“um brinde a mais um ano de vida, pai”*. Todos brindam.

Ele nunca me disse nada sobre o que aconteceu depois daquele dia e eu nunca perguntei, mas é nítido o seu desconforto.

O restante do almoço foi tranquilo, fomos obrigados a contar como nos reencontramos, também tive que contar toda a minha vida. Onde eu moro, o que eu faço, se estou solteira. Tudo. Tudinho. Depois do almoço foi servida a sobremesa que por sinal estava uma delícia e depois fomos para a área da piscina. Jesse sumiu novamente.

Jesse

Preciso voltar lá para baixo porque eu já me ausentei tempo demais escondendo minhas emoções aqui no meu quarto. Eu tenho sentido de tudo, isso é a mais pura verdade e hoje eu senti raiva. Raiva do meu pai. Quando penso que estou deixando de lado, a raiva volta com tudo. Talvez hoje ela tenha voltado pelo fato da Evangeline estar aqui. Ela sabe da história, eu não sei o quanto sabe, mas ela sabe. O olhar cúmplice que ela me deu só me fez sentir mais raiva do meu pai. Por culpa dele nos afastamos e é difícil perdoar isso também. Se um dia eu conseguir perdoá-lo vou ter que perdoá-lo duas vezes. Por ele ter sacaneado a minha mãe e por ter me separado da minha

garota.

Desço para encontrar a Eva, já a deixei sozinha por tempo demais. Encontro-a perto da piscina. Difícil vai ser passar por cima da Indy, desde que chegamos ela não dá tempo para a Eva respirar.

— Aí está você! — Ela diz.

— Aqui estou eu. — Respondo.

— Estou tentando convencer a Eva a entrar na piscina, a Clarissa concorda.

— Eu não trouxe nenhum biquíni comigo.

— Eu tenho vários. Um deve caber em você. — Minha irmã insiste.

— Duvido muito. — o Bê surge do nada e olha descaradamente para os peitos da Eva que percebe e fica vermelha.

Eu vou socar a cara dele!

— Não dá bola para esse idiota, Eva! Venham meninas, vamos nos trocar. — Evinha se dá por vencida e vai atrás da Indy e da Clarissa.

Eu não troquei mais do que duas palavras com a Clarissa hoje. Ainda estou meio *bolado* de ela estar aqui. Ela nunca vem, sempre deixa que alguém pegue o Ben. É estranho. Falando nele, avisto-o no balanço de pneu que pendurei na árvore desde que ele passou a frequentar a casa e vou até ele.

— Quer uma ajudinha? — Pergunto o balançando. Ben apenas balança a cabeça assentindo. — Como está indo na escola?

— Você sabe, pai. Estudar é um saco. — Tem que parecer tanto o pai?

— Um saco é ficar burro. Vai por mim. Você não disse que quer ser juiz como o vovô?

— Quero.

— Então vai ter que estudar muito.

Continuo brincando com Ben e depois de um tempo as meninas voltam. Agradeço aos céus por eu estar um pouquinho longe da piscina. Eu teria ficado muito constrangido se estivesse perto da Eva no momento que ela tirou a canga. Caralho! Ela é perfeita!

Tento acalmar os meus ânimos e quando sinto que estou mais relaxado, vou em direção à piscina. Preciso ver mais de perto.

Sento-me ao lado do Bernardo no deck e pego um redbull. Vou acabar

NACIONAIS-ACHERON

socando esse idiota tarado. Ele está praticamente comendo a Eva com os olhos.

Depois de um tempo, minha amiga resolve sair da piscina e automaticamente tudo fica em câmera lenta. Acabo de descobrir que silicone é a oitava maravilha do mundo, principalmente quando eles são tão grandes que mal cabem no biquíni. Meus olhos a acompanham como se fossem mariposas. Eu quero muito pousar em cima dela.

— Cara, disfarça! — Meu irmão me cutuca — Limpa a baba. Bem que você falou, a Evinha *tá* gostosa pra caralho! — Eu não gosto do som dessas palavras saindo da boca dele — Se você não pegar, eu pego.

Tá querendo morrer, só pode!

— Para de falar asneiras senão acidentalmente o seu rosto vai acertar o meu punho, cara. — Não me importo de ele estar gargalhando na minha cara, bem na minha frente e imaginando um monte de besteiras. Eu só não o quero desejando o corpo dela. Eu não quero ninguém desejando o corpo dela. Eu quero correr até a piscina e cobrir o seu corpo para ninguém olhar. Que droga!

— Falando sério, me diz. Está rolando alguma coisa entre vocês?

— Claro que não! É a Eva, minha amiga de infância.

— Ih, eu já escutei isso e foi antes de você ameaçar me bater por causa dela. — O babaca está rindo da minha cara — Deixa de ser idiota, Jesse! Você tem duas mulheres lindas a sua disposição e você não quer nenhuma. Definitivamente você tem problemas.

— Vá se ferrar! — Esbravejo.

— Bom, eu só tenho um conselho para te dar irmãozinho. — Ele continua como se eu não tivesse acabado de mandá-lo ir se ferrar — A Clarissa por mais linda que seja, se não rolou mais nada até hoje, não vai rolar mais. Eu te aconselho a investir na Evinha com força total.

— Porque você continua falando? — Me dou por vencido e saio de perto dele. Entro na casa e vou a procura da minha mãe. A encontro na cozinha devorando um pote de sorvete. Algumas coisas nunca mudam. Sento-me ao seu lado no banquinho da ilha e pego uma colher.

— Deve ter sido uma emoção reencontrá-la. — Ela está falando da Eva.

— Realmente foi.

— Você disse isso a ela?

— Não desse jeito, mãe. — Minha mãe sempre soube sem eu nunca ter falado.

— Dá pra ver na sua cara filho o quanto reencontrá-la te afetou. Fico muito feliz de vocês terem se reencontrado. Quem sabe agora você começa a viver sem os fantasmas do passado. A oportunidade não bate a nossa porta com muita frequência, Jesse. Muito menos uma segunda chance.

Fantasmas do passado? O que ela quis dizer com isso?

— Vou pensar sobre isso.

— Não pense demais, filho! — Minha mãe me dá um beijo na cabeça e sai.

Na mesma hora em que minha mãe deixa a cozinha a Clarissa entra. Ela passa por mim e vai em direção a geladeira.

— Amiga de vocês é bem legal. — Diz puxando assunto.

Ah não! Eu não vou falar sobre a Eva com você Clarissa. Na verdade, eu não quero falar mais com ninguém.

— Ela é. — É só o que respondo — Dá licença, Clarissa.

Não espero sua resposta e sigo para o meu quarto. Fecho a porta, tiro meus tênis e me jogo na cama frustrado. Coloco uma música para tocar no meu celular e me perco em pensamentos.

Eu não sei por quanto tempo fiquei ouvindo música, mas até cochilei. Escuto alguém me chamando ao longe. Abro olhos e vejo seu rosto.

Eva você realmente é muito linda!

— Eu estava aqui pensando. Definitivamente não tenho nada contra silicone. — Ela me dá um tapa sorrindo.

Sorrio de volta e me afasto um pouco para ela se deitar ao meu lado. Abro o braço e minha amiga pousa a cabeça no meu ombro. Ficamos em silêncio, apenas aproveitando a companhia um do outro. Depois de um tempo ela resolve puxar assunto.

— Podemos ir embora quando você quiser.

— Eu não quero ir agora. Quero que você aproveite os seus amigos.

— Como aproveitar se o maior deles ficou o tempo todo se excluindo

de todos? — Eu sei Eva, eu sei!

— Desculpe. Não estou tendo um dia legal.

— Tudo bem. — Sorri com cumplicidade.

— Mas o importante é você aproveitar a companhia daqueles dois desmiolados.

— Eu posso fazer isso em outras ocasiões agora, graças a você. Eu e a Indy até já combinamos várias coisas juntas. — Diz animada.

Viro-me de lado e agora estamos ambos encarando um ao outro. Deslizo o dedo indicador pelo braço dela até alcançar seu rosto. Eva respira fundo e fecha os olhos.

— Você é muito especial, Evangeline. — Suspiro — Estou muito feliz de a gente ter se reencontrado.

— Não mais do que eu, Jesse. — Sorrimos juntos e eu vou beijá-la de novo, mas quando começo a me aproximar a porta do quarto é escancarada.

Meu filho entra com tudo e se joga na cama com a gente.

Obrigado filho, você me salvou de me meter de novo nessa enrascada!

[...]

Quando deixo a Evangeline em casa já passa das oito da noite. Ela não me convida para subir, também não me oferece o seu carro. Me despeço dando um abraço nela que retribui um pouco distante.

Eu não gosto de você distante, Eva.

— Obrigada por esse dia maravilhoso, Jesse. Eu amei cada detalhe. Amei rever todos, amei o seu filho.

Você amar o meu filho me faz te querer ainda mais.

— Eu amo que você tenha amado. — Beijo o topo da cabeça dela e quando estou me afastando ela me chama.

— Jesse?

— Oi — Ela fica em silêncio me deixando intrigado — Está tudo bem?

— *Er...* Só quero dizer uma coisa.

— Então diz.

— Se você quer que a nossa amizade continue intacta, você não pode

me dizer coisas como “*definitivamente eu não tenho nada contra silicones*”.

Fico em silêncio. Constrangimento é meu nome do meio.

— Jesse?

— Entendi, me desculpe. Não vai mais acontecer.

Capítulo 9

Evangeline

Estou distraída com meus devaneios quando minha campainha toca assustando-me. É minha amiga Camila. Ela ligou mais cedo me convidando para sair. Eu disse a ela que estava sem ânimo para sair de casa, então ela resolveu que viria para cá.

— Entra. — Digo com um desânimo aparente.

— Credo! De novo essa cara de enterro? Encontrar esse melhor amigo de infância não te fez bem. — Diz entrando e indo direto para a cozinha.

— O que você tem nessa sacola? — Pergunto ignorando o seu comentário.

— Comida japonesa e vinho. — Sorrio, mas é só por causa do vinho. Estou sem apetite para comer.

Sentamos na mesinha da cozinha e nos servimos. Eu como apenas alguns sushis e abandono a comida. Encho a minha taça de vinho, minha amiga me encara curiosa.

— E aí?

— E aí, o que?

— O que aconteceu?

— Eu é que te pergunto. Que mentira esfarrapada foi aquela de dizer no bar que tinha que ir embora? — Mudo o foco da conversa.

— Exatamente para que acontecesse o que aconteceu. Wilker. Ele é esperto, entendeu direitinho o recado. — Minha amiga sorri maliciosa e me conta sem nenhum pudor tudo que aconteceu entre ela e o Wilker sem omitir nenhum detalhe.

Então eu faço aquela pergunta tão comum entre nós. Aquela pergunta

NACIONAIS-ACHERON

sem palavras. Eu coloco minhas mãos abertas de frente uma para outra e vou as afastando até que ela me diga para parar. Ela está demorando me dizer para parar e eu começo a ficar preocupada.

— Aí. Para aí. — Analiso o espaço entre as minhas mãos incrédula e, ela cai na risada.

— Foi só fazer um esfocinho que coube direitinho.

— Você é muito safada!

— Quanto maior melhor meu bem!

— Agora me conta você, o que aconteceu? Não foi divertido o almoço e rever os seus amigos?

— Essa parte foi boa. Mas foi o que aconteceu antes, mas precisamente depois que fomos embora do bar.

— Conta logo! Vocês transaram?

— Claro que não! Somos amigos!

— Até quando você vai fingir que não está afim dele?

Respiro fundo, na verdade, acho que não consigo mais.

— Ele me beijou. — Camila me encara com aquela cara de *“finalmente.”*

— Isso é bom, não é?

— Não considerando todo o arrependimento visível nos olhos e nas palavras dele.

— Puxa amiga, que chato!

— Ele me pediu desculpas e disse que não ia mais acontecer. Eu também não quis dar o braço a torcer e fingi que não teve importância, mas depois ficou estranho. Quando ele veio me pegar ontem, pediu para conversarmos. Não dei chance, quando ele começou a se explicar logo cortei e deixei claro que não tinha significado nada. Disse a ele para esquecermos.

— Você se saiu bem. Que idiota! Mas como foi o beijo?

— Muito melhor do que imaginei que seria. — Respondo com pesar.

— Uau amiga, você está apaixonada! — Concordo com ela.

— Não sei lidar com isso. Ele deixou claro que não quer estragar a amizade.

— Me conta como foi rever o resto da trupe — Sorrio porque essa parte
NACIONAIS-ACHERON

foi maravilhosa e sou muito grata a ele por isso.

Contei tudo. Da casa maravilhosa dos pais dele, da emoção de rever a Indy e o Bê, da ex e mãe do filho dele também estar lá, do garoto lindo que é o Benjamin e é claro do lance no quarto dele em que ele quase me beijou... De novo.

— Ai, que cara indeciso! — Minha amiga bufa enteeda — Mas e a ex? Representa perigo?

— Se nós fossemos ter alguma coisa? Acho que não. Eles mal se falam, é tão estranho. Mas eu percebi que ela ficou meio hostil comigo no início, depois relaxou. Ela é muito bonita Camila, quase tirei uma foto dela para te mostrar. Pelas minhas contas não deve ter mais que vinte e quatro anos considerando que ela era menor quando engravidou.

— Bonita ou não, ele não quis. Ele quer você. — Camila diz com toda a certeza que tem. Mas eu discordo.

— Ele não me quer.

— Quer sim, só não quer assumir ou não tem coragem. Amiga, ele cantou aquela música pra você. Disse que está se apaixonando.

— Não, ele não disse. Não foi ele quem fez a música. — *Porque ela não para de falar? Pare de falar Camila, eu não quero ter esperanças!* — Eu realmente não quero mais falar sobre isso. Quero deitar no meu sofá, assistir um filme romântico e me entupir de chocolate, só isso!

— Não, você quer dar um *up* nesse visual. Cortar os cabelos, fazer as unhas, colocar a depilação em dia.

— É domingo Camila, não tem salão aberto.

— No shopping tem, querida.

— Eu não estou com disposição...

— Não discuta comigo! — Me interrompe — Levanta essa bunda daí e vamos. Nada que um trato no visual não resolva.

— Camila, um trato no visual não vai fazê-lo mudar de ideia.

— Mas vai te distrair. Vamos lá, vai ser divertido! — Não vou conseguir me livrar dela então aceito.

Três horas depois estamos sentadas na praça de alimentação do shopping cercadas por sacolas de compras, com as unhas e cabelos feitos. A

Camila apenas escovou e hidratou os dela, mas eu fui além, cortei um pouco e fiz umas mechas californianas em tons de mel. Fiquei satisfeita com o resultado. Nem loira, nem morena.

— Vamos de pizza? — Camila pergunta.

— Com certeza!

Meu telefone toca, é o Heitor. Esqueci completamente que ele quer pegar as coisas dele, mas não estou com saco para encará-lo então peço que vá outro dia.

Voltamos para meu apartamento. Camila se despede e parte. Tiro a minha roupa, escovo meus dentes e vou para cama com meu pensamento nele. Sempre.

[...]

A última vez que vi e falei com o Jesse foi no sábado, dia do almoço. Desde então não tenho mais notícias. Ele não me ligou nem mandou mensagens, eu também não liguei para ele e não mandei mensagens e hoje já é quinta-feira.

No início da semana eu estava muito ansiosa se ele me procuraria ou não, mas hoje já estou praticamente sem esperanças. Estou tentando seguir adiante desde então. Graças a Deus, estamos com muito trabalho no estúdio. Agora mesmo estou tirando as fotos de um bebê que é a coisinha mais linda.

Como uma imbecil eu me pego pensando em como que seria um bebê nosso, meu e do Jesse. Será que teria os olhos verdes dele, ou seriam castanhos como o meu? Teria suas covinhas? Sim, com certeza porque eu amo aquelas covinhas.

— Que cara é essa? Tá pensando em quê?

Droga Camila, não estraga minha fantasia!

— Em nada. — Minto. Ela não precisa saber dos meus delírios.

Meu telefone apita e eu congelo quando leio a mensagem acompanhada de um áudio. Eu quero muito ouvir, mas estou no meio do trabalho. Eu preciso muito ouvir. Encaro minha amiga com olhos suplicantes.

— Vai! — Ela diz entendendo tudo. A capacidade de percepção dela é incrível. Concorde e saio em direção a minha sala. Clico no áudio para ouvir.

É uma música do Jason Mraz — *Sleeping to dream*. Eu conheço a música, mas não respondo isso. Digito minha resposta.

"Se você quer que nossa amizade continue intacta você não pode me mandar músicas românticas que dizem coisas como quero dormir para sonhar com você. "

Estou muito brava agora e muito confusa também. Eu quero gritar com ele e manda-lo ir à merda, porque ele passou todos esses dias sem falar comigo e quando resolve aparecer me manda uma música romântica para confundir a minha cabeça.

A mensagem dele chega. Tenho medo de ler, mas leio porque a curiosidade está me matando.

"Eu sei. Me desculpe. Não sei o que me deu. "

Agora eu quero socá-lo pra ele parar de pedir tanta desculpa.

Eu sei o que te deu, Jesse James. Você sentiu minha falta, está com saudades. Assume de uma vez!

Não respondo, espero ansiosa pela próxima mensagem. Vejo que está digitando, digitando e a mensagem nunca chega. É como se ele não soubesse o que dizer e voltasse atrás apagando o que escreveu. Jesse para de digitar, mas não chega nada. Checo se o *WiFi* está funcionando. Nada. Nenhuma mensagem! De repente meu telefone toca e eu quase o deixo cair quando vejo que é ele. Respiro pausadamente para me acalmar.

— Oi! — É, não deu muito certo o exercício de respiração, minha voz saiu esganiçada e eu pareço desesperada.

— Ei! Como você está? — *Nada bem e é culpa sua!*

— Eu vou bem, Jesse, e você?

— Não muito bem. Estou sentindo falta da minha melhor amiga de infância.

— Foi você que desapareceu. — Sinto-me como se estivesse chutando um cachorro morto, mas não posso evitar. Estou muito brava com ele.

— Posso te ver hoje? — *Posso te ver hoje? Posso te ver hoje?*

Meu coração absorve essas palavras e um sorriso idiota surge no meu rosto fazendo toda minha raiva evaporar.

Claro que você pode me ver hoje Jesse, hoje e todos os dias que quiser.

— Eu estou meio enrolada aqui no trabalho. — Se ele disser que tudo bem eu juro que corto os meus pulsos.

— Você trabalha a noite agora, é? — Imagino seu sorriso lindo e logo já estou sorrindo também.

— Tudo bem, me pega na minha casa às oito em ponto. Não se atrase. — Desligo.

Ok, Jesse, foi você quem me procurou então não reclama depois. Eu vou te mostrar o quanto posso ser persuasiva. Você não perde por esperar!

[...]

Depois que Jesse me ligou não consegui mais trabalhar, eu só pensava em ir para casa me preparar para encontrá-lo. Então aqui estou eu olhando para o espelho depois de mais de três horas decidindo o que vestir. O meu vestido é preto – porque eu adoro preto – e curto, na verdade, ele é muito curto e solto da cintura pra baixo estilo balãozinho. Tem mangas longas e um decote em V profundo que normalmente eu não usaria, mas hoje é uma exceção. Para completar, calcei meus *scarpins* vermelhos novinhos e deixei meu cabelo solto. Fiz uma maquiagem leve, coloquei alguns acessórios e estou pronta. Pronta, ansiosa e com medo que essa noite tudo acabe de vez sem ao menos ter começado, no entanto, preciso tentar. Eu sei que ele também está envolvido, Jesse não fugiria de mim por tantos dias se não estivesse.

O interfone toca e o porteiro me avisa que ele está aqui.

Bom, é hora do show!

Jesse

Estaciono em frente ao prédio dela e peço ao porteiro que a avise que já estou aqui embaixo. É melhor não subir. Eu tinha planejado levá-la para jantar em algum restaurante aqui perto, mas os imprevistos do trabalho atrapalharam meus planos. Acabei de chegar e ainda estou fardado. Se eu fosse pra casa primeiro passaria da hora marcada e ela foi clara quanto ao horário.

O certo seria ligar e desmarcar, mas eu não consegui fazer isso, então vim direto para casa dela de moto. Hoje estou com a moto do Wilker, pois ele viajou no meu carro. Dada as circunstâncias, me vejo tentado a levá-la para a minha casa.

Vejo quando ela surge no portão de entrada do prédio e puta que pariu! Agora eu tenho certeza de que quero levá-la para a minha casa. Ela colocou esse vestido de propósito.

Se você quer me enlouquecer, Eva, parabéns, está conseguindo!

Assim que ela me vê, para de andar. Olha para mim, para a moto e depois para mim de novo, mas precisamente para a minha farda. Como ela fica paralisada, vou ao seu encontro, mas não consigo olhar para seu rosto, porque meus olhos criaram vida própria e estou olhando tudo, o decote generoso, as pernas à mostra, tudinho mesmo.

Quando finalmente encaro seu belo rosto, percebo a mudança nos seus cabelos. Está mais curto e com as pontas claras.

Eu gostei. Gostei de tudo, Evangeline, principalmente do decote.

— Porque você está fardado?

— Tive um imprevisto no trabalho.

— Porque você não me avisou? Você podia ter desmarcado. —
Reclama.

— Eu sei. — Respondo, olhando novamente para o seu decote. Ela acompanha meu olhar e revira os olhos.

— Você está olhando para o meu decote.

Eu sei, Evangeline, eu sei.

— Se você quer que essa amizade continue intacta você não pode olhar para mim dessa forma — Aponta para o meu rosto e para os peitos dela.

— Eu sei. — Bufo — E se você quer que nossa amizade continue intacta você não pode usar um vestido desse perto de mim.

— Desculpe, eu posso trocar.

Pode, mas eu não vou deixar, Eva.

— Tudo bem. Vem. — Digo pegando na mão dela. Eu sei que estou fazendo tudo errado, a noite que terminou com um beijo começou exatamente assim, mas eu não consigo evitar.

Quando chegamos à moto, entrego o capacete a ela e monto. Eva não move um músculo e está me olhando como se eu fosse de outro planeta.

— Você está brincando, não é? — Pergunta apontando para a moto — Eu não vou subir nisso, estou de vestido!

Olho para o vestido, para as pernas. Demoro mais que o necessário olhando para as pernas.

— Ele não é justo no corpo. Você consegue subir, vai. — Mas ela não sobe.

— Eu vou sentir frio. — Eva ainda tenta me convencer. Pego meu casaco na minha mochila e entrego a ela. Mesmo assim ela não se move, continua me encarando incrédula — Vamos lá Eva, você já foi mais aventureira!

— Eu até poderia, se não estivesse de vestido e com uns saltos desses!

— Sobe Eva! — Insisto e ela bufa pegando o casaco.

— Você não retirou corpos despedaçados de ferragens de carros hoje, não é? — Pergunta apontando para a minha farda. Nego com a cabeça sorrindo.

— Hoje não.

Ela assente e ergue as mãos dando-se por vencida. Pego o capacete da mão dela e o coloco no guidão, em seguida visto meu casaco nela. Evangeline apoia a mão no meu ombro e sobe na moto. Devolvo o capacete a ela.

— Vai estragar meu cabelo! — Ela resmunga.

— Mas pode salvar sua cabeça se cairmos. — Ela bate no meu ombro e eu caio na risada. Ela também sorri. Nós sorrimos juntos e eu gosto muito quando sorrimos juntos. — A propósito, eu adorei seu cabelo. — O rosto dela se ilumina com o elogio.

Eu quero muito beijar você agora, Eva!

Ela coloca o capacete e, eu pego suas mãos e a envolvo na minha cintura.

— Segura firme! — Dou partida no moto e seguimos em direção ao Recreio dos Bandeirantes.

No meio do trajeto, descanso meu braço na perna dela e ela encosta a

cabeça no meu ombro. Estamos seguindo pela Av. Das Américas e ela ainda não me perguntou para onde estamos indo.

Droga! Eu estou fazendo tudo errado!

Eu devia ter desmarcado, na verdade não devia ter marcado nada. Porque eu sei que estou correndo um risco. Fiquei todos esses dias sem falar com ela na esperança de que essas emoções desaparecessem, mas só consegui ficar com saudades e bastante irritado.

Estava me enganando, essas emoções não vão passar e as coisas não vão voltar ao normal enquanto eu continuar sentindo o que estou sentido. Então, tenho apenas duas opções: Ou me afasto definitivamente, ou deixo as coisas acontecerem. A primeira está fora de cogitação.

[...]

Entramos no estacionamento do meu prédio, Eva desce da moto e me entrega o capacete. Acho graça ao vê-la ajeitando o cabelo de cara feia. Mas a graça acaba no momento que ela tira o casaco.

Putá merda! É melhor você vestir ele de novo, Eva, ou eu não respondo pelos meus olhos.

Prendo os capacetes na moto. Pego o casaco, a minha mochila e a conduzo até o elevador segurando sua mão.

Caramba estou novamente segurando sua mão. Porque não consigo parar de fazer isso?

No elevador, aperto o botão do andar sem soltar a mão dela. Subimos em silêncio.

Abro a porta do apartamento e dou espaço para ela entrar. Eva está olhando tudo admirada.

— É muito bonito e grande. Só esta sala parece maior que o meu apartamento.

— Obrigado. Os preços da zona sul são exorbitantes, talvez você deva considerar vir para a zona oeste.

— Imóvel está caro para todo lado. — Sorrio concordando.

— Fique à vontade, Eva. Vou tomar um banho.

— Por quê? Você fica tão bem nessa farda. — Está me provocando, eu

sei.

Ela não é a primeira mulher a me dizer isso, mas com certeza a que eu mais gostei de saber que gosta da minha farda. Eva se aproxima de mim lentamente e toca a minha arma.

Não faz isso comigo, Evangeline!

— Eu acho tão sexy homem fardado. — Sorrio sem graça tirando a mão dela de cima da minha — Você já usou essa arma?

— Algumas vezes.

Está me encarando com um olhar malicioso.

— Você me ensina a atirar?

O quê?

— Não. Eu não ensino. Nunca quero te ver com uma arma, Evangeline. — Ela faz bico — Tem vinho na geladeira. Eu sei que você gosta. — Deixo-a na sala e vou para o meu quarto.

Tomo um banho rápido, visto uma camiseta, uma bermuda e calço meus chinelos. Não planejei nada para a gente fazer a não ser vir pra cá. Vou perguntar o que ela prefere.

Quando retorno, a encontro na cozinha sentada à mesa bebendo uma taça de vinho e comendo azeitonas.

— Não tem nada de comer nessa casa?

— Desculpe. Podemos pedir alguma coisa ou sair pra comer, o que você preferir. — Me aproximo e sirvo uma taça de vinho pra mim.

— Eu não me produzi toda para ficar presa em um apartamento. — Diz apontando para si mesma.

Não precisa mostrar Eva, eu já memorizei cada detalhe.

— Então vamos sair. — Viro a taça de vinho de uma vez e pego minhas chaves.

— De moto? Não obrigada. — Nega colocando a azeitona lentamente na boca.

Eu sei o que você está fazendo. Não faça!

— Vamos a pé então chatinha. Tem um restaurante aqui perto. — Engulo seco observando o movimento da sua garganta enquanto ela engole. Eu vou para o inferno hoje porque imagens depravadas estão dançando na

NACIONAIS-ACHERON

minha mente. Imagens de coisas que quero fazer com ela.

Evinha termina seu vinho e me acompanha. Mais uma vez estamos no elevador olhando para frente. Dessa vez ninguém sorri. O clima está tenso e eu sei que se a gente se tocar provavelmente sairá faíscas.

Sáimos do prédio e caminhamos lado a lado em direção ao restaurante que fica na esquina. Entramos e nos sentamos em uma mesa próxima a janela. Olho o cardápio sem interesse, mas ela parece empenhada embora confusa sobre o que pedir.

— O que você sugere? — Pergunta.

— As massas daqui são muito boas.

— Então eu vou querer nhoque à bolonhesa. Eu adoro! Vinho também.

— Chamo o garçom e faço nossos pedidos.

O vinho chega e o garçom nos serve. Pego a minha taça e levanto na direção dela. Ela imita meu gesto e fazemos um brinde.

— A nossa amizade. — Diz com desânimo.

— A nossa amizade. — Repito com a mesma empolgação.

Evangeline bebe um longo gole do vinho e lambe os lábios de forma provocante. Fico enfeitiçado com o gesto e me ajeito na cadeira. De repente o assento fica desconfortável, mas sorrio porque se o que ela quer é me provocar, está conseguindo e agora eu quero terminar esse jantar o mais rápido possível e partir logo para a sobremesa.

Estamos na segunda garrafa de vinho e saboreando nossa massa. Ela me conta sobre o seu trabalho animada. A ouço encantado falar sobre a época em que abriu o estúdio, dá época da faculdade...

— E você? — Pergunta mudando de repente o foco da conversa.

— O que tem eu?

— Eu falo, falo e você nada, não me conta nada.

— O que você quer saber?

— Você não me disse em que se formou.

— Nem você.

— Eu fiz publicidade.

— Eu fiz agronomia. — Me encara espantada.

— Agronomia? Por que?

— Porque não? — Não quero falar sobre isso.

— Porque não tem nada a ver com você, com os seus pais.

— Bom eu tinha que escolher um curso, então escolhi agronomia. —
ela estreita o olhar me avaliando.

— Por que policial rodoviário? — Outra pergunta que não quero
responder.

— Porque não? O que tem de mal ser um policial rodoviário? —
Respondo com outra pergunta.

— Não tem nada de mal, é só que você poderia ter escolhido qualquer
coisa.

— Você está certa, eu poderia ser qualquer coisa e eu escolhi ser
policial rodoviário.

— Tá legal, Jesse. Está claro que você não quer falar sobre isso. Tudo
bem. Do que vamos falar então?

— De você, do seu ex...

— O que tem ele? — Pergunta surpresa.

— O que ele queria? Você o encontrou depois?

— Ele me ligou de novo no domingo, mas eu estava no shopping com a
Camila. Ele só quer pegar as coisas dele, Jesse.

— Falando na Camila, ela e o Wilker, hein? — Mudo de assunto.

— Pois é. Você sabia que o alvo dela era você?

— Ainda bem ela mudou de ideia. Eu gosto da minha cabeça. —
Gargalhamos juntos.

Ela para de rir e me fita intensamente. Ergue uma de suas mãos e passa
o dedo indicador sobre minha sobrancelha.

— Por que você tem que ser tão bonito? Muitos meninos da nossa
época engordaram ou acabaram ficando careca, mas você não, você tinha que
ficar ainda mais bonito. — Eu não respondo nada porque isso não está
parecendo um elogio. — E porque você tem que ter essas sobrancelhas
grossas e mais escuras que o cabelo? Pra que ter olhos tão intensos? E porque
você tem que ter essas covinhas e essa barba? Eu acho muito sexy homem de
barba.

Eva suspira e encosta-se na cadeira angustiada. É a primeira vez na
NACIONAIS-ACHERON

vida que vejo alguém reclamar de beleza.

Encho a minha taça de vinho até quase entornar. Se eu estou pensando em quebrar as minhas próprias regras agora, tenho certeza que vou precisar de um pouco mais de coragem.

Terminamos de comer sem trocar uma palavra. Chamo o garçom e peço a conta. Ela termina o seu vinho e se levanta. Caminhamos até a saída, Evinha para na calçada e olha pra mim.

— Então, essa é a hora que você chama um taxi para me levar pra casa.
— Diz hesitante.

— Sim. — Concordo.

— Tem algum ponto de taxi por aqui?

— Tem sim. Na próxima rua. — Assente visivelmente decepcionada. Me encara por alguns instantes esperando alguma atitude.

— Então é isso. Até logo Jesse. — Se despede e vira-se de costas para caminhar. Não consigo deixá-la ir e a puxo pela mão a pegando de surpresa.

— Quer saber? Foda-se. — Resmungo e antes que ela possa processar as minhas palavras meus lábios estão colados aos dela, meu corpo colado ao seu e minhas mãos na sua cintura.

Ela lança os braços em volta do meu pescoço e prende os seus dedos nos meus cabelos. Nosso beijo é meio desesperado e estamos dando um show na frente do restaurante. Me separo dela e levo minhas mãos ao seu rosto segurando-o firme. Encaro seus olhos atentamente, eles brilham de desejo. Seus lábios estão inchados pela possessividade do meu beijo e vê-la assim tão entregue é o suficiente para tomar minha decisão.

— Minha casa. Agora. — Digo pausadamente. Ela balança a cabeça concordando e partimos em direção ao meu prédio.

Estamos andando rápido, na verdade, estamos quase correndo e posso dizer que não tenho nenhum controle sobre mim agora, eu só sei que preciso dela nesse momento mais do que preciso respirar.

Capítulo 10

Jesse

O elevador se fecha e a prendo entre mim e a parede. Estamos uma bagunça agora, minhas mãos estão por toda parte do seu corpo, seus cabelos estão desalinhados em seu rosto, mas ela parece não se importar. Enfio a mão por baixo do seu vestido e Eva enrosca uma perna na minha.

As portas do elevador se abrem e saímos apressados em direção ao meu apartamento. Assim que eu fecho a porta, a empurro até a parede mais próxima.

Eu tenho gostado de empurrar você contra as paredes, Eva!

Ela agarra os meus cabelos e prende seus lábios aos meus. Seguro seu queixo e passo a minha língua sobre eles, depois desço plantando beijos pelo seu pescoço. Agarro um dos seios por cima do vestido e a ouço gemer com meu toque. Ela levanta a minha camiseta e explora meu tórax, meu abdômen antes de arrancá-la do meu corpo. A viro de costas e abro o zíper do seu vestido, Eva ergue os braços e o arranco do seu corpo. Caramba, a calcinha dela é minúscula e eu perco alguns segundos admirando sua bunda antes de virá-la novamente. De frente para ela, me abaixo e tiro a sua calcinha.

— Uau! — É o que consigo dizer. Olho para cima e a vejo sorrir.

Levanto-me e abro o zíper da minha bermuda que cai aos meus pés. Seu olhar está vidrado em mim. Ela está apenas de sutiã e de saltos e eu apenas de cueca. Parto para cima dela novamente beijando-a nos lábios, pescoço... Abaixo a alça do sutiã e beijo seu ombro.

— Por favor, Jesse. — Sussurra no meu ouvido. Então apenas abaixo a cueca e me posiciono entre suas pernas.

— Por favor, me diz que você toma pílula. — Digo. Eu sei que eu deveria usar preservativo, mas tirando o risco de uma gravidez indesejada

NACIONAIS-ACHERON

confio totalmente nela e quero que ela confie em mim.

— Eu tomo pílula. — Suas palavras são músicas para os meus ouvidos.

— Estou limpo. Você confia em mim? — Balança a cabeça concordando.

Sem esperar mais, me enterro dentro dela. A sensação é indescritível. Ela geme alto e a empurro um pouco mais forte contra a parede. Evangeline segura em meus ombros e segue o meu ritmo.

É perfeito, ela é perfeita. A sensação de estar dentro dela é tão maravilhosa que acho que não vou conseguir me segurar por muito tempo, nem ela. Estamos em uma deliciosa sincronia, corpo, lábios, mãos e braços. Tudo se encaixa perfeitamente.

— Ah Evangeline! — Sussuro baixinho no seu ouvido.

— Diz de novo. — Ela pede — Diz o meu nome de novo. — Eu digo, uma, duas, três vezes. Repito o nome dela como se fosse um mantra e a sinto se desfazer em meus braços com gemidos inebriantes. Linda!

Agora é minha vez, Eva.

Empurro ainda mais fundo dentro dela, rápido e forte. Eva agarra meus cabelos e me beija. Beijos se misturam a gemidos, olhares se fixam um no outro e meu peito parece que vai explodir de tanto sentimento. E é olhando em seus olhos que eu alcanço minha libertação com uma intensidade nunca antes experimentada.

Ainda estamos enroscados um ao outro. Ela está agarrada a mim com a cabeça em meu ombro. Vou saindo de dentro dela devagar a apoiando no chão. Seguro seu rosto entre as mãos e a beijo nos lábios.

— Isso foi... Muito bom! — Digo por fim. Ela sorri lindamente. Encaro seu corpo descaradamente. Ainda está de sutiã. Eu o tiro e o jogo para longe.

— Bem melhor... Você é linda, Eva. Quero mais um pouco disto, na verdade, quero muito mais.

Ela me dá um sorriso sexy, eu a pego em meus braços e a levo para o meu quarto. Deito-a na cama e termino de tirar a minha cueca. Ela me olha fascinada e meu ego infla tanto que quase explode. Deito por cima dela e a beijo lentamente.

Eu gosto muito de beijar você, Eva. Quase tanto quanto estar dentro de você.

— Você é deliciosa, Eva! — Digo entre os beijos que vou plantando por toda parte do seu corpo. Ergo a cabeça e pisco para ela sorrindo enquanto deslizo meus dedos em seus seios com cuidado. Ela sorri e pega minha mão e a aperta sobre eles.

— Não tenha medo, eles não vão estourar. — Diz com um sorriso divertido. Pego um dos mamilos entre os dentes e o sugo lentamente, faço a mesma coisa com o outro. Eva joga a cabeça para trás recebendo o meu toque.

— Eu posso dizer com cem por cento de certeza que eu não tenho nada contra silicones. — Contínuo beijando seu corpo, descendo pela barriga, pelo seu ventre, até chegar no meio das suas pernas.

Introduzo lentamente um dedo dentro dela que geme arqueando as costas. Introduzo mais um dedo e os movimento para dentro e para fora bem devagar enquanto ela balbucia o meu nome. Continuo torturando-a até ela não resistir mais.

— Jesse. — Murmura — Você. Dentro. De. Mim. Agora!

Ela não precisa falar duas vezes, me posiciono e mais uma vez estou dentro.

Dessa vez é suave. Não precisamos ter pressa, é bom de todo jeito com ela, devagar, rápido, de pé ou deitado. Saboreio cada movimento, cada estocada. Inverto nossa posição colocando-a por cima. Ela começa a se mexer lentamente. Minhas mãos estão em seus seios e eu os acaricio bem devagar. A visão é simplesmente perfeita.

Envolvo meus dedos nos cabelos da sua nuca e a puxo para beijá-la. Eva começa a movimentar-se mais rápido e minhas mãos vão para os seus quadris para ajudá-la e mais uma vez nos entregamos ao prazer que estamos proporcionando um ao outro.

E eu? Eu estou muito ferrado agora, completamente ferrado.

Evangeline

Eu ainda não consigo acreditar que finalmente aconteceu. Tenho certeza de que estou com sorriso idiota pregado na cara, mas não estou

ligando.

Jesse sorri de volta para mim, beija minha testa e se levanta. Encaro seu corpo nu com malícia. Ele tem o bumbum mais lindo do mundo sem contar o resto. Fico um pouco ansiosa quando ele deixa o quarto, mas felizmente não demora. Jesse pega um edredom e deita-se na cama nos cobrindo. Ficamos um de frente para o outro como naquele dia na casa dos pais dele. Esse silêncio meio que começa a me incomodar.

Fala alguma coisa, Jesse!

— Eu quero saber uma coisa. — Finalmente diz me puxando para perto.

— O que é?

— Esse lance com seu nome. Acho que agora posso perguntar. Você disse que gosta dele principalmente quando sai da boca de um homem. — Com certeza fiquei vermelha agora. Ainda não acredito que disse isso para ele.

— Você não quer saber isso.

Que vergonha!

— Ah eu quero sim, desde o dia que você disse.

— Tá legal, mas é você quem está insistindo... Bom, eu conheci um cara na faculdade e uma vez ele disse que meu nome deveria ficar ainda mais bonito saindo da boca dele quando estivesse transando comigo.

— E ele comprovou isso. — Concordo com cabeça. Pela sua cara, ele não gostou.

— Tá legal, agora quero te pedir uma coisa.

— Pede.

Eu farei qualquer coisa que você pedir, Jesse!

— Não me pede mais para chamá-la de Evangeline. Não quero que você se lembre desse babaca toda vez que eu disser seu nome. — Diz deslizando os dedos pelos meus seios até chegar ao meu ventre.

— Tudo bem. — Respondo afetada pelo seu toque — Porque todos os homens são babacas pra você?

— Não todos os homens, só os que já te tocaram.

— Você está se chamando de babaca?

— Todos os que já te tocaram menos eu. — Sorrimos juntos.

— Só pra você saber, não penso nele toda vez que ouço meu nome, nunca pensei, mas de você eu tenho certeza de que sempre vou me lembrar daqui para frente quando eu escutar. — Pisco cheia de malícia — O meu nome fica perfeito saindo da sua boca. — Afirmo deslizando meus dedos em seus lábios — Mas você está liberado para me chamar do que quiser Evangeline, Eva, Evinha.

— Então vem aqui, Eva – Me puxa para cima dele e me cobre de beijos.

[...]

Acordo e me movo lentamente na cama. Olho para o lado e Jesse está de bruços com rosto virado para mim e com o braço em cima da minha barriga. Lembro-me da noite anterior e um arrepio percorre todo o meu corpo. O edredom cobre apenas o bumbum dele e eu posso admirá-lo minuciosamente. Ele é realmente é muito bonito. Seu cabelo desalinhado o deixa ainda mais sexy. A barba cerrada me faz relembrar de todos os lugares do meu corpo por onde ela passou. Seu rosto é perfeito e as leves sardas nos ombros me faz querer deslizar minha língua sobre elas.

Que safada, Evangeline!

Eu quero muito acordá-lo com beijos, afagar seus cabelos e bagunçá-los ainda mais, no entanto prefiro deixá-lo dormir. Tenho medo de que assim que ele acordar o arrependimento esteja visível em seus olhos como no dia em que nos beijamos. Eu como a covarde que sou prefiro levantar devagarinho sem e sair de fininho.

Deprimente, eu sei.

Vou até a sala onde as nossas roupas ficaram espalhadas. Visto meu sutiã e minha calcinha. Quando estou me abaixando para pegar o meu vestido percebo que estou sendo observada. Assusto-me quando o vejo encostado no batente do corredor. Jesse está usando apenas uma cueca boxer que me faz querer correr até ele e devorá-lo.

— Você está fugindo, Evangeline? — Pergunta estreitando o olhar.

Fui pega em flagrante na minha covarde tentativa de escapar de fininho.

NACIONAIS-ACHERON

— *Er...* Hum... Não, eu só não quis te acordar. Você estava dormindo tão profundamente e eu realmente preciso ir.

— Você precisa ir ou quer ir? — Pergunta caminhando na minha direção.

— Eu preciso. Temos uma festa de aniversário a tarde.

— Entendi. — Diz chegando mais perto. Ele tem um olhar indecifrável, mas eu consigo perceber um vislumbre de arrependimento em seu rosto e isso dói.

Ouvimos um barulho na porta e antes que possamos fazer qualquer coisa, a porta é escancarada e o Benjamin e a mãe dele surgem bem na nossa frente.

Clarissa nos encara sem acreditar no que está vendo e suas mãos cobrem os olhos do Ben. Meu rosto deve estar queimando mais do que o sol agora. Eu corro e agarro o meu vestido.

— Que porra é essa, Jesse? — Ela pergunta me ignorando totalmente.

Está visível em seu rosto o constrangimento e a raiva que ela está sentindo.

Jesse não a responde, na verdade ele ignora totalmente a pergunta dela. Visto minha roupa rapidamente enquanto vejo o Ben tentar se libertar da mãe gritando "*deixa eu ver*" sem parar.

Ai que vergonha! Eu quero que um buraco se abra neste exato momento e me engula!

Pego meus saltos, minha bolsa e abro a porta. Ela solta o garoto que corre em direção ao pai para abraçá-lo.

— Eu realmente preciso ir Jesse. — Viro-me na direção dela — Me desculpe por isso Clarissa. — Bato em retirada, mas não antes de ouvi-lo chamar meu nome.

Nunca em trinta anos de existência passei uma vergonha tão grande!

Enquanto espero o elevador ouço a porta do apartamento se abrir, mas não é ele quem sai e sim a Clarissa.

— Desculpe eu aparecer de repente...

— Não se desculpe. — Interrompo.

— Ele está usando você. — Olho para ela confusa — Ele não vai te

assumir. Nem você, nem qualquer outra mulher. Ele pode até ter um pouco mais de consideração por você por terem uma história, mas não se iluda. O Jesse não gosta de ninguém, não ama ninguém. Ele só amou uma garota e ela está no passado dele.

— Você está no passado dele. Está querendo me dizer que você é essa garota? — Pergunto com sarcasmo. Não acredito que ela está me dizendo essas coisas!

— Quem me dera, não sou eu, mas o que me conforta é que também não será nenhuma outra. Bom é isso, é o conselho que eu te dou. Não se iluda.

As portas do elevador se abrem e praticamente me joga para dentro.

— Obrigada pelo conselho, mas acho que correrei o risco. — Aperto o botão e graças a Deus as portas logo se fecham.

Meu Deus, o que foi isso? Quem ela pensa que é pra falar sobre o Jesse comigo? E quem é essa garota do passado? Ela fez isso de propósito, tentou me envenenar e colocar caraminholas na minha cabeça.

— Meu Deus, que droga! — Bato na minha boca por usar as palavras Deus e droga numa mesma frase.

Paro um táxi assim que viro a esquina. Meu rosto ainda queima de vergonha quando me lembro do filho dele nos vendo naquela situação. Eu estou pouco ligando para a mãe, mas me preocupo com o garoto, quero que ele goste de mim, quero que o pai dele goste de mim, eu quero que os dois me amem.

Meu celular apita e vasculho minha bolsa atrás dele.

Preciso comprar um celular maior!

É uma mensagem dele. Um simples pedido de desculpa.

Droga!

Capítulo 11

Evangeline

— Já ia começar sem você. — Camila diz assim que me aproximo.

— Desculpe, dormi mal essa noite. Vamos? — Começo a caminhar, mas ela não me acompanha, continua parada no mesmo lugar.

—Você vem ou não? — Pergunto. Ela não responde, caminha em direção a um banco no calçadão. Não tenho opção a não ser ir atrás dela.

— Senta aqui, vamos conversar.

— Eu não vim aqui para conversar e sim pra correr. — Resmungo, mas sou ignorada com sucesso. Ergo as mãos em rendição e me sento ao seu lado.

— Olha eu detesto ser a pessoa a ter que te dizer isso, mas sou sua amiga então lá vai. — Camila solta a respiração devagar antes de continuar — Essa amizade não está te fazendo nada bem. Desde que esse cara voltou pra sua vida é como se sua luz própria se apagasse um pouquinho mais a cada dia. Olhe só para você! Triste e com olheiras. Nem vou perguntar se vocês transaram porque está na cara que...

— Nós transamos. — Confesso incapaz de olhar para ela.

— Tá vendo? Isso era pra ser ter sido bom...

— Mas foi bom, foi incrível!

— Mas me deixa adivinhar, ele se arrependeu depois?

— Eu não sei se ele se arrependeu porque saí de lá correndo quando a mãe do Benjamin e o próprio Benjamin apareceram de repente e nos flagraram em uma situação um pouco embaraçosa.

— Transando? Uau!

— Não! Nós estávamos apenas conversando, mas eu estava apenas de lingerie e ele de cueca. Na loucura do momento eu vesti o meu vestido e meti

NACIONAIS-ACHERON

o pé. Ai Camila, que vergonha! A Clarissa tampando os olhos do Ben e ele pedindo para ver.

— Isso seria cômico se não fosse trágico. — Concordo com a cabeça — Então vocês ainda não conversaram a respeito e você está deduzindo que ele se arrependeu?

— Isso foi na sexta de manhã amiga, hoje é sábado e ele ainda não me ligou, apenas me mandou uma mensagem pedindo desculpas pouco depois que eu saí. Não me resta outra alternativa a não ser deduzir isso.

— Entendo. — Ela me abraça.

— E o pior você não sabe. Enquanto eu esperava o elevador a Clarissa veio atrás de mim pedindo desculpas, mas o que ela queria mesmo era destilar o seu veneno sobre mim. Ela disse pra eu não me iludir, que o Jesse não ama ninguém, que não vai me assumir e que só amou uma mulher que está no passado dele, que claramente não é ela.

— Que vaca!

— Ela ainda disse que o que a conforta é saber que mesmo essa mulher não sendo ela, não será nenhuma outra, é mole?

— A senhorita garras de fora pelo menos disse quem é essa mulher do passado? — Acho graça do apelido e caio na risada, ela também ri. Gargalhamos até saírem lágrimas dos meus olhos.

— Ela não disse, e sinceramente, nem sei se isso é verdade. Fiquei encucada na hora, mas agora, não estou dando tanta importância.

— Agora a pergunta que não quer calar. — Minha amiga começa a fazer o gesto com as mãos afastando-as. Abaixo as mãos dela.

— Não estou no clima. — Ela faz beicinho.

— Eu não acredito que você não vai me dizer o tamanho. Sempre dizemos o tamanho! — Reviro os olhos sorrindo enquanto ela volta a fazer o gesto.

— Aí, pode parar. — A vadia sorri satisfeita — Não é nenhum Wilker, mas fez o seu trabalho direitinho e agora eu estou ainda mais apaixonada se é que isso é possível.

— Poxa Evangeline, que furada você se meteu amiga! — Apenas concordo.

— Você e o Wilker comentam sobre a gente? Ele por acaso disse alguma coisa sobre o Jesse que possa nos ajudar a desvendá-lo?

— Sem chance amiga, ele é leal. Até tentei arrancar alguma coisa dele, mas foi em vão. Espera aí! Como a senhorita garras de fora entrou no apartamento?

— Ela tem a chave, acredita? — Achei estranho na hora, mas não tive tempo de pensar sobre isso.

— Porque ela tem a chave se eles não têm nada? E porque ela estava lá tão cedo?

— Eu não sei Camila. Confesso que fiquei intrigada, mas como ele sumiu, não tenho como perguntar e eu não vou ligar para saber.

— Quer saber? Não temos nenhum trabalho hoje à noite. Sem casamentos ou festas de aniversário. Vamos sair só nós duas.

— Ah é? E o Wilker?

— Foi para Niterói. Está decidido, vamos beber todas hoje. Agora levanta essa bunda daí e vamos correr. — Ela se levanta e começa a correr na frente. Coloco meus fones e vou atrás dela.

Alguns dias depois.

Jesse

— Que cara de velório é essa? — Wilker pergunta quando passa por mim. Estou deitado no sofá com meu notebook na mão e adivinha? Eu estou *stalkeando* o perfil da Eva no Facebook.

— Não enche. — Respondo mal-humorado.

— Cara você é deprimente. Liga pra garota!

— Não me lembro de ter pedido conselhos, Wilker.

— Bom, pelo menos você não veio com aquele papo besta de amizade de novo.

— Acho que nem se eu quisesse. — Falo mais para mim mesmo do que para ele.

— Jesse, acorda! Você não quer amizade com a Evangeline, quem quer

enganar? Olha só para você, está aí curtindo fossa. Você tinha que ter ligado e a procurado logo em seguida dada as circunstâncias em que ela saiu daqui. Uma semana é muito tempo cara! Dá tempo de passar um milhão de coisas na cabeça, ainda mais se tratando de mulher. A cabeça de uma mulher não é como a cabeça de um homem, quantos anos você tem cara? Aposto com você que ela deve estar pensando de tudo, menos o que de fato é.

Reflico sobre o que ele está dizendo. Meu amigo está certo, mas eu não quero procurá-la por impulso. Ainda sinto como se pudesse acabar estragando nossa amizade, que é o meu bem mais precioso.

— Você não percebe, mas está estragando não só essa amizade que pra mim já foi para o inferno a muito tempo como também está estragando a chance de começar algo com ela. Foi você mesmo que disse que gostava dela no passado, então qual é o problema?

— O problema é que o que eu sinto por ela é maior do que qualquer outra coisa que já senti e estou apavorado com a intensidade desse sentimento, cara. Eu perdi a Eva uma vez e não vou perdê-la de novo. Se para tê-la comigo para sempre eu tiver que abrir mão de amá-la talvez eu o faça.

— Para de se iludir, Jesse! Se fosse só amizade, ela teria continuado mesmo depois de você ter ido embora. Agora que vocês se reencontraram você não consegue manter isso, porque definitivamente não é. — Ele faz uma pausa e suspira entediado com a minha covardia — O que você não percebe é que pode ter a amiga e a mulher juntas, porque as duas são a mesma pessoa e se você a ama não vai fazê-la sofrer. Você consegue meu amigo.

— Você está certo, Wilker. Como sempre você é um filho da puta cheio de razão! — Ele sorri satisfeito.

— Então para de ficar babando nas fotos da garota e vai babar no corpo dela, literalmente.

— Eu vou. Só preciso pensar no que vou dizer a ela.

— Só não pensa demais. Uma mulher gostosa daquela sozinha em um sábado à noite e com dor de cotovelo é um prato cheio para marmanjos.

Atiro o mouse nele que desvia.

Droga, ele tem toda razão!

Olho no relógio e calculo o tempo até chegar a zona sul. Ainda é dia. Decido não ligar ou mandar mensagem, pois pode ser que ela me ignore.

Levanto-me e vou para o meu quarto, visto a primeira camiseta que encontro. Pego minha carteira, meu celular e, cadê a chave do meu carro? Bato na porta do quarto do Wilker.

— Cadê a chave do meu carro?

— Vai de moto, vou precisar do seu carro hoje. — Abre a porta e me empurra a chave da moto e o capacete.

Saio de casa em direção a Copacabana, em direção a minha Evinha. Espero muito conseguir me acertar com ela.

Capítulo 12

Evangeline

É incrível como o ser humano na maioria das vezes só para pra observar o mundo ao seu redor quando estão tristes ou com problemas. Eu sei disso porque estou fazendo isso neste exato momento. Estou observando o mar e ele é lindo.

É lindo a imensidão azul e é mais lindo ainda quando essa imensidão azul do mar se encontra com a imensidão azul do céu. Acabo de descobrir minha nova cor favorita, azul. Se pudéssemos escolher uma cor para identificarmos a vida a minha com certeza seria azul, mas não neste momento, neste momento minha vida é completamente cinza.

Eu odeio cinza. É uma cor sem graça, assim como a minha vida e neste momento estou filosofando, filosofando! Droga!

Já faz uma semana que saí fugida do apartamento do Jesse. Nunca na minha vida fiquei tão constrangida como naquele dia, não por causa da senhorita garra de fora, mas pelo o seu filho Benjamin ter me visto quase nua.

Droga!

Jesse não me ligou, não me mandou mensagens, nem músicas que pudessem me dizer como ele está se sentindo e eu o odeio por isso. Eu o odeio por me fazer sentir mal, eu o odeio por ter reaparecido em minha vida, o odeio por me fazer apaixonar novamente por ele. Eu o odeio mais ainda por que eu acho que o amo.

Já imaginei centenas de vezes o momento em que ligo pra ele. Eu ligo e o xingo de idiota e covarde. Eu o xingo até não sobrar nenhum outro adjetivo para xingá-lo e depois desligo na cara dele sentindo-me bem melhor.

Quem eu quero enganar?

NACIONAIS-ACHERON

Começo a pensar no que ele realmente sente por mim. Parecia nítido que a atração era recíproca, mas aí depois que nos beijamos ele deixou claro que só queria amizade. Depois me convidou para sair, depois transou comigo e por último desapareceu. Eu acho que quero matá-lo. Acho não, eu quero porque sinto que vou chorar agora. Sinto não, eu estou chorando.

Droga, droga e droga! Droga definitivamente é minha nova palavra favorita.

Limpo meus olhos, mas as lágrimas são mais rápidas do que minhas mãos. Elas estão se libertando, pois estão a mais de uma semana tentando sair. É melhor ir chorar em casa, será menos patético.

Levanto e caminho e direção ao meu prédio. Eu amo que eu possa morar perto do mar. Amo que possa morar na zona sul e ser privilegiada por toda essa beleza, por toda essa natureza. O que eu mais amo no Rio é esse contraste entre a arquitetura moderna e a arquitetura francesa. É incrível!

Assim que saio do calçadão e atravesso a avenida meu celular toca. Deve ser a Camila furona. Me deixou na mão hoje. Aposto que vai sair com o Wilker por isso não veio correr. Ao contrário de mim e do Jesse os dois estão indo muito bem, embora ela fique me enganando e se enganando dizendo que é só sexo. Pego meu celular e meu coração quase para quando vejo quem é. Jesse.

Reflito por um tempo se quero ou não o atender. Eu quero muito atender, mas decido que não vou. O celular para de tocar e suspiro aliviada, mas é por pouco tempo, porque ele começa a tocar novamente. Respiro fundo e atendo.

— Oi. — Digo secamente.

— Evangeline! — Ele diz meu nome e fica em silêncio esperando que eu fale, mas eu não digo nada. O ouço pigarrear do outro lado — Onde você está?

— A caminho de casa. Por quê?

— Estou aqui na porta do seu prédio.

Na porta do meu prédio? Meu coração está dando cambalhotas agora.

— O que você quer?

Não vou facilitar pra você, Jesse James!

— Quero conversar com você.

— Um pouco tarde...

— Por favor, Eva! Me deixe conversar com você. — Sinto a aflição na sua voz. Estou feliz e com raiva ao mesmo tempo por ele estar na minha porta. Feliz por ele ter me procurado e com raiva por saber que provavelmente virá com aquele papo de amizade de novo.

Eu juro que o mando pra puta que pariu se ele ao menos começar!

Viro a esquina e o avisto na porta do meu prédio encostado na moto falando ao celular. Ele está de moto. Um arrepio percorre a minha espinha quando me lembro do dia em que andamos de moto. A moto de Wilker é uma daquelas motos altas que deixa o bumbum da mulher empinado e a deixa colada no motorista. Ele ainda não me viu. Parece nervoso passando a mão agitadamente pelos cabelos.

Ah, aqueles cabelos bagunçados de manhã depois de uma noite inteira de sexo. Foco, Evangeline!

— Tudo bem, vou ouvir o que você tem a dizer.

— Você já está chegando?

— Eu já estou aqui. — O observo olhar de um lado para o outro me procurando ainda com o celular na orelha. Quando paro na sua frente, ele sorri timidamente e deliga o telefone.

Nos encaramos em silêncio. Ele está maravilhosamente lindo com uma camiseta vermelha e nossa...! Ele fica lindo de vermelho e o jeans escuro e tênis o deixaram com um ar despojado.

— O que você quer falar comigo? — Pergunto. Minha voz sai um pouco mais ríspida do que eu gostaria, mas não posso evitar.

Estou tão brava com ele!

— Eu posso subir?

Ele quer subir. Droga! Eu devia dizer que não, mas é claro que não vou fazer isso.

— Claro. — Passo por ele e entro no prédio. Jesse segue em silêncio atrás de mim.

— Eu disse que ela estava por perto. — Meu porteiro diz sorridente. Era só que faltava, já cativou meu porteiro também. Ele sorri de volta e agradece.

Entramos no elevador em silêncio e minha mente vaga para as lembranças da última vez que estivemos juntos em um elevador. Meu estômago se contrai com a lembrança. Sei que ele está me olhando, mas não olho de volta. Eu posso jurar que ele está nervoso. Está inquieto.

Assim que a porta do elevador se abre eu praticamente saio correndo para fora, mas quando paro em frente à minha porta novas lembranças me invadem. Lembranças de como ele me encurralou nessa mesma porta. Agora meu estômago se contrai junto com meu coração que acelera.

Que deprimente, Evangeline!

Entro e dou espaço para que ele entre também. Fecho a porta e vou em direção à cozinha. Pego uma garrafa de água e bebo sem olhar para ele que continua calado me observando. Está parado encostado no balcão olhando para mim e eu não consigo mais tratá-lo com hostilidade ou indiferença. Porque tudo o que mais quero é que ele me agarre e arranque as minhas roupas e me beije como se não houvesse amanhã.

Seu olhar intenso percorre meu corpo e amo quando ele me olha assim. Um simples olhar seu é capaz de me incendiar por inteiro.

No entanto, um silêncio constrangedor paira sobre nós.

O que ele quer conversar? Está tão sério que estou até com medo de ouvir o que tem a dizer. E eu? O que vou dizer? Eu tenho alguma coisa para dizer? É claro que tenho, mas eu quero dizer?

Ai caramba! Estou com raiva dele!

Tento me lembrar disso. Raiva por ele ter me feito sofrer mais que o pé na bunda que o Heitor me deu, se é que eu sofri por isso.

— O que você quer conversar? — Pergunto, não aguentando mais esse suspense.

— Bom... Primeiro, eu quero me desculpar por ter sido um babaca. — Começa a falar se aproximando. Encosto na pia e o encaro. Estamos de frente um para o outro. Jesse encara suas mãos sem jeito, mas volta a me olhar nos olhos — E por ter deixado você sair daquele jeito, por não ter ido atrás de você, por não ter ligado e por ter sumido. Me desculpe, Evangeline.

Droga! Eu não devia desculpar, estou com raiva, mas ele está com esse olhar tão triste que começo a sentir minha raiva se dissipar.

— Tudo bem, Jesse. — Digo por fim — Você está desculpado. — Ele

NACIONAIS-ACHERON

me encara com uma expressão de surpresa e alívio. Está esperando que eu fale alguma coisa. Eu quero muito falar, mas não quero mais xingá-lo como planejei e não planejei outra coisa senão xingá-lo, então simplesmente me calo.

— Você não está brava?

— Não mais, está tudo bem. — Droga, porque eu não consigo dizer a ele como estou me sentindo? Porque não consigo dizer como ele me fez sentir? — Eu sinto muito pelo Benjamin ter nos visto daquele jeito. — Mudo de assunto.

— Não se preocupe com isso. O que a Clarissa te disse quando você saiu?

Que você tem um amor do passado e que não vai amar mais ninguém. Pra eu não me iludir.

— Nada demais. Só me pediu desculpas. — Minto.

O silêncio invade a cozinha novamente e eu sinceramente quero que ele vá embora. Não quero ouvir mais nada.

— Bom, eu preciso tomar um banho então...

— Você está me expulsando, Evangeline? — Me interrompe visivelmente magoado.

— Jesse, escuta. — Dou um longo suspiro.

— Não, Eva, me escute você, por favor!

— Não, Jesse! Você deixou claro desde o começo que não quer estragar nossa amizade. Só que sinto em te dizer que neste momento ela está muito abalada. Se você veio aqui na esperança que as coisas continuem a ser como eram, me desculpe, mas não consigo. Não neste momento.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, minha campainha toca.

Droga mil vezes droga! Esqueci completamente que o Heitor estava vindo pegar as suas coisas.

— É o Heitor. — Jesse contrai o maxilar e fecha a cara contrariado.

— Porque ele está aqui?

— Veio pegar as coisas dele.

— Mande-o embora. — Ordena ríspido.

Mande-o embora? Como assim? Ah, Jesse, você está com ciúmes? E

— você acha que pode vir aqui depois de tudo o que fez e me dizer o que fazer? Não mesmo!

— Eu não vou mandá-lo embora. Ele só veio pegar as coisas dele, já disse. — Passo por ele ignorando sua cara amarrada e abro a porta.

— Evangeline. — Heitor me cumprimenta com um sorriso de orelha a orelha, mas o sorriso dele desaparece no momento em que vê o Jesse que caminhou até a sala e sentou no sofá para ter uma melhor visão da gente.

— Entre. Vou pegar suas coisas pra você. — Vou em direção ao meu quarto e os deixo na sala.

Caramba, o que eu faço? É visível o desconforto de Jesse em relação ao Heitor. Eu até gosto, mas não sei o que isso significa.

Volto para a sala e os dois estão se encarando como se fossem pular no pescoço um do outro a qualquer momento.

— Está tudo aqui. A mala também é sua. — Ele pega a mala e me dá um sorriso que se fosse antes do Jesse aparecer eu pularia em seu pescoço. Sempre achei que o sorriso do Heitor fosse o sorriso mais lindo do mundo, até o Jesse voltar.

Heitor faz questão de ignorar o Jesse, se aproxima de mim e pega a minha mão. Não tenho coragem de olhar para o lado, mas percebo que Jesse se levantou.

— Podemos conversar, Evangeline? — Heitor pergunta de repente.

— Eu não acho que seja uma boa ideia. — Jesse responde por mim.

Que droga! Se ele acha que pode chegar aqui depois de uma semana sumido e me dizer o que fazer está totalmente enganado. Nunca quis tanto conversar com o Heitor como quero agora. Apenas para irritá-lo — Jesse, por favor, você pode esperar no meu quarto? — Ele me fuzila com o olhar e não arreda o pé do lugar — Por favor. — Insisto. Ele bufá e vai em direção ao meu quarto.

— Evangeline, você está com esse cara? — Heitor pergunta confuso.

— Ele é meu amigo, já lhe disse.

— Então parece que ele quer ser mais que seu amigo.

— O que você quer, Heitor? — Pergunto ignorando o seu comentário.

— Bom, eu... eu sei que te pedi um tempo...

— Você pediu um tempo porque estava transando com a sua secretária.
— O interrompo.

— Eu não estava transado com ninguém, eu só te pedi um tempo porque não estava preparado para dar o segundo passo. Me apavorei. Mas depois de um tempo comecei a perceber que fiz tudo errado. Eu devia ter ficado e encarado esse passo, porque hoje eu sei que é o que quero.

Acho que vou desmaiar. Heitor está na minha frente dizendo tudo o que eu sonhava que ele me dissesse e o meu melhor amigo e paixão de infância está no quarto ao lado provavelmente ouvindo tudo.

Ainda daria tempo de seguir o meu planejamento se eu reatasse com o Heitor, ainda daria tempo! Ai meu Deus, como eu queria pular de alegria por ele querer voltar. Mas eu não estou nem sequer feliz com isso. Porque no momento o meu único desejo é que o Jesse possa me amar. Droga!

— Heitor, você saiu de casa e eu sei que você estava com a Bárbara, então não pode vir até aqui e simplesmente despejar tudo isso em cima de mim e esperar que eu te perdoe.

— Eu sei. Eu não espero. Só queria que você soubesse que estou pronto e vou esperar a sua decisão. — Heitor me dá um beijo na testa, pega a mala e abre a porta — Eu vou esperar, Evangeline.

Quando ele sai, eu me jogo no sofá. Não sei por que, mas quero chorar. Aliás, já estou chorando, de novo. Quando abro os olhos o Jesse está sentado na poltrona de frente olhando pra mim.

— Você não pode volta pra esse cara, Eva. — Consigo ver a raiva em suas palavras.

— Você não pode me dizer o que fazer, Jesse. Você não tem esse direito! — De repente uma raiva toma conta de mim e quero descontar toda a minha frustração em cima dele — Você não tem o direito de voltar pra minha vida e bagunçá-la da forma que você está fazendo.

— Eu sei, me desculpe. — Parece desapontado. E eu estou sendo patética chorando na frente dele.

— Pare de ficar se desculpando! — Grito — Desde que você reapareceu sinto como se eu estivesse em uma montanha russa, descendo, descendo. Só que essa montanha russa parece não ter fim Jesse, e parece que a qualquer momento o carrinho vai se soltar e eu vou me estatelar no chão.

Você faz eu me sentir a pessoa mais feliz do mundo em um momento e no próximo consegue me despedaçar, principalmente quando vejo o arrependimento explícito na sua cara. — Paro de falar porque acho que já falei demais — Olha... Eu pensei que conseguiria ser apenas sua amiga, mas não consigo, não agora. Eu não quero ser de novo a *amiga-irmã* dos tempos de criança, nem ficar na *friendzone*. E também não quero ser sua amiga agora. Porque eu nunca quis ser só sua amiga.

Não acredito que lhe disse isso. E porque ele não parece surpreso? Eu acabei de confessar que eu quero mais, que sempre quis mais que amizade!

— Eu sei. — Diz finalmente.

— Como assim? O que você sabe? — Pergunto confusa.

— Eu sempre soube, Eva. — Diz encarando o chão totalmente sem graça.

— O que você sempre soube, Jesse? Diz de uma vez? — Tenho absoluta certeza de que não vou gostar de ouvir isso. Ele levanta da poltrona e senta-se ao meu lado. Segura meu rosto com uma das mãos me fazendo olhar para ele.

— Eu sempre soube que você gostava de mim.

Sinto o meu corpo se afundar no sofá. Sinto as lágrimas saltarem dos meus olhos. Sinto meu peito esmagar meu coração. Na verdade, sinto como se todo os meus órgãos se dilacerassem dentro de mim.

Ele sempre soube, sempre soube!

E em nenhum momento do passado, como agora, ele não fez nada, não quis estragar nossa amizade, ou seja, não quis mais do que amizade. Por isso se fez de desentendido! Eu o odeio com todas as minhas forças agora. E me odeio por não ser capaz de fazê-lo me amar, nem no passado e nem agora.

— Eva. — Jesse tenta colocar as suas mãos em mim, mas eu o empurro para longe. Estou chorando como uma louca. Ele tenta me abraçar e me acalmar, mas não aceito seu abraço. Levanto-me e vou em direção à cozinha. Ele me segue e me puxa para um abraço mesmo sem o meu consentimento — Fale comigo, Eva. — Pede angustiado, mas eu não quero falar, eu quero morrer! O empurro novamente e vou até a porta.

— Por favor, saia. Preciso ficar sozinha. — Jesse me encara surpreso, mas não faz o que eu peço.

— Não.

— Por favor. Apenas vá. — Aponto para a porta aberta.

Porque ele simplesmente não vai?

— Não antes de conversarmos.

— Eu não quero conversar, Jesse! Por favor, saia! — Estou gritando agora.

— Não! — Ele bate à porta fechando-a — Me escute, por favor. — Suplica.

— Me escute você! Eu quero ficar sozinha! Não tenho condições nenhuma de falar com você agora. Jesse pelo amor de Deus você acaba de me dizer que sempre soube que eu gostava de você e que nunca fez nada a respeito. Eu é que tenho sentido de tudo, mas neste momento estou sentindo ódio de você! Dá para simplesmente sair?

Ele fecha os olhos e passa a mão pelos cabelos desolado. Pensa por alguns minutos e concorda com a cabeça. Se aproxima e segura minha mão, entrelaça os dedos nos meus, mas puxo minha mão de volta.

— Tudo bem eu saio agora, mas nós precisamos conversar, Eva. Eu preciso te dizer como me sinto. — Como não reajo ele abre a porta — Eu também não quero ser só seu amigo. — Diz e sai.

Desabo no chão do meu apartamento totalmente perdida.

Eu também não quero ser só seu amigo. Que diabos foi isso agora? Não quero ser só seu amigo, não quero ser só seu amigo, repito isso como um mantra. Não consigo me lembrar de mais nada do que conversamos. Eu só consigo me lembrar dessas últimas palavras.

Meu celular vibra e corro para pegá-lo. São mensagens. Três mensagens de Jesse.

“Eu sei que você está magoada, entendo e respeito isso.

Sei que fui um babaca, mas preciso que você me dê uma chance de me explicar, pra que você possa me entender.”

“Por favor, Eva! Eu sou o seu Adão. Eu sempre serei.

E você sempre foi, é e sempre será a minha Eva”.

“Só você Eva”!

Estou em choque com as mensagens. Sinto que meu coração vai sair a

qualquer momento do meu peito para correr atrás dele.

Droga, Jesse, você sempre soube!

Não sei o que fazer com essa informação. Estou confusa e frustrada agora por não ter o deixado falar.

Preciso de um banho para tentar colocar meus pensamentos em ordem. Banho quente sempre me relaxa. Vou até a geladeira e pego uma garrafa de vinho. Encho a taça até quase derramar o líquido. Quando estou indo para o banheiro, meu celular apita de novo. Dessa vez ele mandou um áudio. Uma música sertaneja que eu nunca ouvi antes, mas que automaticamente passa a ser minha preferida e eu sei que vou ouvir essa música pelo resto da noite.

Ter ver e não ter. Me dá um desespero, Me afastei de você, só porque tenho medo.

Mas amor vem cá, não faz isso comigo, não vou te deixar...

(Bruninho e Davi)

Esse trequinho da música gruda no meu coração como um chiclete no asfalto quente e agora não só o meu coração quer correr atrás dele, mas todo o meu corpo também, mas eu já disse que sou covarde, não é? Pois é, eu não estava mentindo.

Jesse

Ainda estou parado na porta do prédio dela. Me sentei na moto, mais não tive reação para dar partida e sair. O Wilker tinha razão, nessa semana que fiquei afastado, ela teve bastante tempo para pensar um milhão de coisas totalmente contrárias ao que realmente está acontecendo. Sinto-me um idiota por isso, sinto-me um fraco e um covarde. O jeito que ela me tratou foi à prova de que está vendo as coisas de forma errada.

Errei em não procurá-la, agora percebo quanto errei feio, mas eu precisava de um tempo, porra! Precisava colocar meus pensamentos em ordem, compreender os meus sentimentos primeiro antes de procurá-la em uma tentativa frustrada de só querer amizade. Foi por isso que eu não vim

atrás antes, porque muito provavelmente eu iria bater nessa tecla de novo por medo.

Eu nunca quis só amizade, porque foi tão difícil falar isso antes?

E aquele babaca aparecendo não melhora em nada a minha situação. Não acredito que ele pediu pra voltar. Será que ela estava considerando? Por isso me mandou sair? Não vou deixar que isso aconteça. Mesmo que ela não queira nada comigo, aquele cara não a merece, ele a traiu, será que ela não percebe que nenhum relacionamento funciona tendo como base uma traição?

Eu disse a ela que também não quero ser só seu amigo, que nunca quis, mas parece que nem isso ela entendeu.

Eu estou muito frustrado agora.

Tudo o que eu nunca quis que acontecesse aconteceu. Eu tive medo de me entregar e estragar as coisas e estraguei do mesmo jeito.

Parabéns, idiota!

Sempre pensei na Eva como minha base, minha segurança, meu porto seguro. Eu nunca vou esquecer o quão amiga e companheira ela foi naquele dia em que descobri a traição do meu pai. Ela me acolheu sem perguntar, sem dizer uma palavra. Ela foi meu anjo, minha salvação.

Eu estava pensando em fazer tanta besteira, mas depois que ela me levou para a sua casa, depois que demonstrou o quanto se preocupava comigo, tudo o que não queria era desapontá-la.

Quando ela me levou para o seu quarto, para o seu canto, para o meio de suas coisas, era ali que eu finalmente queria ficar, no meio da sua vida, mesmo tendo apenas quatorze anos.

Depois disso eu a coloquei em um pedestal. Jurei para mim mesmo que ninguém jamais iria machucá-la, nem mesmo eu. Não consegui cumprir a minha promessa de protegê-la e pior, fui eu a magoá-la. Duas vezes. Quando abandonei e agora.

Não adianta insistir com ela, está ferida. Eu a feri com meu silêncio, com meus arrependimentos, com essa ilusão de amizade.

Caramba, quando eu a reencontrei naquele dia jamais adivinharia essa situação em que estamos agora!

A princípio era mesmo só amizade que eu queria. Eu estava mais do que satisfeito em só estar com ela novamente, mas isso só até deixá-la em

NACIONAIS-ACHERON

casa naquele mesmo dia. Junto com as lembranças da infância, da amizade, vieram também os sentimentos. Eles não morreram, estavam apenas adormecidos dentro de mim e agora voltaram com força total. Mesmo que eu quisesse, jamais conseguiria manter essa amizade intacta, pois amigos não desejam beijar seus amigos na boca, amigos não querem possuir o outro como eu quero possuí-la. Eu quero tanto que até dói.

Desde o dia que dormimos juntos ela grudou em mim como uma tatuagem, mesmo antes disso. No dia em que a beijei ficou claro que eu a queria. Depois, na casa dos meus pais, quando a vi de biquíni, caramba, fiquei excitado!

Amigos não ficam excitados vendo amigas de biquíni. Não, espera aí, nesse caso acho que sim porque antes de ser amigo eu sou homem, enfim, depois no meu quarto rolou um daqueles momentos de cumplicidade e mais uma vez lá estava eu pronto para beijá-la.

Eu penso nela a cada segundo do dia ou da noite. O pior de pensar é querer estar com ela todo o tempo. Seu corpo se encaixa perfeitamente ao meu. Seus lábios foram feitos para me beijar. Me pego pensando na nossa primeira vez, na forma como o desespero nos invadiu, como ela ansiou por meus beijos, por meu toque.

Estou completamente apaixonado pela minha melhor amiga de infância. Sempre estive apaixonado por ela.

Pego meu celular e envio outra mensagem na esperança que ela me deixe explicar. Para minha infeliz sorte, estou com cor dor de cotovelo o que me dá coragem para mandar uma, duas, três mensagens de uma vez e é claro uma música. Uma que possa expressar como me sinto em relação a nós.

Quem te viu, quem ter vê, Jesse!

Procuro o número do Wilker e ligo, preciso de conselhos e meu amigo está se mostrando muito bom nisso.

— E aí cara, falou com ela? — Pergunta assim que atende.

— Você é um filho da puta! — O ouço gargalhar do outro lado.

— Não preciso dizer aquela famosa frase, preciso?

— Não! Porque eu vou dizer por você. Você me avisou! — Dou um longo suspiro — Você tinha razão em tudo. Na parte em que ela poderia estar pensando milhões de coisas e na parte do marmanjo. Cara, o babaca do ex

apareceu enquanto eu estava no apartamento dela. Ele pediu para voltar, acredita?

— Você pelo menos se abriu com ela? Disse como se sente?

— Eu meio que fiz uma confissão e pegou mal. Ela não quis nem me ouvir. Agora eu me pergunto, será que ela ficou balançada pelo ex querer voltar?

— Cara eu não devia estar te dizendo isso. — Ele abaixa o tom de voz e pede licença a alguém — Mas acho que você pode ficar tranquilo quanto a isso. A Camila disse que ela nem pensa no ex, nem fala nele. É como se a sua volta tivesse apagado o cara da mente dela.

— Sério? — Suspiro aliviado — O que mais ela falou?

— Ela corta as minhas bolas se eu falar mais alguma coisa, cara. Seguinte: Dá um tempo pra mulher. Uns dias. Depois você corre atrás do prejuízo. Deixe-a assimilar tudo. Agora vê se desliga seu empata foda!

— Valeu!

Desligo e finalmente dou partida na moto. Vou dar uns dias a ela. Não muitos, não posso correr o risco de deixá-la solta por causa daquela mosca de padaria do ex dela.

Capítulo 13

Jesse

Quando estaciono na garagem do meu prédio, Renan, nosso porteiro vem falar comigo.

— A Karin está aí, Jesse. — Puta que pariu! Que idiota dá a chave de casa para todas as mulheres da sua vida?

Eu.

Faz algumas semanas que não vejo a Karin, desde que beijei a Eva. Ela tem ligado e mandado mensagens, mas eu nunca retorno. Não temos nada sério, apesar de que eu fico ou ficava só com ela. Droga! Vou ter que resolver essa situação hoje. Eu não quero a Karin, não quero outra mulher. Eu só quero a minha Eva.

Entro no apartamento e nada da Karin. Será que desistiu de me esperar e foi embora? Deixo minhas chaves e meu celular na bancada e sigo para o meu quarto. Ao abrir a porta, tenho a visão que todo homem amaria ver. Chegar em casa e dar de cara com uma gostosa seminua na sua cama. Ela está usando um espartilho preto e um salto vermelho.

Caralho Karin. Golpe baixo.

— Karin. — A cumprimento tentando disfarçar meu constrangimento. Não por ela estar daquele jeito, mas pelo que preciso fazer.

— Oi gato! Você sumiu! Eu tive que vir até aqui te lembrar do quanto você gosta de mim assim.

Porra eu gosto mesmo. Eu gostava! Foco, Jesse!

Ela já está em cima de mim tentando tirar a minha camiseta.

— Karin. — Seguro os pulsos dela que me encara surpresa.

— Você está tenso, Jesse. Deixe-me cuidar de você. — Seus lábios

estão no meu pescoço. Eu libero suas mãos e elas vão para o cinto da minha calça.

— Karin, para! — Digo segurando seus pulsos novamente — Me desculpe, mas você precisa ir embora. — Sei que estou sendo um filho da puta agora, mas não posso deixá-la continuar.

Seu olhar de surpresa se transforma em um olhar mortal. Ela se afasta e começa a vestir suas roupas visivelmente irritada.

— Você é um filho da puta, sabia? — Eu sei Karin. Mereci isso — Eu devia ter imaginado isso quando não retornou minhas ligações. Você já deve estar comendo outra. — Passa por mim como um furacão.

— Me desculpe, Karin. — Insisto atrás dela — Você é uma mulher linda, mas nunca tivemos nada sério e eu tenho que ser sincero. Eu estou apaixonado por outra mulher.

— Vai se foder! — Sai batendo a porta.

Bom, foi mais fácil do que eu pensei, mas como eu não sou nenhum cafajeste apesar de parecer, vou atrás dela que está apertando os botões do elevador impaciente.

— Karin? — Me ignora — Você é uma mulher incrível e me sinto um imbecil por estar deixando você triste, mas eu quero que saiba que a gente só não deu certo porque o meu coração já tinha dona antes de você aparecer. Muito antes mesmo. — Sua expressão muda de fúria para espanto.

— Você está querendo dizer que não está me dispensando por alguém que você conheceu agora e sim por alguém que já existia na sua vida, é isso?

— Basicamente. — Ela bufa, mas abre um sorriso amarelo.

— Mulher de sorte. Espero que ela saiba aproveitar.

— Posso te levar até seu carro? — Ela balança a cabeça concordando.

Karin entra no carro e vasculha a sua bolsa. Pega a chave do meu apartamento e me entrega.

— Se essa mulher não souber dar o valor que você merece, sabe onde me encontrar.

— Você merece mais do que isso, Karin.

— Sei que mereço, mas não quero, lembra? — Assinto. Karin me sopra um beijo e parte. É uma mulher e tanto, espero que encontre alguém que a

mereça.

Volto para o prédio e paro na guarita.

— Ela não me pareceu muito feliz. — Renan diz se aproximando — Se desentenderam?

— Mais ou menos e ela não vai voltar, Renan.

— É por causa da morena do outro dia? — Faço que sim com a cabeça.

— Não dá para ir levando as duas? — Pergunta rindo.

— Não quando você está apaixonado por uma delas.

— Caramba, Jesse! Você e o Wilker são os meus heróis. Agora você me diz que está apaixonado. Só me resta me espelhar no Wilker. — Sorrio.

O Renan é um cara legal. No auge dos seus vinte anos seu negócio é quantidade. Eu já passei dessa fase se é que já estive nela. E tudo o que eu quero agora é sossegar ao lado da mulher da minha vida.

— Eu sinto em desapontá-lo, mas acho que o Wilker não está muito longe de se amarrar também não. — Ele revira os olhos.

— Então, você e a morena estão juntos?

— Não exatamente. Ela está brava comigo, é complicado. Bom deixa eu subir. Fiquei deprimido. Acabei de dispensar uma loira gostosa e por uma morena que nem sei se quer ficar comigo porque até poucos dias atrás eu também não queria ficar com ela. — Renan bate continência e volta para a cabine e eu sigo de volta para meu apartamento... Sozinho.

Evangeline

— E você não correu atrás e não pulou no pescoço dele depois dessa mensagem, porquê? — Camila pergunta enquanto lê as mensagens — Caramba amiga, não te entendo. Eu teria corrido atrás dele e feito sexo ali mesmo na rua.

— Nossa, Camila, eu me pergunto como o Wilker está conseguindo lidar com você?

— Não temos nada sério, gata. É só sexo, não muda de assunto! Você é louca pelo cara, ficou uma semana sofrendo por ele ter desaparecido, aí o ele

aparece e quer conversar, pede desculpa e você o expulsa porque ele diz que sempre soube que você gostava dele. Por que isso é tão grave?

— Porque que ele sabia e não fez nada.

— O que isso tem de mais? Você não pode culpá-lo por não gostar de você naquela época. Se ele não disse nada é porque talvez só fosse amizade da parte dele e, não quis estragar dizendo que sabia que você gostava dele. Pelo amor, Evangeline! Vocês eram dois adolescentes! O importante é o agora. O que ele sente agora. Pare de viver de passado.

— Odeio quando você tem razão, Camila.

— Eu sempre tenho razão e você é uma paspalha cheia de princípios, moral e sei lá mais o quê.

— Ei! Ter princípios e moral não faz mal a ninguém. Isso não é defeito é qualidade.

— *Blá blá blá* — Diz me ignorando. Eu amo a Camila, mas o fato dela ser tão promiscua às vezes me assusta.

Meu telefone começa a tocar e corro pra atender. Ignoro o fato de ela estar rindo da minha ansiedade. Fico desapontada quando vejo que não é ele, mas o desapontamento dura segundos porque é a Indy, minha segunda melhor amiga de infância.

— Ei! — Atendo empolgada.

— Evinha! — Droga, ela continua me chamando assim e não sei como pedir para me chamar de Evangeline — Estou no Rio aqui pertinho de você, podemos nos encontrar? Almoçar juntas? Quero te entregar o convite do casamento.

— É claro que sim. Vou te mandar o endereço de um restaurante muito bacana aqui em Copacabana, pode ser?

— Com certeza! Até daqui a pouco.

Encerro a ligação e me volto para a Camila.

— Bom não era o Magalhães Bastos que eu estava esperando, mas fico feliz assim mesmo.

— E quando você vai procurar o Magalhães Bastos certo, querida?

— Eu não sei.

[...]

Encontro a Indy sentada em uma mesa nos fundos do restaurante. Ela acena assim que me vê.

— Evinha! — Pula no meu pescoço de forma extravagante.

— Indy, que saudade! — A abraço de volta.

— Ainda não acredito que nos reencontramos!

— Nem eu. Pensa na minha reação quando descobri que o policial que queria me multar era o Jesse. Meu Deus! Nem consigo descrever. — Não queria ter parecido tão empolgada, mas foi inevitável.

— Deve ter sido emocionante. — Responde me indicando para sentar ao seu lado — Ai não aguento! Vou te entregar agora. — Ela sorri e ela me entrega um envelope lindo de camurça.

— Que lindo Indy, você tem bom gosto. — Abro o envelope para ver o convite — Falta praticamente um mês!

— Desculpe por entregar tão em cima da hora.

— Que isso vai ser um prazer estar presente no seu casamento! — Digo com sinceridade.

— Pena que eu já convidei a Clarissa para ser a madrinha junto com o Jesse, senão seria você, com certeza.

— Imagine, não se preocupe com isso.

Eu confesso que saber que a senhorita garras de fora vai ser o par dele é um murro na boca do estômago, mas tento disfarçar, o que pelo visto eu não consigo.

— Não se preocupe com a Clarissa, os dois nunca tiveram nada. Ela não é uma ameaça. — Suspiro soltando um muxoxo.

— A relação deles parece tão estranha. Eles têm um filho juntos, mas mal se falam. Pelo menos foi essa impressão que tive na casa dos seus pais. — A curiosidade foi maior de que minha indiferença.

— Mas é daquele jeito mesmo. Eles só conversam o necessário. Na verdade, nós acreditamos que a Clarissa engravidou de propósito, só para prender o Jesse. Ela era menor e era fato que o pai dela era rígido e ia obrigá-lo a casar. Meus pais foram contra, o pai dela, no entanto, estava irredutível, ameaçou mandar prendê-lo e tudo. Só que ela não era mais virgem, mesmo

assim esperou até o último minuto para contar ao pai e só contou depois que ela percebeu que o Jesse não se casaria de jeito nenhum. Ele pegou birra dela porque pediu várias vezes para ela contar a verdade e ela não contava. Mesmo sendo menor de idade, a Clarissa já tinha uma cabecinha muito maquiavélica. Só de olhar pra ela, eu já sabia que tinha o caráter duvidoso.

— Gente, quem hoje em dia ainda engravida pra prender homem?

— Pra você ver. Ela ficou louca por ele. Ficava forçando a barra, aí você já sabe, né? A Clarissa ficava praticamente se esfregando na cara dele, uma hora ele não aguentou e meu irmão foi idiota também. Ele não era mais nenhum adolescente quando a engravidou. Porque não se preveniu? E depois mesmo sabendo que a garota era uma cachorra continuou comendo. Ele também tem culpa nessa história.

— Vou ter que concordar com você. Por mais que ela tenha dado em cima, ter forçado a barra, ele não foi obrigado. Comeu porque quis.

— Exatamente! O que vamos pedir? — Minha amiga pergunta mudando de assunto.

— Do que você gosta? — Pergunto, mas não presto atenção na resposta. Só de imaginá-lo com outra, mesmo que no passado faz meu estômago embrulhar.

— Ele está muito feliz de ter te reencontrado. — Indy revela percebendo a minha mudança de humor — Foi difícil pra ele superar a distância entre vocês. Meu irmão sofreu muito, todos nós na verdade, mas o Jesse ainda mais.

— Eu também sofri. Chorei quase um ano depois que vocês se foram. — Ela pega minha a mão — Pelo pouco que vi de vocês lá em casa, ficou claro que é muito mais do que uma amizade. Você está apaixonada por ele, não está? — Concordo com a cabeça incapaz de pronunciar em voz alta — E está rolando alguma coisa?

Então conto tudo o que aconteceu desde que nos reencontramos. Do dia em que nos beijamos, do dia em que transamos, do arrependimento dele logo após e até da minha paixão por ele na infância.

— ... E ontem ele apareceu na minha casa pedindo para conversar, mas aí aconteceram outras coisas que nem valem a pena falar. Fiquei brava com ele e o mandei embora. Depois ele me mandou essas mensagens. — Mostro

para ela porque se tem alguém capaz de me dar alguma luz, é a irmã dele.

— Uau, Evinha! Está na cara que ele também está envolvido, mas isso eu já sabia. Foi só olhar pra vocês juntos e essa mensagem só confirma o fato. Pelo que conheço do meu irmão, ele vai esperar você entrar em contato, então minha amiga, faça isso o mais rápido que puder.

— Obrigada, Indy. Poder colocar tudo isso para fora é um alívio enorme.

— Não por isso. Agora vê se age mulher!

— Vou fazer isso, Indy? — Uma ideia passa na minha cabeça — Você já definiu quem vai fotografar e filmar o seu casamento?

— Ainda estamos vendo isso.

— Então como presente de aniversário eu vou te dar as fotos e a filmagem. Você aceita? — Não sei se ainda temos vagas no dia no casamento dela, mas mesmo que eu tenha que contratar pessoal, quero fazer isso. Ela merece.

— Ah Evinha, claro que sim! Nossa, obrigada, mas...

— Está decidido! — Seguro a mão dela — Você vai me fazer muito feliz se aceitar.

— Então eu aceito. — Ela diz empolgada e com lágrimas nos olhos.

Essa minha amiga é mesmo muito chorona!

[...]

Entro na minha sala e noto a Camila incrédula falando ao telefone. Quando me vê se despede e me encara preocupada.

— Que cara é essa mulher! Más notícias?

— Não fique preocupada. — Ela diz aquela famosa frase que as pessoas usam para dar uma má notícia. Frase essa que tem o efeito totalmente contrário porque minhas pernas ficam bambas de repente e meu coração acelera.

— Fale de uma vez! Eu já estou em pânico. — É alguma coisa com meus pais?

— Não. É o Jesse. Não entra em pânico, ele está bem. — Repito em pensamentos as palavras dela "*ele está bem, ele está bem*" — Mas ele foi

baleado.

Desabo na minha poltrona sem reação.

Baleado? Ele levou um tiro? Como pode estar bem se levou um tiro?

— Jesus Cristo, dá pra ser mais clara? — Pergunto já pegando o meu celular e ligando para ele.

— Ele está bem amiga. Foi um tiro de raspão, pegou no braço...

— Ele não atende por quê? — Já estou em prantos. Minha amiga tira o celular da minha mão e tenta me acalmar, mas estou desesperada para falar com ele.

— Não vai adiantar ficar ligando. O celular dele ficou sem bateria. Dá para me ouvir? — Balanço a cabeça assentindo — O cara está bem, já foi levado a um hospital. Está medicado. — Wilker disse que assim que ele fosse liberado iria direto para casa.

— Então só me resta ir até lá. — Pego minha bolsa e meu celular.

— Só tenha cuidado. Não vai dirigir como uma louca. — Mal ouço suas últimas palavras. Já estou no elevador.

Meu coração está a mil por hora, por mais que eu saiba que ele está bem, só o fato de que poderia ter sido grave faz meu coração doer. Meus pensamentos atropelam um ao outro. Penso no último encontro que tivemos, penso em como fui tola mandando-o ir embora sem deixá-lo explicar e me arrependo ainda mais. Se ele tivesse morrido?

Meu Deus, eu morreria junto! Que diabo de profissão é essa que ele escolheu?

Meus pensamentos vagueiam para a nossa última conversa, sinceramente nem estou mais brava por ele saber que eu gostava dele desde o início. Estou muito preocupada agora.

Demorei mais do que gostaria no trânsito devido ao horário. Quando chego à guarita do prédio dele, o porteiro me cumprimenta com um sorriso de orelha a orelha. É o mesmo porteiro da noite em que estive aqui. Porque ele está tão sorridente? Será que o Jesse traz muitas mulheres para cá? Será que ele está sorrindo assim pensando que sou mais uma? O pior é que eu sou, não é? Afinal não sei nada além disso.

Ignoro o sorriso dele e pergunto pelo Jesse.

— Ele ainda não voltou, senhorita.

— E o Wilker?

— O Seu Wilker só vem pra casa mais tarde.

— Por acaso você não teria uma chave reserva do apartamento? Eu poderia espera-lo lá em cima. — Dou um sorriso forçado.

— Por mais que eu queira deixá-la subir, infelizmente não tenho a chave.

Por mais que eu queira, eu hein? Não entendi.

— Tudo bem vou esperar no carro, obrigada. — Saio sem esperar resposta.

Capítulo 14

Evangeline

Assusto-me com o barulho de uma porta se abrindo. Olho para o lado e vejo Jesse no banco do passageiro com o sorriso mais encantador de todos no mundo inteiro. Eu devo ter cochilado.

— Você me assustou. — O pânico invade minha alma ao lembrar-me do tiro que ele levou — Você está bem? — Viro meu corpo na sua direção para ver seu braço machucado. Está com um curativo um pouco abaixo do ombro e a manga da farda foi arrancada.

— Eu estou bem. Não era para o Wilker dizer nada. — Responde sem graça.

— É claro que ele tinha que dizer! Você não estava usando um colete à prova de balas? — Ele sorri.

— É um colete à prova de balas e não uma camisa a prova de balas e sim eu estava usando, mas nesse caso não adiantou. — Reviro os olhos para a gracinha dele, mas encaro seu braço preocupada — Foi só um tiro de raspão, Eva, faz parte do meu trabalho.

— Faz parte do seu trabalho levar tiros? — Pergunto incrédula com a naturalidade que ele fala.

— Levar tiros é uma consequência do meu trabalho. — Jesse suspira e me olha com carinho. Parece feliz por eu estar aqui apesar das circunstâncias que me trouxeram.

— Eu esqueci que um policial rodoviário é tão policial quanto qualquer outro. — Ele concorda com a cabeça.

— Isso aí. A gente não fica só resgatando animais...

— Ou retirando corpos das ferragens... — Continuo.

— Ou multando belas garotas no trânsito... — Concordo com a cabeça e sorrimos juntos.

Eu amo tanto quando sorrimos juntos!

— O que aconteceu?

— Estávamos fazendo uma operação na rodovia. O meu colega fez sinal para um carro parar, mas eles arrancaram. Como estávamos em quatro policiais e dois carros, eu e mais um fomos atrás deles. Na fuga, eles bateram em outro carro mais a frente e já saíram atirando. Um fugiu, o outro levou um tiro na perna e não conseguiu correr. Por sorte esse não estava armado.

— Meu Deus, e o que eles estavam transportando para fugirem assim.

— Essa parte é a interessante. — Diz com tristeza — Tinha um corpo no porta malas.

— Que horror! — Exclamo colocando as duas mãos na boca — Jesse balança a cabeça concordando.

— Porque policial rodoviário, Jesse? — Pergunto de novo mesmo sabendo que ele não vai responder.

Jesse remexe no banco desconfortável e fica de frente para mim. Faço o mesmo, agora estamos um de frente para o outro .

— Promete não julgar e nem fazer perguntas?

— Eu nunca fiz isso antes, não vai ser agora que vou começar. Pode me dizer, prometo não perguntar nada. — Respondo.

Começo a acreditar que tenha algo a ver com o que aconteceu no passado.

— Eu sei disso e amo isso em você. — Ele dá um longo suspiro antes de continuar — Não é nada demais. É até meio infantil. Mas a verdade é que eu só queria desapontá-lo. As minhas escolhas eram e são feitas apenas com esse propósito. Foi assim a faculdade, com a polícia...

Agora eu tenho certeza que ele está se referindo ao pai.

Meu Deus! Ele viveu a vida inteira fazendo escolhas que desapontassem o pai e se esquecendo de que na verdade essas escolhas só prejudicam a ele mesmo. Eu não sei o que dizer.

— Da faculdade hoje eu me arrependo, mas da polícia por incrível que pareça eu me identifiquei. Eu gosto, me sinto bem, me sinto útil, acho que

bem mais útil do que se fosse mais um advogado no escritório da minha mãe.

— Porque você se arrepende de ter feito agronomia? Aposto que você daria um ótimo agrônomo! — Tento animá-lo e parece dar certo porque ele sorri.

Eu amo o seu sorriso, Jesse.

— Eu realmente não levo jeito. — Jesse encosta a cabeça no banco e olha para frente antes de olhar para mim novamente.

— Eu não acho que seja infantil. É mais uma forma de você se expressar, já que você nunca fala sobre isso.

— Por mais que eu esteja adorando estar aqui nesse carro com você, estou louco para tirar essa farda. — Muda de assunto.

Tirar essa farda. Essa simples frase foi capaz de enviar vibrações para todo o meu corpo. Parece até que ele leu meus pensamentos. Está sorrindo com a cara mais lerda do mundo.

— O que? — Pergunto envergonhada.

— Nada. — Ele estreita o olhar e continua sorrindo.

É um sorriso tão calmo, tão lindo. Seu olhar sereno está refletindo tantos sentimentos e não vejo nenhum arrependimento.

— Fala. — Insisto.

— É só que você me olhou como se quisesse ser você a tirar a minha farda. — Dou um tapa de leve nele.

Você não imagina o quanto, Jesse!

— Ok, não vou negar que já fantasiei esse momento. — Confesso.

— Eu devo me preocupar com essa sua tara por homens fardados? — Brinca.

— Não. Até porque eu nunca tinha olhado para um homem fardado até reencontrar você. — Jesse coloca sua mão sobre a minha.

Ficamos calados por um tempo encarando nossas mãos. É como se nada tivesse acontecido. Neste momento só parecemos um casal. Um casal normal. Um casal apaixonando. Eu posso dizer com certeza que, da minha parte é muita paixão.

— Venha, vamos subir. — Diz saindo do carro. Eu também saio. Jesse se aproxima e segura minha mão me guiando até o prédio. Quando passamos

pelo porteiro ele está sorrindo para mim de novo. Que cara estranho!

— O seu porteiro é estranho. — Digo quando entramos no elevador.

— Ele é um cara legal.

No apartamento, Jesse coloca a mochila no balcão e vai até a geladeira.

— Servida? — Pergunta enchendo um copo de água — Só tem água. Preciso ir ao mercado.

— Não, obrigada. Vocês nunca abastecem essa geladeira? — Pergunto brincando. Ele apenas sorri.

Jesse se aproxima e me puxa para o sofá. Sentamos um ao lado do outro. Ele fica em silêncio esperando que eu comece a falar.

— Você não disse que precisava tirar a farda? Eu posso te ajudar. — Abre um sorriso safado — Estou falando sério. Você está com o braço machucado.

— Isso pode esperar. — Fica sério de repente — Acho que precisamos conversar primeiro. Eu sei que você não quer ouvir mais desculpas, mas eu sinto muito mesmo.

— Jesse, eu não estou mais brava por você saber que eu gostava de você no passado. Isso não importa mais. Eu quero entender o porquê de você ter tanto medo de se envolver comigo.

— Lembra quando nos despedimos há dezesseis anos atrás?

— Como eu poderia esquecer?

— Eu prometi três coisas a você. Prometi que mesmo que se a gente se afastasse eu nunca iria te esquecer. Prometi também que nunca iria estragar o que tínhamos e que nunca te magoaria. A primeira promessa eu consegui cumprir, Evangeline, porque eu nunca te esqueci. Mas não cumprindo a segunda eu também não cumpri a terceira. — Ele para de falar por alguns instantes e suspira — Quando parei de escrever e de telefonar, quebrei a segunda promessa e consequentemente te magoei quebrando também a terceira. Quando você reapareceu eu fiquei tão feliz por ter uma nova oportunidade de ser de novo seu amigo que não deixaria nada estragar isso. Nem mesmo o sentimento que estava crescendo a cada dia dentro de mim *Ai meu Deus, acho que vou desmaiar! Ele está assumindo que tem sentimentos por mim?*

— Tive medo de que se não desse certo eu acabaria te magoando

NACIONAIS-ACHERON

novamente e eu não me perdoaria por fazer isso de novo, como nunca me perdoei. Eu não me perdoei por ter me afastado de você mesmo acreditando que era preciso, mas eu precisava seguir em frente e você também. A vida em uma cidade nova e as garotas novas contribuíram para eu tomar essa decisão e mesmo me sentindo um babaca por isso, achei que estava fazendo o certo.

O fato de ele se lembrar exatamente das palavras que usou no dia da nossa despedida e ainda dizer que se sente culpado por não ter cumprido as promessas que me fez, fazem meu coração dar piruetas de alegria. Ele está olhando pra mim esperando alguma reação, mas estou em choque. Meu melhor amigo de infância acaba de assumir que sente algo por mim, no entanto, não disse se quer continuar a partir daqui ou que não quer estragar a amizade. Eu espero sinceramente que ele não bata de novo nessa tecla, meu coração não aguentará.

— O que eu não quis perceber com tudo isso é que mesmo me afastando com medo de te magoar, eu estava te magoando e estava sofrendo também. — Respira fundo novamente como se estivesse refletindo sobre o que dizer em seguida — Eu sei que você gostava de mim no passado e você gostar de mim no presente me deixa feliz e apavorado ao mesmo tempo. O que eu sinto por você, Eva, é muito grande. É intenso e a conclusão que eu cheguei é que não quero mais fugir disso. Eu quero viver isso com você. Quero você comigo, como minha amiga também, claro. Eu ainda quero que você seja minha melhor amiga para sempre, mas te quero como mulher. Não vou negar que ainda sinto medo de que alguma forma eu consiga estragar tudo e você se afastar. Sei que se isso acontecer às coisas entre nós jamais serão como antes, mas não consigo mais lutar contra isso. Eu quero arriscar. Porque definitivamente não quero só ser seu amigo.

Foi como se meu coração tivesse saído de órbita ao ouvir suas palavras. Eu meio que estou extasiada demais para falar algo.

Ele me quer como mulher, é mais do que eu poderia esperar.

Eu o amo tanto, tanto!

Estou chorando. Ele me analisa com uma expressão preocupada, provavelmente aguardando que eu fale alguma coisa, mas não falo nada porque as palavras simplesmente desapareceram. Então faço melhor, pulo em cima dele e o agarro.

— Cuidado, cuidado! — Diz sorrindo me aninhando em seu colo.

— Desculpe. — Peço fazendo carinho no braço machucado. Nossos rostos estão a centímetros um do outro e eu posso sentir sua respiração.

Me beije, Jesse James, me beije agora!

Como se lendo meus pensamentos ele agarra o meu queixo e planta um beijo em meus lábios, um selinho apenas, mas já é o suficiente para me incendiar. Jesse me presenteia com seu melhor sorriso e então me beija de verdade, com urgência, me beija com possessividade e eu retribuo com a mesma intensidade. Minhas mãos estão nos seus cabelos bagunçando-os ainda mais, suas mãos estão dentro da minha blusa agarrando meus seios por cima do sutiã, explorando minha barriga, descendo para a minha bunda. Ele se afasta ofegante e me fita intensamente.

— Eu quero que você saiba que não me arrependi da noite que passamos juntos. — Jesse continua se justificando, eu quero dizer que não precisa explicar mais nada, só me beijar, mas sinto que ele precisa dizer tudo o que sente. — Aquela foi a melhor noite da minha vida, Eva, mas eu sou um idiota e fiquei confuso. Quando acordei você estava se preparando para fugir de mim. Percebi que você também estava confusa, e as coisas pioraram quando a Clarissa apareceu. Eu ia te procurar para conversarmos depois, mas a ela me pediu para ficar com o Benjamin por dois dias e nesses dois dias que fiquei com ele a confusão deu lugar a insegurança e o resto você já sabe. Fui covarde.

— Eu realmente acreditei que você tinha se arrependido, assim como fez no dia em que nos beijamos... — Ele coloca os dedos nos meus lábios me silenciando.

— Fui um idiota naquele dia também. Na época eu só pensava em resgatar nossa amizade, mas no fundo eu já sabia que seria impossível porque não te via como minha amiga. Eu queria estar em cada pedaço do seu corpo e isso não é amizade.

Me delicio mentalmente com sua revelação.

— Eu quis que você estivesse em cada pedaço do meu corpo assim que te vi. Não preciso negar.

Jesse sorri, agarra meu queixo e me puxa para mais um beijo. Primeiro é um beijo cheio de carinho, nossas bocas ainda estão fechadas se explorando

superficialmente. Sua língua pede passagem e eu permito que ela explore cada pedacinho da minha boca. Ele me beija com paixão, com necessidade, quase desesperado.

— Acho que você finalmente vai realizar sua fantasia. — Olho confusa pra ele — Preciso de ajuda para tirar a minha farda.

Um sorriso malicioso invade meu rosto e concordo com a cabeça.

Mal posso esperar!

[...]

Estamos no seu banheiro. Abro os botões da farda e a tiro com cuidado. Dessa vez ele está com uniforme tradicional e não com a camiseta azul do dia que nos conhecemos. Um policial não deveria usar uma camiseta daquela principalmente se ela fica colada no corpo e, principalmente se o policial for tipo o Jesse, cheio de músculos bem definidos. Não é de admirar que existam fotos de policiais “gatos” na internet.

— E agora? — Pergunto animada parecendo uma criança que acabou de ganhar um brinquedo.

— Agora o cinto. — Antes ele tira a arma e a coloca em cima da bancada retirando o pente.

Eu solto as faixas que estão presas em ambas às pernas dele primeiro. Começo a acreditar que talvez eu tenha mesmo fetiche por fardas, por essa farda e principalmente pelo corpo que está nela. Tiro o cinto e o coloco com cuidado na bancada. Ele abaixa a tampa do vaso e senta-se pra que eu tire o coturno.

— É melhor tampar o nariz. Eu não me responsabilizo pelo odor que vai sair daí. — Brinca.

— Eca! — Caio na risada. Desamarro os cadarços e tiro um por um, seguido das meias.

Agora é a vez da calça. Ele se levanta com um olhar malicioso e aponta com as duas mãos para o zíper. Eu rapidamente ergo minhas mãos e desfaço o botão, o zíper e desço a calça até livrá-lo delas.

— Prontinho.

— E a cueca? — Pergunta erguendo as sobrancelhas.

— A cueca não faz parte da farda. — Eu o provoco.

— É mais eu não consigo tirar. — Faz cara de inocente — Tira a roupa. — Diz de repente chegando mais perto. Fico paralisada. Jesse se aproxima mais um pouco e me puxa pelo cós da minha calça — Toma um banho comigo?

Sinto meu corpo corresponder ao pedido dele mais rápido do que eu posso processar. Afasto-me um pouco e tiro rapidamente minha blusa. Abaixo-me e tiro também a calça. Seus olhos estão devorando meu corpo como se ele fosse um predador faminto. Ele está com aquele olhar sério que eu acho incrivelmente sexy. Se aproxima e vira-me de costas para abrir o fecho do meu sutiã. O contato de suas mãos com a minha pele faz o meu corpo se arrepiar inteiro. Esse arrepio faz caminho diretamente para o meio das minhas pernas. Quando ele tira o meu sutiã vira-me novamente de frente e me encara por alguns instantes. Um sorriso surge no canto dos seus lábios.

— Você é muito linda, Eva... Minha Eva. — Se aproxima, me agarra pelo pescoço com o braço bom e me beija lentamente.

Abre o chuveiro e puxa-me para junto dele. Estamos os dois debaixo da água nos beijando como se precisássemos disso pra viver. Eu o agarro com cuidado para não esbarrar no ferimento dele. Suas mãos estão explorando minhas costas, minha bunda, minhas coxas. Lembro-me do curativo.

— Está molhando, é melhor tirar. — Ele concorda e eu retiro o curativo com cuidado. Realmente não foi tão feio. Observo o machucado e dou uns beijinhos de leve ao redor dele. Afasto e abaixo-me na sua frente para tirar a sua cueca. Quando eu o liberto fico encantada com a visão dele maravilhosamente nu. Acho que nunca vou me acostumar com isso. Levanto devagar e tiro minha calcinha. Ele parte para cima de mim e me encosta na parede fria do banheiro.

— Pra não perder o costume. — Diz sorrindo — Prensar você nas paredes só não é melhor do que estar dentro de você enquanto eu faço isso.

Beija meu nariz, minha bochecha, meu queixo. Desce plantando beijos nos meus ombros e nos meus seios. Agarro a bunda dele prendendo-o ainda mais a mim. Sua ereção roça na minha barriga e eu anseio que ele a enterre logo dentro de mim. Como se lesse os meus pensamentos, Jesse vira-me de costas, afasta a minhas pernas e me penetra lentamente. Nossos corpos

colidem em um movimento de vai e vem sincronizado. Uma de suas mãos está na minha cintura e a outra acaricia meus seios. Ele geme no meu ouvido dizendo palavras incoerentes e estou quase chegando lá só de ouvi-lo. Ergo um dos meus braços e seguro o seu pescoço. Sua mão vai para o meio das minhas pernas. Ele acaricia meu clitóris enquanto pronuncia meu nome com a voz carregada de tesão. É o suficiente para que eu alcance o clímax. Nunca foi tão rápido.

Ele repete meu nome várias e várias vezes. Acelera as investidas estocando cada vez mais fundo. Seus dedos vão para minha boca e ele enfia o indicador dentro dela, chupo seu dedo de forma provocante.

— Você me deixa louco! — Exclama com dificuldade.

Jesse segura minha cintura agora com ambas as mãos e acelera seus movimentos. Fico preocupada com seu braço, mas nada nem ninguém nos pararia agora.

Com um grunhido rouco Jesse também alcança sua libertação me preenchendo com seu prazer. Ele deita a cabeça no meu ombro e ficamos assim até nossas respirações voltarem ao normal. Meu coração está em festa.

Como desejei esse momento! Como desejei que nos entendêssemos, que ele fosse meu novamente!

Ele sai de mim e me dá um abraço tão apertado que fico com medo por causa do ferimento, mas ele parece não se importar. Quando se afasta me presenteia com seu sorriso de covinhas, seu sorriso é cúmplice e pela primeira vez não vejo nenhuma ponta de arrependimento. Eu só vejo carinho, só vejo desejo, só vejo paixão.

Capítulo 15

Jesse

Ela está deitada na minha cama enquanto eu tento descobrir no meio dos meus DVDs onde está o filme que escolhi para vermos juntos. Enquanto eu procuro, Eva já foi à cozinha, fez pipoca de micro-ondas e ainda não consegui encontrar o bendito filme.

— Em plena era de baixar filmes como você ainda tem tantos DVDs? — Quando me viro para responder fico surpreso com a imagem a minha frente. Ela está incrivelmente sexy usando uma camiseta minha com a estampa do *Bart Simpson* e com o meu chapéu da polícia na cabeça. Estou olhando embasbacado enquanto ela faz um gesto com as mãos para que eu responda.

— Qual era mesmo a pergunta? — Vou até a cômoda e pego meu celular enquanto ela repete a pergunta novamente. Mais uma vez não respondo e começo a tirar fotos dela — Eu nunca gostei tanto dos *Simpson* como estou gostando agora.

— Para! — Ela pede colocando as mãos no rosto.

— Eu não vou colocar na internet. — Provoco e continuo disparando flashes sobre ela que relaxa e começa a fazer poses.

Jogo o celular na cama e a puxo. Eva fica de joelhos na cama e segura nos meus ombros enquanto envolvo a sua cintura.

— Acha que eu ficaria bem de farda? Será que conseguiria ser uma PRF?

— Acho. Você deveria tentar o próximo concurso. — Respondo beijando o seu pescoço.

Ela sorri. Beijo seus lábios de leve e a liberto. Volto a procurar o DVD

enquanto ela vê as fotos que tirei dela.

— Respondendo a sua pergunta, os meus DVDs são clássicos, não são fáceis de achar para baixar e tem muito pouco deles no *Netflix*. Achei!

— Que filme é?

— Você vai ver. — Nesse momento o Wilker abre a porta do meu quarto.

— Pô cara, desculpa aí! Achei que você estava dormindo, só ia dar uma olhada em você. Não sabia que você tinha visita. — Meu amigo diz tampando os olhos.

— Tudo bem cara, estamos decentes. — Respondo sorrindo.

— Oi, Evangeline!

— Oi, Wilker!

— Gostei do chapéu.

— Estou seriamente considerando entrar para polícia, mas só por causa da farda. — Ela responde com um sorriso travesso. O Wilker faz uma cara de “não entendi”, mas acena.

— Nem queira saber cara.

— Então está certo. Bom eu vou deixar vocês em paz. Vou tomar um banho e vou sair. Até mais, Evangeline.

— Até.

Coloco o DVD pego o controle e me sento com ela na cama. Nos encostamos na cabeceira e ela me passa a travessa de pipoca e o refrigerante.

— Pronta? — Faz que sim com a cabeça e eu aperto o play.

Assim que o filme começa Evangeline aperta o meu braço com força e leva a mão na boca.

— Não acredito! Como você tem esse filme em DVD?

— Eu disse. Só tenho os clássicos. — Respondo satisfeito por ela ter gostado.

A história de Jesse James o fora da lei é contada em vários filmes, mas o que fez parte da nossa história é o filme *A Cavalgada dos Proscritos*, tradução em português para o título *The Long Riders* de 1980 com o ator Dennis Quaid. O pai dela era fã de filmes de faroeste e tinha uma porção deles. Ele sempre convidava meus irmãos e eu para a “noite do cinema”

como ele mesmo rotulava. Nesse dia ele disse que o filme seria em minha homenagem. Foi assim que descobri que tinha o mesmo nome de um dos personagens mais famosos do velho oeste. Depois disso Eva passou a me chamar de Jesse James e nunca mais parou.

Ela assiste ao filme vidrada. Estamos de mãos dadas, nossos dedos entrelaçados. Coloco a pipoca na boca dela que sorri agradecendo. Está focada na tela da TV, mas eu nem presto atenção no filme, só consigo prestar atenção nela ao meu lado. Os mais variados sentimentos estão tomando conta de mim neste momento, alegria, prazer, paixão e a cada vez que olho para ela sentada aqui na minha cama agarrada comigo eles se intensificam.

Eu sou um cara de sorte. Sou um filho da puta sortudo.

Meu celular começa a tocar me tirando dos meus delírios apaixonados. Ela pega o controle da minha mão e pausa o filme.

— Puta que pariu cara! Que história é essa de você levar um tiro? — Meu irmão Bernardo grita do outro lado. Tenho que afastar o celular do ouvido, até Evangeline ouviu porque sorriu e o chamou de ursão. Ela também colocara um apelido nele quando éramos crianças.

— Não é história, mas fica tranquilo foi de leve. Estou bem e já estou em casa.

— Caramba! Como isso aconteceu? — Sou obrigado a contar nos mínimos detalhes toda a história para ele porque agora eu não estou mais falando com o meu irmão e sim com o delegado da polícia civil. Depois de mais de quinze minutos ele se dá por satisfeito e resolve desligar.

Evangeline está sorrindo pra mim e eu tenho vontade de desistir desse filme e amá-la de novo e de novo, mas penso que ela não irá aceitar porque depois do que fizemos no banheiro e depois na cama meu ferimento começou a sangrar.

O telefone dela é que toca agora. Me mostra a tela e vejo o nome da Ingrid.

— Oi Indy! Sim, fiquei sabendo. — Está ouvindo a minha irmã e sorrindo. Seu rosto fica vermelho e fico curioso para saber o que ela está falando. — Calma Indy! Ele está bem... Sim, eu sei. — Pego o telefone da mão dela porque sei que minha irmã não irá sossegar até ter certeza de que estou bem.

— Eu estou bem maninha, relaxa! — Minha irmã fica muda — Indy?

— Graças a Deus, você está bem! Onde vocês estão? É um pouco tarde e você está ferido.

— Estou em casa, já estou na cama e estamos vendo o filme do Jesse James — Ouço um “O” exasperado do outro lado da linha.

— Que boa notícia meu irmão! Até que enfim! Bom, eu não quero atrapalhar os dois pombinhos. Estou desligando, beijos. — Ela nem espera eu responder e desliga.

Na verdade, não estava planejando compartilhar essa nossa novidade com ninguém agora porque conheço o meu povo, sei que vão me bombardear de perguntas, mas é a Indy. Essa garota é nota mil no quesito discrição.

— Eu almocei com ela hoje. — Evinha diz sem graça — E eu meio que me desabafei com ela sobre você.

— Isso explica a euforia dela ao saber que você está aqui.

— Me desculpe, eu não queria ficar espalhando nossa vida por aí, mas é a sua irmã, minha amiga e eu realmente estava tendo um dia ruim.

— Ei! — Passo o polegar nos lábios dela e seguro seu rosto — Não estou preocupado com isso — Beijo sua testa.

— Indy me entregou o convite do casamento. Você vai ser padrinho junto com a Clarissa, não é?

— Infelizmente. Será que dá tempo de mudar isso? Você poderia ser a madrinha ao invés da Clarissa. Você já provou que fica muito bem como madrinha.

— É claro que não! Nunca faria uma coisa dessas com a garota.

— Eu não ligo. — Sei que posso parecer um insensível, mas eu realmente não ligo.

— Eu ligo. — Diz sem me convencer — Quer dizer que me saí bem como madrinha, é?

— Com certeza. Eu ainda me perco pensando naquele vestido que você usou. Você poderia usá-lo de novo no casamento da Indy, o que você me diz?

— Digo que não, *oras!* Eu não vou usar um vestido repetido! Vou usar um novo.

— Mulheres! Então promete que vai ser no mesmo nível daquele?

— Porque você gostou tanto daquele vestido?

Você sabe por que eu gostei, Evangeline.

— Não sei. Acho que foi alguma coisa sobre você não estar usando calcinha. Quase fiquei maluco. — Respondo colocando as mãos por baixo da sua camiseta.

— Fico feliz em saber disso. Escolhi aquele vestido especialmente pra você, aliás, tem sido assim desde que nos reencontramos. Toda roupa que eu vestia pensava em você, em como você reagiria. Eu queria te seduzir.

Eu tenho certeza que estou sorrindo como um idiota agora, mas não ligo.

— Sério?

— Sério! Não preciso esconder isso já que você sempre soube da minha paixonite — Me deito na cama e a puxo para deitar ao meu lado — Quando você olhou para os meus peitos lá na porta da casa da minha mãe eu fiquei radiante por você me notar, afinal antes eu era tão sem graça. Talvez por isso você não me notasse.

Ela não imagina o quanto eu a notava mesmo assim, entretanto, ainda não estou pronto para dizer isso a ela.

— Desde de que olhei para os seus peitos eu fiquei maluco. Fiquei me sentindo culpado por estar desejando a minha melhor amiga de infância, mas era mais forte que eu.

Acaricio o bumbum dela e a aperto contra mim. Minha ereção é visível. Ela me encara com um olhar malicioso e eu quero muito me perder nela novamente.

— O vestido preto. — Continuo — O daquele dia que te trouxe aqui, aquele vestido quase me fez ejacular nas calças como um adolescente virgem.

— Aquele vestido foi escolhido a dedo. — *Eu sei que foi* — Jesse e o Benjamin? Espero que ele não tenha ficado com má impressão de mim.

— Não esquenta com o moleque. O danadinho ficou me sacaneando depois, falando que você era namorada dele. — Sorri aliviada.

— Seu filho é lindo.

— Você também é linda! — Minhas mãos já estão por todos os lugares do corpo dela. Eu a deito na cama e subo em cima parando no meio das

pernas dela — Quer continuar vendo o filme? — Pergunto tirando a sua calcinha.

— O seu braço... — Eva começa a falar, mas a interrompo com um beijo. Quando me afasto deito novamente e a puxo para que ela fique por cima de mim.

— Você por cima, assim eu não me esforço tanto. — Ela concorda e tira a sua camiseta, ou melhor, a minha camiseta e a joga longe.

Eva levanta a minha e começa a beijar meu peitoral, abdômen e vai descendo até arrancar a minha cueca. Ela me coloca dentro da sua boca e a sensação é a mais incrível possível. Suga lentamente e me envolve também com as mãos. Seu hálito quente e seus lábios macios estão me enlouquecendo e por mais que eu esteja amando isso não quero terminar assim, preciso estar dentro dela, então a puxo com cuidado e a posiciono novamente em cima de mim. Evangeline me ajuda a tirar a camiseta. A seguro pelos quadris me guiando para dentro dela novamente. No único lugar que eu quero estar dentro além do seu coração.

[...]

— Acorda dorminhoca. — Eu a cutuco de leve, mas ela não se move. Sento-me na cama ao seu lado e afasto seus cabelos do rosto — Evangeline?

— *Humm* — Responde preguiçosa.

— Acorda.

— Por quê? — Pergunta sentando-se na cama ainda sonolenta — Porque você está vestido? Vai sair? — Agora ela está bem desperta me encarando intrigada.

— Nós vamos sair. Não preciso ir trabalhar e já falei com a Camila que você também não vai trabalhar nesse fim de semana e ela concordou.

— E para onde a gente vai?

— É surpresa Evangeline, agora levanta. — Eva abre a boca para falar, mas resolve se calar.

— O que foi?

— Nada.

— Fala.

— É só que você não quer me chamar de Evangeline, mas é assim que você tem me chamado desde então.

É verdade, o nome dela grudou como um chiclete na minha boca.

— O seu nome grudou igual chiclete que mesmo querendo, às vezes não consigo te chamar de Eva.

— Eu adoro que você me chame de Evangeline, mas você sabe que pode me chamar de Eva sempre que quiser, não sabe?

— Agora eu posso? — Ergo a sobrancelha divertido.

— Você sempre pôde. — Ela se lança em meus braços e me dá um selinho. — Preciso de um banho.

— Tem escova de dentes e tolhas nas gavetas do armário. Fique à vontade. Vou terminar de preparar nosso café.

— Você não vai mesmo dizer para onde nós vamos? — Insiste.

— Só vou dizer que vamos passar a noite.

— Mas eu não trouxe roupas, nem nada.

— Passamos no seu apartamento. Estou te esperando na cozinha. — Dou um selinho nela e saio do quarto.

[...]

— A Evangeline precisa vir para cá mais vezes. — Wilker comenta colocando o café na caneca — Uma tapioca dessas é minha né? — Assinto. Ele está praticamente salivando em cima das tapiocas.

— Valeu, cara. — Ele faz cara de surpresa, mas sabe do que estou falando.

Por mais que eu não quisesse que ele contasse sobre o tiro, o incidente serviu para nos aproximar.

— Eu não fiz nada. Vocês iam se resolver de qualquer forma. O que aconteceu só antecipou. — Concordo com ele.

— Bom, eu vou correr. — Meu amigo diz pegando a tapioca.

— Wilker, eu vou levar a Evangeline para Teresópolis, volto no domingo.

— Lua de mel? — O sacana me zoa.

— Não, babaca! Só quero começar a recuperar o tempo perdido.

— Então começa logo meu amigo. Porque são dezesseis anos perdidos, não é isso?

— Exatamente isso.

Wilker me conhece melhor do que a mim mesmo. É o melhor amigo que um homem poderia ter. Eu posso dizer que tenho o privilégio de ter os dois melhores amigos do mundo inteiro e um deles ainda por cima é o meu amor.

— Oi. — Eva aparece na cozinha e senta-se no banquinho.

— Oi! — Com certeza, devo estar olhando para ela com um sorriso idiota, mas não consigo evitar.

Estou louco por essa mulher!

— Alimente-me subalterno! — Sua voz me desperta.

— É pra já minha rainha!

Sirvo uma caneca de café para ela junto com uma tapioca de queijo. Pego meu café e sento-me ao seu lado.

— *Hummm!* Isso aqui está bom! — Diz provando a tapioca — O que mais você sabe fazer?

— Bom, quando eu e o Bê ficamos sozinhos em Goiânia tivemos que nos virar, então aprendemos a cozinhar. Eu faço quase de tudo e o que não sei, olho na internet. Depois do *Youtube* só não aprende a cozinhar quem não quer. E você? Cozinha?

— Só o básico. Não tenho muita paciência para cozinhar. Geralmente peço comida.

— Eu vou cozinhar uma das minhas especialidades pra você qualquer dia.

— Sério?

— Sério.

— Você gostou de morar lá, não é?

— Sim. Apesar das circunstâncias em que fui pra lá e da falta que você fazia, eu gostava. Ainda bem porque senão acho que teria pirado.

— Ou virado um adolescente rebelde. — Brinca — Ou um *emo*. — Completo.

— Ou um perverso. — Ela continua. Sorrimos.

— Exatamente! Está pronta para ir? — Eva confirma com a cabeça entusiasmada — Então vamos!

— Espera. — Diz e some em direção ao meu quarto. Eva volta com meu violão na mão — Você vai tocar pra mim seja lá onde estivermos.

— Eu prefiro tocar em você. — Respondo me aproximando dela e a puxando para perto de mim — Mas acho que posso tocar o violão também.

[...]

Passamos no apartamento dela e pegamos tudo o que disse a ela que precisaria, inclusive roupas de invernos. Ainda não está tão frio, mas as temperaturas estão caindo bastante à noite.

— Pra onde? — Pergunta dando partida no carro.

Ela não me deixou dirigir por causa do meu ferimento, mas com certeza ele não iria atrapalhar, de qualquer forma deixei-a levar o carro para não a contrariar. É isso que os caras apaixonados fazem, não é verdade? Fazem tudo para agradar a garota.

— Pega a estrada sentido Teresópolis. — Posso ver seus olhinhos brilharem de ansiedade — E chega de perguntas. — Evangeline sorri assentindo.

— O que temos aqui? — Pergunto ligando o som do carro dela. A voz do Ed Sheeran surge dentro do carro.

— Eu já gostava dele antes de você cantar aquela música, depois então fiquei viciada. Você cantou aquela música para mim, não foi? — Concordo com a cabeça. Ela se concentra na estrada e eu aproveito para acariciar suas pernas.

— Você não me deixou dirigir, agora vou molestar você daqui até lá. — Deslizo minha mão para o meio de suas pernas, ela sorri maliciosamente e seguimos trocando carícias durante todo o percurso.

Capítulo 16

Evangeline

Eu não sei para onde Jesse está me levando, mas dá pra deduzir que é para algum lugar em Teresópolis. Quando estamos chegando próximo ao mirante do Soberbo peço para fazermos uma parada. Desço do carro e abro a porta do passageiro porque é claro que eu trouxe minha câmera, pois onde quer que seja que ele esteja me levando eu preciso registrar.

Vimos aqui uma vez quando éramos adolescentes, eu, ele e seus irmãos, meu pai que nos trouxe. Estávamos voltando do Rio. Meu pai havia nos levado à praia. Ficamos o dia todo e voltamos no finalzinho da tarde. Papai parou no mirante para tirarmos fotos. Eu que naquela época já manifestava minha paixão por fotografia, tinha ganhado minha primeira câmera fotográfica e estava eufórica.

Tirei fotos de todos, mas principalmente dele. De todos os jeitos possíveis, apontando para o dedo de Deus, sentado no muro de concreto e de braços abertos. Tenho todas elas guardadas no meu baú de relíquias.

— Se lembra de quando viemos aqui? — Pergunto ficando atrás, quando ele se vira eu já tiro minha primeira foto — Eu tirei várias fotos suas.

— Eu me lembro, você estava toda animada com sua câmera nova. — Concordo e continuo tirando fotos dele, que sorri e faz a tradicional pose erguendo o dedo indicador. — Minha vez — Jesse me alcança e pega a câmera da minha mão.

Está ventando e meus cabelos insistem em ficar no meu rosto, vou tentando ajeitá-los enquanto ele tira uma foto atrás da outra. Jesse vai se aproximando e tirando fotos até que fica pertinho de mim. Deve ter tirado umas cem fotos, mas não acredito que alguma tenha prestado, meu cabelo ficou na frente o tempo todo.

— Eu poderia me acostumar com isso. — Diz olhando para a câmera — Desde que você fosse minha modelo. — Me derreto toda com o que ele disse. Na verdade, cada palavra que sai da boca dele faz com que eu me apaixone cada vez mais.

Jesse pendura a câmera no pescoço e se aproxima sentando-me no muro de concreto. Ele fica entre as minhas pernas e coloca as mãos na minha cintura. Seus olhos brilham tão intensamente, é como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, como se não tivesse atrás de mim um dos cenários mais lindos do Rio de Janeiro. Apenas eu.

Eu já disse que me derreto a cada palavra que sai da boca dele? Pois é, também me derreto com cada olhar, com cada toque, com cada sorriso de covinhas. Eu me derreto até pela respiração dele e meu coração custa a acreditar que esse momento é real, que não é um sonho.

Ele está sorrindo, não resisto e passo os dedos por suas covinhas.

— Você tem o sorriso mais lindo e mais sexy desse mundo.

— Ah, é? — Sorri mais ainda.

— É, e esse seu sorriso me faz querer pular no seu pescoço toda vez que ele surge.

— Então vou pregar ele na minha cara a partir de agora. — Ele finge congelar o sorriso e aperto suas bochechas.

Jesse fica sério e encara a minha boca, passa o polegar sobre ela de um jeito tão erótico que involuntariamente minhas pernas se enroscam nas dele. Estamos colados um no outro agora e consigo perceber o seu desejo crescer, literalmente. Ele continua passando o dedo sobre os meus lábios e eu não resisto e chupo o seu dedo. Sua respiração fica ofegante e seu olhar é de puro desejo. Quase nos esquecemos que estamos em um local público.

— Eu preciso te levar agora para onde estamos indo, Eva, ou vou acabar fazendo amor com você aqui sentada nessa mureta.

Fazer amor, fazer amor... Meu coração quase para de bater com o que ele acaba de dizer.

— Tá... — Consigo responder antes da sua boca atacar a minha em um beijo possessivo. Infelizmente fomos interrompidos por um barulho de outro carro parando próximo ao meu.

— Acho que não dá muito certo fazer amor em pontos turísticos. —

Diz sorrindo. Quando ele começa a se afastar eu o seguro.

— Espera. — Pego minha câmera do pescoço dele e o puxo para ficar ao meu lado — Você pode tirar uma foto da gente, por favor? — Pergunto ao homem que está com uma garota do outro lado.

— Claro! — Ele tira a foto e me devolve a câmera.

Agradecemos e seguimos para o carro. Encosto-me ao carro e ligo a câmera para olhar as fotos. Jesse está ao meu lado olhando também.

— Até que as fotos que você tirou de mim não ficaram tão ruins apesar do meu cabelo. Você leva jeito! — Ele pega a câmera da minha mão e vai passando as fotos.

— Esta é perfeita! — Concordo. Ficou mesmo muito boa.

Estou com a cabeça um pouco abaixada e de lado. Meu cabelo ficou todo para trás por causa do vento, exceto um punhado que estou tirando do meu rosto. O brilho do sol reluziu nos meus óculos dando um feito legal. — Eu quero todas.

— Tá bom. — Continuamos olhando as fotos — Nossa primeira foto oficialmente juntos depois de dezesseis anos — Digo mostrando a que o homem tirou da gente.

— Primeira de muitas. — Diz me beijando no rosto — Vamos?

— Vamos.

— Mas agora você vai para o lado do carona. — Não discuto porque estou ansiosa para chegar logo nesse bendito lugar — Agora coloque isso. — Me entrega uma máscara daqueles de dormir. Observo intrigada o negócio em minhas mãos.

— Relaxa, eu não curto essas paradas. — Brinca — Confia em mim? — Pergunta sério.

— Confio. — Eu absurdamente confio nele. Sorrio e coloco a venda em meus olhos.

[...]

Não sei quanto tempo se passou, mas paramos. Isso significa que chegamos ao nosso destino.

Aleluia!

— Chegamos. — Ele confirma — Pronta?

— Pronta! — Jesse tira a venda e os meus olhos fazem seu trabalho para se adaptarem a claridade novamente. Então eu olho ao redor. Estamos em uma das melhores pousadas com chalé da cidade, eu logo a reconheço.

— Jesse! — Jogo-me em cima dele — Eu sonhava em vir aqui quando...

— Éramos adolescentes, eu sei. — Me interrompe.

— Sonhava em vir aqui com você. — Confesso emocionada lembrando-me dos meus delírios de paixão adolescente. Paixão pelo meu melhor amigo de infância. Jesse sorri e segura a minha mão.

— Venha. Vamos fazer o *check in*.

Eu o deixo ir sozinho até a recepção e aproveito para dar uma olhada ao redor. A pousada fica no meio da mata, pertinho da serra. Por isso disse para eu trazer roupa de inverno. Meu coração está batendo tão descompassado que parece que vai saltar para fora do meu peito.

Meu Deus, ele se lembrava disso? Que eu dizia que queria conhecer essa pousada?

Esses pequenos gestos estão me fazendo refletir sobre os sentimentos dele por mim no passado. Eu sei que era só amizade da parte dele, mas mesmo sendo só amizade é incrível como se lembra de tudo, de detalhes tão pequenos.

Sinto seus braços me envolverem e ele pousa sua cabeça no meu ombro. Seguro os seus braços fortes antes de me virar de frente para ele.

Droga, eu estou chorando!

— Ei! O que foi? — Pergunta segurando meu rosto entre as mãos.

— Nada, é que... Está tudo tão perfeito. Você se lembrar de coisas pequenas daquela época é tão... fofo! Não estou chorando de tristeza. É de alegria. — Sorri limpando minhas lágrimas.

— Eva, eu me lembro de tudo daquela época. De cada detalhe, de cada momento que passamos juntos. Nunca se esqueça disso, tá bom? — Concorro com a cabeça — Eu me lembro porque você é a pessoa mais importante da minha vida. Você e o Benjamin.

O beijo e o abraço ainda mais forte. Não sei como, mas ele consegue se

desvencilhar do meu abraço, provavelmente eu o estava sufocando. Puxa a minha mão até o carro e abre a porta para mim.

— Está tudo bem, mesmo?

— Claro! Desculpa eu chorar como uma idiota.

— Você não é idiota. Você é a minha Eva e a minha Eva é destemida se me lembro bem. Agora entre aí madame que vou te levar até o nosso chalé.

O chalé é tudo o que sempre imaginei, na verdade é muito mais. Próximo – não tão próximo assim – existem mais três chalés e parecem todos ocupados. O nosso é amarelo e tem uma varanda na frente com um sofá rústico e uma rede. Logo a frente tem um riacho cercado por pedras e uma cachoeirinha bem pequena. É linda e eu com certeza vou fotografar. Jesse me entrega a chave para eu abrir a porta enquanto ele pega nossas coisas.

O chalé por dentro é ainda mais incrível. É tudo muito rústico, mas de muito bom gosto. Ele é composto por uma suíte com uma sala conjugada e tem uma lareira.

Uma lareira! Ai meu Deus!

Fui moradora de Teresópolis quase a minha vida inteira e nunca me hospedei em um chalé com lareira, nem mesmo em um chalé.

Vou até o banheiro e me deparo com uma banheira de hidromassagem enorme e um teto de vidro. Fico olhando abobalhada para as copas das árvores através do vidro.

— Gostou? — Jesse pergunta, colocando as nossas malas em cima da cama.

— É incrível, eu amei! — Ele sorri satisfeito, senta-se na cama e faz um gesto com a mão para eu me sentar em seu colo.

— Então? O que você quer fazer primeiro? Mas antes de você responder, deixa eu te dizer que você só tem duas opções. Primeira: a gente pode fazer trilhas e explorar o lugar até nenhum dos dois aguentar mais e segunda, — Ele se vira e me joga na cama parando em cima de mim — A gente pode ficar os dois dias inteirinhos aqui dentro desse chalé transando como dois coelhos. — Caio na risada.

— Nossa, fico muito tentada com a segunda opção, mas isso significa que não vamos sair nem pra comer?

— Posso abrir uma exceção para isso. Ah, e se você for boazinha eu te

NACIONAIS-ACHERON

levo para fazer um tour, mas só aqui, pelos arredores, para te dar um tempo de se recuperar por estarmos transando o tempo todo como dois coelhos.

— Você parece gostar muito de coelhos.

— São os animais mais espertos que existem. Para a sua sorte já está na hora do almoço, então vamos almoçar de vez, porque depois...

— Vamos transar como dois coelhos.

— É isso aí. — Jesse levanta a sua mão. Eu levanto a minha e tocamos juntos no alto.

Jesse

A alegria da minha Evinha ao descobrir onde eu a tinha trazido foi contagiante. Bem, isso depois que ela explicou porque estava chorando, pois quando a vi daquele jeito fiquei apavorado.

Eva está no banheiro preparando a banheira enquanto estou aqui apanhando para acender a lareira. Coloquei um edredom de frente para ela e algumas almofadas porque eu pretendo fazer amor com minha amiga de infância em todos os cantos desse chalé e até na rede da varanda lá fora.

Depois de algum tempo consigo acender a bendita lareira. Tiro minha roupa, pego a garrafa de vinho, duas taças e vou ao seu encontro no banheiro.

Ela está completamente linda deitada na banheira de olhos fechados e com a cabeça apoiada na borda. Uma música baixinha está tocando. Olho ao redor e não vejo nenhum aparelho de som. Percebo que a música está vindo do celular dela. Quando olho para ela novamente, encontro seu olhar.

Caramba, eu estou muito apaixonado por você, Eva!

— Não vai entrar? Estou me sentindo muito sozinha aqui dentro.

Coloco o vinho e as taças ao lado da banheira. Ela se afasta para eu entrar e me sento atrás dela. Entrego as taças para ela e as encho com o vinho. Brindamos em silêncio. Ela toma um gole e encosta a cabeça no meu peito.

— Era como você imaginava? — Nega com a cabeça.

— O que eu imaginava não chega nem aos pés disso, principalmente porque você está aqui comigo. — Beijo seu pescoço, sua orelha e viro seu rosto para beijá-la na boca — Me dá a sua mão. — Estendo minha mão para

ela que a leva até o seu coração —Você sente isso? Sente o quanto ele está batendo forte? É assim que meu coração fica sempre que estou ao seu lado. Vivo!

Fico mudo diante da sinceridade de suas palavras, pois é exatamente como eu me sinto também. Pego a taça de sua mão e a viro para que ela fique de frente pra mim.

— É exatamente assim que me sinto também, Evangeline. — Sinto como se meu coração voltasse à vida depois de estar dezesseis anos adormecido, mas não digo isso a ela, pois eu teria que lhe confessar que sempre a amei e não sei por qual motivo, ainda não me sinto pronto para isso.

Espera aí, eu acabei de admitir que a amo?

— Terra para Jesse. — Eva chama minha atenção abanando a mão na frente do meu rosto — No que você estava pensando?

— Estava pensando no quanto você está deliciosa e convidativa aqui nessa banheira. — A ergo e a sento sobre mim. Estamos olhando um nos olhos do outro e seu olhar me diz tudo sem precisar de uma única palavra. Seu olhar está me dizendo para fazer amor com ela já e é isso que eu faço.

Seguro seu pescoço e puxo. Beijo sua boca, seu queixo, pescoço. Alcanço os seios dela e chupo o bico de um enquanto acaricio o outro, dou uma mordidinha de leve e a ouço gemer baixinho. Evangeline abre mais as pernas e com as mãos me guia para dentro dela. Não existe mais nada nesse mundo capaz de deixar o meu coração tão vivo assim.

Eu realmente te amo, Evangeline!

[...]

Depois do sexo na banheira, do sexo na cama e do sexo no edredom, estamos deitados nos braços um do outro. Nossas respirações ainda estão ofegantes e consigo sentir o coração dela batendo rápido pela forma que ela está deitada, com a cabeça apoiada no meu peito e uma perna sobre a minha. Já escureceu e a única luz aqui dentro é a luz da lareira.

Depois de um tempo, ela se levanta e vai até o banheiro, quando volta está vestida com um robe. Ela traz consigo a garrafa de vinho em uma mão e meu violão na outra.

— Agora você vai tocar para mim, já que você alterou a ordem e tocou

NACIONAIS-ACHERON

em mim primeiro. — Acho graça. Levanto-me para ir ao banheiro também. Passo por ela não antes de lhe tascar um beijão.

Visto apenas uma cueca e quando volto ela está sentada em uma almofada no chão tomando seu vinho. É a visão mais perfeita do mundo. Evangeline percebe a minha presença e sorri, aquele sorriso que em muitos anos da minha vida foi apenas uma doce lembrança. Pego o violão e sento-me ao seu lado.

— Aceito pedidos. — Digo posicionado o violão e tocando algumas notas para afiná-lo.

— Toca aquela que você mandou pra mim. *Eu Fico Com Você*, acho que é esse o nome.

Começo a tocar, ela faz um *joinha* e sorri satisfeita. Canta baixinho comigo do início ao fim da música sorrindo o tempo todo.

Não sorri assim para mim Eva, meu coração não aguenta!

Quando termino de tocar a música, ela me pede para tocar de novo.

Eu toco e canto de novo quantas vezes ela quiser.

Na terceira vez ela dá-se por satisfeita.

— Eu amei essa música!

— É realmente muito bonita. Mais algum pedido especial, senhorita!

— *Kiss me.*

Toco a que ela pede, depois toco mais algumas da época de quando éramos adolescentes.

— Agora vou tocar a sua música.

— Eu tenho uma música? — Pergunta empolgada.

— Você tem. — Sorrio divertido e começo a tocar a música *Minha Pequena Eva*. Ela revira os olhos e joga a almofada em mim, mas sorri feliz e o meu coração parece que vai explodir de tanto sentimento.

Quando eu queria irritá-la era só cantar essa música.

— Você é muito bobo, Jesse James!

Seguro o riso e canto o refrão a plenos pulmões:

“... Eu sou Adão e você será Minha pequena, Eva.

O nosso amor na última astronave.

Além do infinito eu vou voar Sozinho com você E voando bem alto Me abraça pelo espaço de um instante Me cobre com teu corpo e me dá A força pra viver... (Banda Eva) ”

Termino meu *show* cantando *Sleeping To Dream* do Jason Mraz. Quando termino a música, percebo que ela está sonolenta. Coloco meu violão de lado e me deito ao seu lado.

— Você quer comer alguma coisa antes de dormir? — Pergunto fazendo carinho nos cabelos dela.

— Eu ainda estou cheia do almoço. — Ela devolve o carinho — Acho que comi demais.

Pelo que pude perceber hoje ela é boa de garfo e eu adoro isso nela, sem frescuras.

— Então vem, vou te colocar na cama. — Pego-a em meus braços e a deito. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e me beija.

— Obrigada, Jesse! Esse foi o melhor dia da minha vida. — Sorrio e quando abro a boca para dizer que esse também está sendo o melhor dia da minha vida, ela se vira para o lado.

Cubro-a com o edredom e ela se aconchega mais ainda na cama. Fico encarando-a um tempo ainda com aquela sensação constante em meu peito. Aquela paz que sinto toda vez que estamos juntos. Eu quase posso esquecer a mágoa pelo meu pai quando estou com ela. Mas só quase.

[...]

Acordo e viro-me para o seu lado na cama, mas ele está vazio. Sento-me e corro os olhos ao redor do quarto. Nada. A luz do dia está entrando pelo teto de vidro do banheiro. Saio da cama e visto minha calça de moletom e o roupão por cima.

Ela só pode estar lá fora. Saio na varanda a vejo próxima ao riacho fotografando a paisagem. Está incrível toda concentrada tirando as fotos, escolhendo o melhor ângulo, mas para mim, a melhor paisagem é que estou presenciando.

Eva percebe minha presença e vira-se na minha direção. Abre um sorriso lindo e meu coração responde de volta. Me aproximo e beijo sua testa.

— Bom dia!

— Bom dia, dorminhoco! — Diz apertando meu nariz. Passo os braços ao redor da sua cintura e a prendo em um abraço de urso estilo Bernardo. Ela retribui o abraço e encosta a cabeça no meu peito.

— Vamos tomar café? — Concorde e voltamos para o quarto — O que você quer fazer depois do café? — Pergunto enquanto trocamos de roupas.

— Surpreenda-me — Responde e dá uma piscadinha.

Sento-me na cama e a puxo para perto que fica entre minhas pernas, ela aproveita para brincar com o meu cabelo.

— Podemos explorar o lugar. Depois almoçar e se você quiser, antes de voltarmos podemos ir ver os seus pais. Aproveito para ver o Ben. Não consigo decifrar a expressão que passa em seu rosto. Ela parece não ter gostado da última parte. Da parte do Ben. — Você não gostou?

— Parece perfeito pra mim. — Responde, mas fico encucado com a expressão dela.

— Você não precisa se preocupar com o Benjamin, ele não entendeu nada aquele dia...

— Não é com ele que eu fico preocupada. É com a mãe. Ela gosta de você.

Putaquepariu! Era só o que me faltava, a minha Eva ficar insegura em relação à Clarissa.

— Eva — Acabo sorrindo porque é absurdo — Nunca tivemos nada, eu nem gosto dela. Sei que parece horrível quando digo isso porque temos um filho lindo juntos, mas infelizmente é verdade — Ela sorri assentindo.

— Você vai até a minha casa comigo? Meus pais podem te encher de perguntas. — Muda de assunto.

— Eu acho que posso responder todas elas.

[...]

Cumprimos todo o cronograma, tomamos café, passeamos pelos arredores enquanto ela tirava fotos até de besouros. Namoramos agarradinhos

na rede, mas sem sexo, pois o vizinho do chalé ao lado não desgrudava os olhos da gente. Almoçamos e finalmente saímos, mas não antes de aproveitarmos a cama uma última vez.

Capítulo 17

Evangeline

Paramos em frente ao portão da casa dos meus pais e antes que eu possa perguntar se Jesse tem certeza disso, ele já está abrindo o portão e me puxando pela mão para o balanço de pneu.

— O quê? — Pergunto confusa — Você quer que eu me sente aí?

— Isso mesmo. Eu vou balançar você. — Arregalo os olhos incrédula.

— Você está brincando?

— Senta logo aí mulher! — Balanço a cabeça não acreditando, mas sento-me.

Jesse começa a me balançar. A cada impulso que ele faz no pneu eu consigo ir mais alto. A minha incredulidade dá lugar a gargalhadas. Não acredito que estamos fazendo isso, mas estou gostando e muito. Olho em direção a porta da cozinha e avisto meus pais nos observando. Eles trocam um sorriso cúmplice.

— Mais alto! — Grito empolgada. Ele faz o que eu peço e empurra com mais força o balanço.

Nesse pequeno momento, estou de volta ao passado. Lembro-me da última vez em que brincamos neste balanço. Ainda não sabíamos que ele iria embora. Era um típico domingo de inverno no qual alternávamos entre balançar no frio de 9 graus e tomar chocolate quente na cozinha. Nos quatro, o quarteto fantástico.

Percebo que meu ritmo diminuiu e olho para trás. Jesse não está mais me balançando.

— Momento nostálgico? — Faço que sim e ele segura o balanço fazendo-o parar.

Jesse fica de frente para mim e me encara.

— Eva, nós temos que fazer nossos momentos daqui pra frente serem melhores que os momentos do passado, para compensar esses dezesseis anos perdidos.

Não consigo responder de imediato porque estou em êxtase com o que ele acaba de dizer. Essas três palavras “daqui pra frente” grudam no meu coração e eu as repito em pensamento umas *trocentas* mil vezes.

— Eles já são melhores, Jesse. — Respondo laçando o pescoço dele. O beijo sem me preocupar que meus pais estão nos assistindo — Temos plateia. — Digo apontando com a cabeça em direção aos meus pais. Ele sorri e me ajuda a descer.

— Que novidade é essa? — Meu pai pergunta e ganha um cutucão da minha mãe.

Tão sutil mãe!

Abraço meu pai depois minha mãe em seguida. Jesse cumprimenta meu pai com um aperto de mão e abraça minha mãe.

— Vocês não me fizeram prometer que eu iria trazê-lo para almoçar? — Meu pai balança a cabeça concordando.

— Ainda bem que eu fiz lasanha filha, é só o prazo de esquentar. — Minha mãe diz empolgada.

— É brincadeira dela dona Ana, nós não viemos almoçar. Estávamos por aqui, passamos só para ver vocês.

— Oh! Me deixe pelo menos preparar um lanche então. — Ela vai para a cozinha sem esperar resposta.

— Aproveita para ir ver o Benjamin. — Sugiro tentando despachá-lo logo antes que meu pai faça mais perguntas. Ele levanta uma sobrancelha.

— Então tá. Até daqui a pouco. — O acompanho até o portão. — Você está me despachando?

— *Humrum* — Respondo envergonhada — Eu não quero que meu pai te bombardeie de perguntas.

— Já disse que posso respondê-las. — Mas eu não sei se quero ouvir suas respostas agora.

E se meu pai perguntar se estamos namorando? O que ele vai

responder? E se ele responder que sim só por pressão do meu pai? E pior, e se ele responder que não? Eu não quero ouvir isso.

— Eu sei que pode. Mas a menos de um mês eu estava aqui chorando porque meu noivo tinha terminado comigo. Não quero que eles deem palpites ou conselhos.

— Tudo bem, mas eles não são idiotas, Eva. Você me beijou no balanço.

— Eu sei e vou te beijar agora também. — Prendo o pescoço dele com as mãos e o puxo para mim. Quando nossos lábios se tocam ele leva as suas mãos na minha cintura e eu sei que meu pai está vendo tudo lá da varanda.

— Porque você não traz o Benjamin aqui? — Pergunto quando nos separamos.

— Eu vou ver se ele quer vir. — Jesse me dá mais um beijo, entra no carro e sai.

Volto para a casa e meu pai continua na varanda olhando para mim. Eu vou ter que explicar, mas é melhor eu mesma fazer isso.

— Ué, cadê o Jesse, filha? — Minha mãe pergunta trazendo a garrafa de café.

— Foi ver o filho dele mãe. Ele tem um filho, mas você já sabia não é pai? — Pergunto colocando o café na caneca — Porque você não me contou que ele estava de volta e que tinha um filho? Você se encontrava com ele de vez em quando, poxa!

— Filha, eu nem me lembrei.

— Você devia ter me contado.

— Ele tem um filho. Pensei que talvez ainda ele estivesse com a mãe da criança. — Tenta se justificar.

— Mas ele não está pai. Nunca esteve.

— Vocês estão namorando, filha? — Minha mãe pergunta sentando-se ao meu lado — E não adianta negar, eu vi vocês se beijando.

— Eu também vi. — Meu pai fala — Até demais.

— Não sei se estamos namorando. Só estamos juntos a poucos dias e eu não quero que você o bombardeie de perguntas quando ele voltar pai.

— Porque não? Eu preciso saber quais são as intenções dele com você,

filha.

— Sim, se eu tivesse quinze anos. Só para constar, eu tenho o dobro dessa idade.

— Faz o que ela está pedindo meu velho. — Minha mãe sorri e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha — Eu estou muito feliz por vocês finalmente ficarem juntos.

— Como assim finalmente ficarem juntos? — Meu pai pergunta sem entender, na verdade eu também estou confusa.

— A Evinha sempre foi apaixonada pelo, Jesse.

— Mãe!

— Filha, eu sempre soube.

— Você e todo mundo pelo visto!

Não se pode nem ter uma paixão platônica sossegada!

— Se eu soubesse disso naquela época, não teria deixado ele viver enfiado aqui em casa. — Meu pai começa seu discurso.

— Dá um tempo meu velho! — Dona Ana olha de cara feia para ele.

— Pai naquela época era só amizade. A mais pura e inocente amizade. Acredite.

— Acredito em você. — Ele diz segurando minha mão.

— O que vocês estão fazendo aqui em Teresópolis exatamente? — Minha mãe pergunta mudando de assunto.

— Viemos para um chalé. Se lembra daquele chalé que eu sempre falava que um dia iria conhecer? Então, o Jesse também se lembra disso até hoje mãe. Ele me fez essa surpresa. Aí, o lugar é perfeito! Depois te mostro as fotos que tiramos.

— Espera aí! Esse garoto não trabalha mais não? — Meu pai interrompe.

Contar o motivo dele não estar trabalhando é contar que ele levou um tiro. Eu quero contar?

— Ele está de licença. — Espero que isso satisfaça a curiosidade dele.

— Licença? Por que filha? — Mãe, você não está ajudando!

— Ok. — Resolvo contar, porque pode ser que eles perguntem ao Jesse — Ele está de licença porque levou um tiro de raspão. — Silêncio absoluto.

NACIONAIS-ACHERON

Estou me segurando para não rir da cara que eles estão fazendo, mas quando recebi a notícia foi bem assim que fiquei.

— Como assim filha? Meu Deus, conta essa história direito! — Minha mãe pede levando a mão ao peito.

— A polícia estava fazendo operação não sei aonde e um carro não parou quando o policial sinalizou. Houve uma perseguição e o carro acabou batendo em outro logo à frente. Os bandidos tentaram fugir a pé e saíram do carro atirando. Pegaram um, mas o outro fugiu. — A parte do corpo no portamalas eu resolvo deixar pra lá porque minha mãe pode ter um troço.

— Credo filha! A probabilidade de você ficar viúva jovem é maior do que a de uma esposa que não tem um marido policial.

— Alfredo!

— Pai!

O recriminamos ao mesmo tempo.

— Desculpe Evinha, falei besteira. Espero do fundo do meu coração que esse rapaz saiba te dar todo o valor que aquele filho da puta do seu ex não conseguiu. Eu torço pela sua felicidade e se ela for com o Jesse eu apoio mesmo que ele já tenha um filho com outra.

— Obrigada pai, significa muito. — Dou um beijo na bochecha dele — Vocês vão amar o Benjamin, ele é inteligente, esperto e muito bonito. É a cara do pai. — Digo toda babona. Porque do fundo do meu coração eu já amo aquele garoto, afinal é o filho do Jesse, do meu Jesse James.

Jesse

Passo pelo porteiro do prédio em que o Benjamin mora sem ser anunciado. Não gosto dessa intimidade. Eu preferia que a Clarissa não tivesse liberado a minha entrada, pois não somos próximos.

Toco a companhia e o Benjamin vem atender.

— Pai! — Ele pula no meu colo.

— Como você está garotão? — Pergunto o colocando de volta no chão. Esse garoto está pesado!

— Estou bem, pai.

NACIONAIS-ACHERON

— Vim te buscar para darmos um passeio. Cadê sua mãe?

— *Mãeee!* — Ele grita.

— Jesse? — Clarissa surge da cozinha e me analisa surpresa.

— Oi Clarissa. Eu posso pegar o Benjamin para darmos uma volta? —
Percebo a confusão se formar no semblante dela, mas não me importo em explicar.

— Claro. — Apesar de estar visivelmente curiosa ela não me pergunta nada.

— Não vamos demorar eu prometo. — Falo e viro-me para ele —
Vamos?

— Vamos pai!

— Espera eu dar um banho nele e colocar uma roupa limpa.

— Não precisa, está ótimo assim. — Não consigo ficar indiferente por muito tempo a curiosidade dela — Não precisa se preocupar, estou aqui na casa de uns amigos e vou levá-lo para conhecê-los.

— Claro. — Clarissa se aproxima do filho e o beija — Comporte-se e obedeça ao papai.

Nos despedimos dela e saímos. Não sou hipócrita, portanto não posso negar, a Clarissa apesar de tudo é uma excelente mãe, muito dedicada e amorosa e isso basta pra mim.

— Aonde vamos papai? — Meu filho pergunta quando entramos no elevador.

— Na casa dos pais da Eva. O papai quer te mostrar onde ele passou a melhor época da vida dele.

[...]

Quando entramos na varanda, minha Eva vem ao nosso encontro. O danado do moleque corre para abraçá-la como se fossem os melhores amigos. É claro que a cena me comove.

— É, parece que não sou o único enfeitiçado. — Ela sorri, mas a sua atenção é exclusivamente do Ben agora.

— Como você está garotão?

— Eu vou bem, Eva. Papai disse que foi aqui na sua casa que ele
NACIONAIS-ACHERON

passou a melhor época da vida dele. — Parece até um adulto falando.

— Ah sim, é verdade. — Ela confirma o puxando pela mão — Vamos fazer um tour pelo lugar, vou te levar na garagem, lá sempre foi o território dos meninos. Do seu pai, do seu tio e do meu pai. Eu e a tia Indy éramos proibidas de entrar. Aquele ali é o meu pai, seu Alfredo. — Ben cumprimenta o pai dela com um aperto de mão e a segue até a cozinha onde está a Dona Ana.

Quando eles se afastam, sento-me sento na varanda junto com seu Alfredo.

Meu sogro. Será que ele já sabe disso?

— Muito bonito o seu garoto, Jesse. Ele é a sua cara. Não estou dizendo que você seja bonito, viu? — Acho graça.

— Obrigado, todo mundo diz isso.

— A Evinha nos contou sobre o tiro que você levou, cara. Você já atirou em alguém? — Não sei se quero responder essa pergunta.

— Eu nunca matei ninguém se é o que o senhor quer saber e dá para contar nos dedos da mão às vezes que eu já usei minha arma. — Ele parece relaxar.

— Profissão perigosa essa que você escolheu rapaz, na verdade a sua família toda. Vocês gostam mesmo das leis. De um jeito ou de outros todos vocês acabam lidando com bandidos. — Não posso deixar de concordar com ele.

— Jesse, quer um pouco de café? — Dona Ana oferece olhando de cara feia para o marido.

— Aceito, obrigado.

— Olha, eu não estou desmerecendo sua profissão eu só fico preocupado por causa da Evinha. — Seu Alfredo continua.

— Eu entendo seu Alfredo, mas eu quero que o senhor saiba...

— Jesse! — Eva me grita do balanço.

— Vai lá, filho. Teremos outra oportunidade para falar sobre isso.

— Com certeza — Levanto-me e vou até a Eva e meu filho.

— Te salvei de um interrogatório?

— Eu já disse que posso responder.

— E eu já disse que sei que pode. — Me joga um beijo — Agora balance o seu filho. — Faça o que ela pede. Sei que ele está adorando.

— Pai a garagem é muito maneira! A tia Eva me mostrou fotos de vocês crianças.

—Viu? A “tia” Eva é legal. — Caio na risada. Nunca duvidei que eles se dariam bem.

Balançamos o Benjamin por mais um tempinho depois retornamos para a varanda. A dona Ana serviu bolo de chocolate para ele e eu posso dizer que ele está no céu com todo o mimo que está recebendo. Conversamos mais um pouco eu, a Eva e a sua mãe enquanto seu Alfredo tentava ensinar o Ben a jogar dominó.

Já está ficando tarde, preciso levar o Ben de volta e ainda temos que pegar a estrada em direção ao Rio.

Nos despedimos dos pais dela e levamos o Ben.

— Eu não vou demorar. — Não a convido para subir porque acredito que ela não irá querer.

Deixo o Ben em casa rapidamente. Foi o prazo de a Clarissa abrir a porta e ele entrar. Eu tenho certeza que ela vai bombardear o filho com perguntas sobre onde estávamos. Agora é esperar para ver o que ela fará com essa informação.

Nunca dei esperanças a ela, mas sempre que ela descobre que estou com alguém tenta se intrometer de alguma forma. Não vou permitir que ela ao menos pense em atrapalhar minha vida com a Eva.

O caminho de volta é tranquilo, minha Eva não discutiu por eu querer voltar dirigindo, parece ter aceitado que estou bem.

Já passa das dez da noite quando a deixo em casa. É claro que dessa vez eu entro. Namoramos um pouquinho no sofá. Ela nos preparou um cappuccino e comemos uns biscoitos deliciosos que depois vou procurar para comprar.

Estamos deitados agarradinhos no sofá trocando carícias, que só para deixar claro estão ficando cada vez mais intensas.

— Dorme aqui. — Pede baixinho no meu ouvido — Você não tem que trabalhar amanhã.

— Você não precisa pedir de novo. Vou adorar dormir com você na sua

NACIONAIS-ACHERON

cama. A gente ainda não a inaugurou. — Respondo beijando o pescoço dela.

Ela pula do sofá e puxa a minha mão para eu me levantar.

— Precisamos resolver isso agora! — Diz já me puxando para o quarto.

— Ei! Não está mais preocupada com meu braço?

— Você está bem, agora vem aqui. — Ela anda na frente e faz sinal com o dedo me chamando e eu vou, totalmente enfeitiçado.

Capítulo 18

Evangeline

Finalmente chegou o dia do casamento da minha amiga Indy e estou terminando de me arrumar. O Wilker e a Camila vão passar aqui para me pegar já que o Jesse já está em Niterói desde ontem. Como havia dito a ela, as fotos e a filmagens serão o meu presente. Depois que voltei do meu passeio dos sonhos em Teresópolis me empenhei em encaixar o casamento dela em nossa agenda.

A minha relação com o Jesse está cada vez mais intensa. Já faz quase um mês que finalmente nos entendemos. Ele tem se mostrado cada dia mais apaixonado, mais carinhoso, mais delicioso e por aí vai.

Com a convivência e a intimidade o casal tende a explorar a sexualidade e com a gente não tem sido diferente, temos feito algumas loucuras juntos. Outro dia nos aventuramos na praia. Fomos a Grumari e, como anda meio frio estava praticamente vazia. Foi por isso que nós fomos lá, a intenção com certeza não era pegar um bronze. Conclusão? Continuamos como dois coelhos e espero que isso nunca mude.

Eu mencionei que estamos namorando? Sim, estamos e ele pediu oficialmente. Descobri que o Jesse tende a ser bastante ciumento às vezes.

Se eu me incomodo com isso? É claro que não!

Há duas semanas o Heitor meu ex, se lembram dele? Porque eu já o tinha esquecido completamente até o dia que ele me ligou, mas enfim nesse dia, adivinhem, o Jesse estava comigo e não gostou nada, nada.

Como ele ligou, mas não falou nada de mais eu não podia simplesmente dizer “*Heitor, não me liga mais porque estou namorando*”, até porque até aquele momento eu não sabia que estava.

— *Eva, você precisa tirar esse cara de vez da sua vida.* — Jesse disse
NACIONAIS-ACHERON

todo rabugento assim que desliguei o telefone.

— *Eu já tirei. Há muito tempo.*

— *Mas parece que ele ainda não entendeu. Ele precisa saber que você tem namorado.* — Juro que não acreditei que ele disse isso.

— *Eu tenho?* — Provoquei.

— *Não tem?*

— *Eu não sei, me diz você.*

— *Caramba Eva! Eu não sou seu namorado?*

— *Você é?* — Ele me encarou com cenho franzido.

— *Você quer que eu seja?*

— *Você quer ser?*

— *Essa conversa não está nos levando a lugar algum, Evangeline.*

— *Não sei se você é meu namorado. Nós não conversamos sobre isso.*

— *Porque não conversamos não significa que eu não seja.* — Ergui uma sobrancelha — *Por acaso você está esperando que eu te peça em namoro é isso, Eva?* — Ele caiu na risada.

— *Não é isso seu bobo!* — Respondi chateada. É claro que eu queria.

— *Você me chamou de bobo?* — Perguntou partindo para cima de mim prendendo-me entre ele e o sofá.

— *Você está rindo de mim.* — Resmunguei chorosa.

— *Foi mal, eu não resisti. Vamos resolver esse impasse está bem? Você quer ser minha namorada, Evangeline Villas?*

Não respondi de imediato porque milhões de borboletas acordaram no meu estômago.

— *Você não vai dizer nada? Eu acabei de te pedir em namoro.*

Continuei em silêncio.

— *Pelo amor de Deus Eva, diz alguma coisa! Isso não é engraçado.*

— *Quero. Eu quero muito ser a sua namorada.* — Falei o puxando pelo pescoço e o beijando na boca, no nariz, nas covinhas — *É o que eu mais quero no mundo!*

— *Ótimo, então dispensa esse babaca de uma vez ou dispenso eu.*

— *Vou falar com ele, prometo. Falando nisso e você? Já dispensou a*

sua peguete?

— *Há muito tempo, Evangeline.*

E foi assim que ele me pediu em namoro, com uma ajudinha do Heitor. Depois disso eu liguei para ele e desfiz qualquer esperança que pudesse ter sobre reatarmos.

O porteiro acaba de me avisar que a Camila e o Wilker estão me esperando lá embaixo.

Dou uma última olhada no espelho e fico satisfeita. Sorrio ao me lembrar do pedido dele para eu usar um vestido no mesmo nível do outro. Foi exatamente o que eu fiz.

Meu vestido é lilás. É longo e tem uma cauda de peixe, mas não é justo como aqueles que você não consegue nem andar direito e também não arrasta no chão. Deus me livre ficar com a barra do vestido toda suja, ainda mais que o local do casamento é todo gramado. Eu sei por que já estive lá a trabalho em outros casamentos.

O detalhe do meu vestido é o decote, é um senhor decote, diga-se de passagem, ele vai até a altura do meu estômago, mas não é aquele decote que mostra todo o seio praticamente, apesar de ser profundo é um decote estreito, apenas para impressionar o meu homem. Fiz um coque solto com um leve topete, uma maquiagem leve e pronto.

Ainda bem que saímos duas horas antes da cerimônia e mesmo assim ainda chegamos praticamente em cima da hora. Jesse já me ligou várias vezes enquanto estávamos no trânsito.

Assim que chegamos, ele já está na porta esperando-nos, mas parece que cheguei sozinha porque é só a mim que ele vê. Posso dizer que gostou do vestido porque o seu olhar está cravado no meu decote. Um sorriso torto brinca em seus lábios.

O Wilker e Camila passam por ele e o cumprimentam, ele mal responde aos cumprimentos.

Que falta de modos, Jesse!

— É o que você estava esperando?

Jesse se aproxima e para na minha frente, suas mãos seguram as minhas. Ele entrelaça seus dedos nos meus e me encara. Encara meus peitos melhor dizendo.

NACIONAIS-ACHERON

— O que eu imaginei não chega nem perto disso. Estou gostando tanto de olhar que me preocupo que os outros caras também gostem. — Seu olhar encontra o meu e ele me beija de leve nos lábios.

— Os outros só poderão olhar, mas só você vai poder tocar e tirar o vestido do meu corpo.

— Então eu posso dizer com certeza que eu amo esse vestido. Vamos?

Ele pega a minha mão e seguimos em direção onde será realizada a cerimônia. A decoração está incrível, a Indy realmente tem muito bom gosto.

— Evinha querida, você está linda! — Minha sogra se aproxima e me abraça.

— A senhora também está deslumbrante.

— Por favor, me chame de Irina e obrigada pelo deslumbrante. — Ela sorri amavelmente — Vocês formam um belo par. — Sorrio agradecida. Ela se vira para o Jesse — Jesse, não demore. Sua irmã já chegou e devemos nos preparar para entrar. — Dona Irina acena e se afasta nos deixando novamente sozinhos.

— Me desculpe por isso. — Acredito que ele está se referindo a ter que me deixar sozinha para entrar com a senhorita garras de fora.

— Não se preocupe! Eu vou estar bem aqui. — Jesse me agarra pela cintura e beija meu pescoço.

— Até que enfim! — Reconheço a voz do meu amigo ursão — Evinha!

— Bernardo! — Respondo com a mesma empolgação.

— *Cê tá* bonita, hein? — Me cumprimenta com um leve sotaque.

— Você também não está nada mal.

— Quer dizer que esse palerma finalmente criou coragem? — Jesse está praticamente fuzilando o irmão com o olhar, mas eu estou radiante por todos estarem satisfeitos com o nosso relacionamento. Todo mundo menos a senhorita garras de fora que está me olhando como se fosse partir para cima de mim e me arranhar toda.

— Vai se ferrar, Bernardo!

— Vai se ferrar você!

— Ei! Quantos anos vocês têm? — Pergunto ficando entre os dois. Eles caem na risada, infelizmente o momento descontraído dura pouco. Logo a

Clarissa se aproxima com um sorriso falso pregado na cara.

— Evangeline, você está muito bonita. — Sim eu sei que estou, mas ela está incrível. Parece uma boneca de tão perfeita.

— Obrigada, você também. — Respondo. Percebo a troca de olhares entre os dois irmãos e o desconforto quase palpável do Jesse.

— Meninos, estão chamando a gente. — Não gosto dessa intimidade, ela parece tão íntima deles quanto eu. Na verdade, ela é tão íntima do Jesse quanto eu.

Ai droga, eu não quero pensar nisso!

— Vão indo, vou em seguida. — Jesse diz e sem esperar resposta, me abraça na frente dela como se ela não existisse.

Não gosto de tripudiar em cima de ninguém, mas confesso que gostei do que ele fez. Eu amo o fato de que ele nunca fora apaixonado por ela.

— Está tudo bem? — Pergunta quando eles se afastam.

— Sim, absolutamente.

— Esse vestido está me matando. Depois que essa cerimônia acabar vou te arrastar para algum canto escuro daqui e vou me perder em você, Eva. — Engulo seco absorvendo suas palavras. Jesse ri da minha cara pasmada. Ele beija a minha mão e se afasta — Pode esperar! — Grita de longe.

Suas palavras acabam de deixar minhas pernas bambas e minha calcinha arruinada.

Ah, Jesse James, você vai ter que cumprir direitinho essa promessa!

É melhor procurar minha amiga Camila que também estará abandonada durante a cerimônia, pois o Wilker também é padrinho.

— Ai está você! — Ela me encontra antes — Venha, vamos nos sentar e assistir nossos homens entrarem de braços dados com essas *periguetes* e vamos torcer para que elas escorreguem e caiam de cara no chão. — Caímos na risada e seguimos par o salão.

Eu amo você, Camila!

Jesse

Eu mal consigo prestar atenção no que a cerimonialista está dizendo, muito menos na Clarissa ao meu lado. Estou muito ocupado vasculhando o salão com os olhos para ver se encontro a minha Eva. Eu sei que o fato de eu ser padrinho junto com a Clarissa não a agradou, mas ela é muito elegante para admitir. Se fosse eu no seu lugar com certeza ela não seria madrinha junto com outro cara.

Quando ela foi madrinha com o babaca do Heitor quase enfartei e olha que ainda nem tínhamos nada. No entanto, ainda é a Clarissa. Por mais que eu ficasse tentado a pedir a Indy para me livrar dessa, não seria uma atitude muito bacana com mãe do meu filho.

Daqui de onde estou não consigo ver o salão direito e estou começando a ficar frustrado. Onde ela está? E se tiver algum babaca babando no que é meu? Caramba, estou ficando mesmo maluco.

— Entenderam? — A cerimonialista pergunta.

— Entenderam o que? Eu não ouvi nada. — Falo com a Clarissa.

— Claro que não, você nem estava aqui. — Ela responde sarcástica — Só me segue está bem? — Faço que sim com a cabeça e dou o braço para ela.

Caramba casamento religioso é mesmo um troço longo! A minha irmã está linda, radiante, meu filho também está lindo de *page*, mas essa cerimônia já está demorando demais.

Dou graças a Deus, quando o padre os declara casados, sinal que acabou.

Minha irmã saindo agora, o Benjamin vai na frente com a daminha todo descontraído, puxou o pai. A Clarissa percebe meu olhar de pai babão.

— Olha como ele está à vontade. Pensei que ficaria tímido, mas ele está perfeito.

— É — Concordo — Nosso filho é uma figura. — Sorrimos um para o outro, mas esse momento dura pouco porque antes que ela aproveite a oportunidade eu já me fechei completamente.

Conheço a Clarissa. Cada vez que eu demonstro qualquer tipo de afeto, ela enxerga uma oportunidade para tentar me seduzir, me persuadir.

Graças a Deus estou livre para ir atrás da minha Eva, mas antes que eu possa me afastar a Clarissa me segura pelo braço. Encaro a mão dela segurando meu braço com o cenho franzido.

— Eu não queria ter essa conversa com você aqui no casamento da sua irmã, mas visto que você mal fala comigo... É sério isso? Você está de namorico com a sua amiguinha e envolvendo meu filho? — Respiro fundo e tiro a mão dela do meu braço.

— Primeiro: É “*nosso*” filho. Segundo: Eu não estou envolvendo ele “*nisso*” e terceiro, não se refira ao meu relacionamento como namorico. Estamos namorando sério. E para finalizar, não tente colocar o meu filho contra mim.

Não espero uma resposta, viro as costas e saio a procura da Eva. A encontro junto aos noivos.

— O seu pessoal é incrível, amiga! — Consigo ouvir a Indy dizer.

— Parabéns casal. — Abraço minha irmã e meu cunhado rapidamente. Minha mão já está presa a dela — Ai está você! — A puxo para os meus braços.

— Aí está você! — Ela repete minhas palavras. Nos afastamos para dar espaço para os outros convidados cumprimentarem os noivos — Vem. Vou cumprir a minha promessa.

— Jesse é hora das fotos. Vai ser estranho se a gente não aparecer em nenhuma delas. — Faço uma carranca e bufo como uma criança, ela acha graça — Eu mais do que ninguém quero que você cumpra a sua promessa, mas não quero só dar uma rapidinha, quero aproveitar o momento.

— Eu já estou alerta. — Abaixo a mão dela rapidamente para confirmar o que estou falando. Ela puxa a mão olhando para os lados.

— Você é um pervertido! — Diz sorrindo.

— Se você não quer que eu seja um pervertido você não pode me dizer coisas como “*eu não quero dar só uma rapidinha, quero aproveitar o momento*”.

— Quem disse que eu não quero que você seja um pervertido? — Pisca e morde os lábios me lançando um olhar malicioso.

Ah Evangeline, até o final da noite eu já fiquei maluco!

— Vem padrinho! É hora das fotos. — Diz me puxando.

Por mais ou menos meia hora eu sou obrigado a tirar milhões de fotos com os noivos, com os outros padrinhos e com a Clarissa enquanto a Camila e a Eva supervisionam os fotógrafos. Eu só gostei quando eu tirei fotos com

NACIONAIS-ACHERON

ela, claro com os noivos também. Depois que acabou a sessão ela pediu a Camila para que tirasse algumas fotos só da gente.

Depois das fotos nós não corremos para nenhum cantinho escuro, porque tínhamos que jantar e depois dançar e *blá blá blá*. Não conseguimos ficar sozinhos, ainda mais estando na mesa com os meus pais. Eu tive que dançar com a minha mãe, com a minha irmã e com algumas tias. Eu só gostei quando eu dancei com ela. Não dancei com a Clarissa, deixei essa tarefa para o Bernardo.

Enquanto dançávamos, eu deslizava o polegar nas costas dela e beijava o seu pescoço de leve. Vez ou outra apertava o corpo dela contra o meu para deixá-la ciente de que eu continuava alerta.

— O que você está fazendo? — Pergunta quase sussurrando no meu ouvido.

— Eu estou dançando com você.

— Não. Você está tentando me enlouquecer.

— *Humm* — Sussurro no ouvido dela — E você está louca o suficiente para sair daqui comigo para que eu possa cumprir minha promessa? — Ela assente com um aceno de cabeça. Seguro sua mão e a conduzo para fora do salão.

Na parte fechada do salão, perto dos banheiros há uma salinha. Sim, eu já me certifiquei e é para lá que a levo. Entro seguido por ela e tranco a porta. Aqui mesmo começo agarrá-la, em pé no meio da sala. Minhas mãos passeiam pelos seus seios por cima do vestido e depois vão direto para a sua bunda. Meus lábios percorrem seu pescoço enquanto suas mãos bagunçam meus cabelos, ela adora fazer isso. A puxo até o sofá e a sento no meu colo. Ficamos nesta posição nos beijando por mais um tempo até que eu a deito no sofá. Levanto-me sem tirar os olhos dos dela, coloco as mãos por baixo do seu vestido até encontrar a sua calcinha. Eu a tiro lentamente. Eva se levanta e fica de joelhos no sofá. Suas mãos vão direto para o cinto da minha calça. Ela o desafivela rapidamente enquanto tiro meu paletó. Me puxa pela gravata e eu caio por cima dela.

— Esse vestido é um pouco justo. — Reclamo. Está difícil de levantá-lo. Minha Eva sorri e me ajuda.

— O tecido estica, não tenha medo não vai... — Antes de ela completar

a frase eu já estou atacando seus lábios. Minha língua pede passagem e explora cada canto da sua boca deliciosa. Mordo seu lábio inferior e o puxo antes de encarar seu rosto perfeito.

— Eu nem prestei atenção ao casamento da minha irmã e a culpa é sua.
— Afasto o decote dela e acaricio um dos seios.

— Ah! — Ela geme — Jesse, por favor, agora!

— Você não queria aproveitar o momento? — Pergunto só por perguntar por que eu também não aguento mais esperar para estar dentro dela.

— Agora! Agora! — Pede ofegante. Fricciono a palma da mão no meio de suas pernas que arqueia o corpo para frente. Introduzo um dedo só para enlouquecê-la. Vou colocando e tirando o dedo lentamente até ouvi-la implorar para eu estar dentro dela.

— Por favor. Você. Dentro. De. Mim. Agora! — Não precisa pedir de novo.

Me perco nela. Eu amo essa sensação. A sensação de voltar para casa. No entanto, não temos tempo, não podemos nos dar ao luxo de demorarmos, pois podemos ser flagrados e isso não pegaria nada bem. Me enterro com vontade dentro dela e a cada estocada, os gemidos aumentam, tantos os meus como os dela. Estamos muito barulhentos agora. Tambo a boca dela com a minha mão e continuamos a nos mover cada vez mais rápido. Ela me puxa e me beija cheia de paixão, cheia de desejo. Afasto-me e prendo seu olhar ao meu até que ela alcança seu clímax. É a coisa mais linda que já vi. Minha libertação também chega e me entrego ao prazer, a paixão e o amor que cresce a cada dia dentro do meu peito.

[...]

Seu cabelo está desarrumado, suas bochechas vermelhas, seus lábios inchados e mesmo assim ela está incrivelmente linda. Ergo as mãos para ajudá-la a se levantar.

— Estou uma bagunça. — Diz alisando o vestido — E toda amarrotada.

— Está perfeita! Principalmente porque fui eu quem fez isso com você
— Respondo tentando ajeitar o cabelo dela.

NACIONAIS-ACHERON

— Está tão ruim assim?

— Está tipo: Acabei de fazer sexo selvagem com meu lindo namorado.

— Eva arregala os olhos — Brincadeira! Não está tão ruim assim. — Tento convencê-la, mas ela vai até o espelho.

— Preciso de um banheiro urgente ou vou acabar sujando meu vestido.

— Me seguro para não rir do desespero dela. Há poucos minutos atrás ela não estava sequer lembrando de que estava de vestido — Cadê a minha calcinha?

— Entrego sua calcinha e ela a veste.

— Relaxa! O banheiro é ali ao lado. — Respondo colocando o paletó e ajeitando a gravata.

— Alguém está tentando abrir a porta! — Ela exclama assustada.

— Jesse, você está aí dentro? — Porra é minha mãe!

— É a minha mãe — Vou em direção à porta e a abro, mas não é só a minha mãe que está do lado de fora.

Porque a Clarissa está junto?

— Com licença. — Eva passa apressada por elas em direção ao banheiro.

— Jesse! — Minha mãe entra e consigo ver a Clarissa ir atrás da Eva — Vocês não podiam esperar até chegar em casa? — Dona Irina pergunta fingindo recriminação.

— Não mãe, nós não podíamos. Dá licença. Falo com você depois.

Deixo a minha mãe e vou atrás da Eva. Algo me diz que a Clarissa vai aprontar alguma.

— Eu não vou deixar qualquer vadia ficar entre mim, meu filho e o Jesse! Somos uma família! — Escuto a Clarissa esbravejar assim que entro no banheiro. Eu quero fazê-la engolir de volta toda a merda que ela disse para Eva.

— Eu não sou qualquer uma! Você que é uma vadia, nunca foi honesta com ele! — Eva devolve o insulto.

— Parem as duas! O que você está fazendo, Clarissa? — Pergunto. Ela não responde, mas sustenta seu olhar cheio de ódio em direção a Eva.

— O meu assunto é com ela, Jesse. — Pronto agora ela levou embora o restinho do controle que eu tinha.

— Com ela? — Sorrio com deboche — O seu assunto é comigo e vamos falar sobre isso de uma vez por todas Clarissa. — Ela se encolhe com a dureza das minhas palavras. Estou petrificado de raiva. É a primeira vez na minha vida que eu tenho vontade de dar uns safanões em uma mulher.

Nesse momento minha mãe também aparece e encara a Clarissa com reprovação.

— Clarissa o que você pensa que está fazendo? — A maluca imediatamente abaixa a bola e olha envergonhada para minha mãe. Pelo menos demonstra respeito por alguém.

— Mãe leva a Evangeline para outro banheiro. Preciso falar com a Clarissa — Minha voz sai tão calma que nem me reconheço. Eva permanece paralisada ao meu lado — Eu já encontro com você Eva, vá com a minha mãe, por favor. — Beijo sua testa.

— Venha comigo Evinha. — Ela suspira contrariada, mas resolve ir com a minha mãe.

Uma vez sozinhos, novamente o clima fica tenso. Espero que Clarissa coloque toda a sua bravura para fora, mas ela não o faz. Seu alvo não sou eu, mas o meu alvo é cem por cento ela.

— O que você pensa que está fazendo Clarissa? Você acha que agredindo a Eva verbalmente vai conseguir alguma coisa? Vai conseguir nos afastar? Acorda garota! Nunca tivemos nada e o pouco que tivemos você destruiu — Vejo as lágrimas ameaçarem cair dos seus olhos, mas não posso ter pena. Ela precisa entender de uma vez por todos que eu nunca ficarei com ela — Clarissa, sei que sou tão culpado quanto você, mas sei que eu pelo menos, não agi de má fé. Você engravidou de propósito e pior você usou o fato de ser menor de idade para me obrigar a casar com você. Seu pai ameaçou me prender e você quase deixou. Como eu poderia gostar de você depois disso? Se você pretende atrapalhar a minha vida com a Eva na esperança de que um dia eu vá ficar com você. Desista! Entenda de uma vez por todas que mesmo que eu não fique com ela, não vou ficar com você!

— Eu engravidei de propósito, sim! — Ela grita de repente — E não me arrependo! Fiz isso porque eu te amava e ainda te amo, Jesse! Acorda você! Podemos ser uma família se você parar um pouco pra pensar e parar de correr atrás dessa vadia! — Fecho os olhos e conto até dez, se ela chamar a

Eva de vadia mais uma vez eu não respondo por mim — Você me disse uma vez... — Seu tom de voz agora é calmo. Começo a pensar que talvez ela tenha dupla personalidade — Que você só amou uma mulher e que essa mulher ficou lá atrás, no seu passado. Você me disse que jamais sentiria por qualquer outra o que sentiu por ela, se isso for verdade, então você está iludindo a Evinha. Está dando esperanças para a coitada. Você está sendo um canalha!

Eu disse isso para ela? Eu nem me lembrava e meu Deus ela ainda não ligou os pontos?

Não consigo segurar o riso.

— Porque você está rindo? — Pergunta confusa. Desencosto da bancada da pia e me aproximo dela.

— Clarissa, o pior cego é aquele que não quer ver. Quem você acha que é essa mulher? — A expressão do seu rosto muda de raiva para surpresa na velocidade da luz.

Ela está pensando sobre isso, mas é claro que já entendeu.

— A Evinha. — Não é uma pergunta. Assinto balançando a cabeça.

— Então Clarissa, tudo o que eu disse é verdade. Eu só ameie uma mulher na minha vida e essa mulher é a Eva, conforme-se! Liberte-se dessa ilusão de amor que você tem por mim e vá buscar a sua felicidade, pois a minha eu encontrei, ou melhor, reencontrei e ela está lá fora me esperando. Faça o mesmo. Procure! Você também vai achar, mas para isso você tem que esquecer essa sua fixação por mim, não vai rolar. Eu amo a Eva e vou me casar com ela. O Benjamin vai conviver com ela e não a nada que você possa fazer. Eu não quero ter que te ameaçar, mas se você dificultar a minha vida eu vou dificultar a sua. Lembre-se, que tenho um pai juiz e uma mãe e uma irmã advogadas. Não quero ter que usá-las contra você. — Sei que essa última parte me faz parecer um canalha, ameacá-la desse jeito, mas preciso usar todas as armas que tenho. E é claro que não tenho coragem de tirar o Benjamin dela, mas ela não precisa saber dessa parte — Você é uma mulher bonita, inteligente, batalhadora, você só está lutando as batalhas erradas, pensa nisso.

Dizendo essas palavras, eu saio e a deixo no banheiro sentada no chão chorando descontroladamente. Encontro a minha mãe no caminho.

— Vai ficar com ela mãe.

— Vou sim. A Evinha está com a Camila no salão. Ela está desolada filho. Acho que a festa acabou para ela. Se ela concordar leve-a lá pra casa.

— Vou ver se ela quer ir.

— Tudo bem. Vai lá. — Minha mãe me dá um beijo e vai em direção ao banheiro.

Vou a procura da Eva e a encontro sentada na mesa junto com a Camila e o Wilker. Sinto um aperto no peito ao ver sua expressão de preocupação misturada a tristeza.

— Jesse!

— Oi! — Respondo sentando-me ao seu lado e a puxando para um abraço.

— Vamos dançar, Wilker. — Camila chama meu amigo, deixando-nos sozinhos.

— Eu sujei o meu vestido. — Reclama desolada — Por isso estou aqui sentada. Que vergonha! — Sorrio e ganho um tapa, mas ela sorri também. Seu sorriso é tudo o que eu preciso.

— Você fica muito sexy toda envergonhada desse jeito. — Faz careta.

— Sua mãe deve me achar uma vadia e com toda razão.

— Minha mãe te adora, sabe por quê? — Ela nega.

— Porque o filho dela é o cara mais feliz desse mundo desde que te reencontrou — Minha Eva sorri e seus olhos se enchem de lágrimas — Venha. Vou te levar pra casa.

— Pra Copacabana?

— Não, pra casa dos meus pais.

— Você não tem que ir, é o casamento da sua irmã.

— Exatamente. Dela, não meu. — Ela revira os olhos — A não ser que você queria desfilar por aí com o vestido sujo de porra. — Gargalho e ela me fuzila com o olhar — Agora é sério, vamos sair daqui.

Ligo para minha mãe avisando que já estamos de partida. Ela fez questão que eu levasse a Evangeline para casa dela. Não queria isso porque amanhã vamos ter que dar de cara com a Clarissa e sinceramente não tenho paciência para um segundo *round*, no entanto pegaria mal, minha irmã ainda

estará aqui amanhã, eles só vão partir para a lua de mel depois do almoço. Pretendo explicar a situação para ela, porque quero sair bem cedo, antes do bendito almoço.

Chegamos à casa dos meus pais. Estamos subindo a escada e eu ainda estou rindo da situação. Entramos no meu quarto e ela se joga na cama.

— Deixe-me ver. — Peço revirando o vestido dela. Ela vira de lado para me mostrar — Realmente é uma macha visível, Eva. — Deito-me ao seu lado e a envolvo em meus braços. Eva se aconchega a mim e apoia a cabeça no meu peito.

— O que houve com a Clarissa? — Pergunta. Beijo seu cabelo e me levanto.

— Vamos tomar um banho, depois vamos fazer amor e depois eu te conto sobre isso.

— Isso soa perfeito pra mim. Fazer amor é bem mais seguro do que dar escapadas em casamentos. Me ajuda a tirar o vestido? — Pergunta apontando para as costas.

Com prazer!

Me posiciono atrás dela e abro o zíper do seu vestido. A ajudo sair dele. Meus olhos passeiam pelo seu belo corpo parando sobre os seios dela. Será que um dia vou me acostumar a olhá-la e não sentir nada? Eu espero que não. Minhas mãos sobem pelas laterais do seu corpo e param uma em cada seio.

— Se um dia você resolver ser mãe, você vai ter lhe tirar as próteses? — Fiquei curioso com isso. Eva arqueia sobancelha intrigada.

Não fique surpresa Evangeline, quero tudo com você.

— Não. Posso amamentar normalmente igual a uma mulher que não tenha prótese. O que pode acontecer é depois eles ficarem flácidos por já estarem maiores, mas nada que uma correção ou umas próteses maiores não resolvam. — Ela pisca com malícia.

Porra, maiores?

— Eu acho que esse tamanho já está ótimo.

— Eu também. — Minha Eva sorri timidamente e ela fica linda quando faz isso. Eu a pego nos braços e a levo para o banheiro. Ainda estou vestido, mas sei que ela vai resolver isso.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 19

Evangeline

Partimos da casa dos pais do Jesse na manhã seguinte, antes do almoço. Nos despedimos da Indy e do Douglas e explicamos o motivo de não ficarmos para o almoço. Que bom que ela compreendeu.

Até a hora que saímos a senhorita garras de fora ainda não tinha dado as caras. Graças a Deus! Eu não ia aguentar ter que ficar olhando para a cara dela sem voar no seu pescoço. Não sou uma pessoa agressiva, mas ontem ela despertou esse lado em mim.

O Jesse me contou à conversa que teve com ela. Não sei se me ele contou tudo, mas pelo menos sei que deixou bem claro para ela que está comigo, que nosso relacionamento é sério e que está apaixonado por mim. Essa foi a melhor parte.

Eu queria ter sido uma mosquinha para ter visto a cara dela, mas essa vontade de tripudiar em cima do sofrimento dela passou logo, pois foi substituída por pena.

Eu sou uma bobona mesmo, a mulher quer roubar o meu homem e eu ainda sinto pena dela!

Sei o quanto é horrível amar alguém e não ser correspondida, ainda mais ver o homem que você ama com outra, por isso me solidarizo com ela, mas só nessa parte.

Passamos o restante do dia no meu apartamento e Jesse cumpriu sua promessa de cozinhar para mim. Fomos ao mercado a caminho de casa e compramos camarões, sorvete, chocolate e um bom vinho.

[...]

Estamos na cozinha e enquanto ele prepara o espaguete ao molho de camarão, abro o vinho que compramos e encho nossas taças. O cheiro está delicioso.

Jesse distribui o macarrão nos pratos e coloca o molho por cima finalizando com manjerição.

— Esse é o seu. — Me entrega o prato mais cheio.

— Obrigada! Parece delicioso!

Experimento a comida e realmente está uma delícia. Ele leva jeito!

— *Hummmm* delícia! — Jesse sorri satisfeito.

Enquanto comemos e saboreamos o vinho, suas mãos se revezam entre os talheres, a taça e a mim e eu amo que ele não consiga tirá-las do meu corpo.

— Você imaginava que isso aconteceria um dia?

— O que? — Pergunto curiosa.

— A gente junto. Você imaginava que a gente fosse se reencontrar depois de todo esse tempo e ficar junto? — Penso um pouco antes de responder. Por muito tempo eu acreditei nisso até a esperança em mim morrer.

— Por bastante tempo eu acreditei que você voltaria. Até antes de eu ir para a faculdade tinha esperanças de que você voltasse para morar com os seus tios, mas depois essa esperança morreu.

— Então você se esqueceu de mim quando foi para a faculdade? — Pergunta em tom de brincadeira.

— É claro que eu não te esqueci! Apenas aceitei.

— Se o seu ex não tivesse te pedido um tempo, você iria se casar com ele? — Onde ele está querendo chegar com essa conversa?

— Provavelmente.

— Provavelmente?

— Sim. Eu tinha um planejamento para a minha vida e para conseguir executá-lo no tempo certo eu precisava de um marido. Estávamos juntos há um tempo então...

— Que tipo de planejamento? — Me interrompe.

— Ah você sabe, casar, ter filhos.

— Que tempo certo é esse, Eva? — Jesse parece curioso e pela primeira vez eu começo a achar meio idiota esse planejamento que fiz para a minha vida. Ainda bem que não deu certo.

— Nada de mais eu só tinha prazos idiotas para algumas coisas, mas e você Jesse? Você imaginava que nos reencontraríamos?

— Não mesmo. — Sinto uma pontada de decepção — A minha vida mudou bastante depois que saí daqui. Eu não pensava em voltar.

— Você não pensou em me procurar nenhuma vez quando voltou?

— Várias vezes, mas quando seu pai me contou que você estava noiva achei melhor deixar pra lá.

— Por quê? Éramos amigos! Você não pensou em resgatar nossa amizade?

— Não com um noivo no meio, Eva, eu sou meio possessivo se você ainda não percebeu. — Brinca.

— Só um pouquinho. — Sorrio concordando.

— Eu tenho que te pedir desculpas então, indiretamente acabei atrapalhando seus planos. Ele te procurou e pediu para voltar. Talvez se eu não tivesse aparecido vocês... — Coloco o dedo nos lábios dele impedindo-o de continuar.

— Eu não poderia perdoá-lo Jesse. Ele me traiu. Quem ama não trai. E eu agradeço aos céus você ter aparecido. — Me aproximo e seguro o seu rosto entre as mãos. Dou um selinho leve em seus lábios.

— Você o amava? — Respiro fundo antes de responder. As palavras saem da minha boca sem permissão.

— Eu amo você. Eu só ameí você, Jesse. A minha vida toda.

Ele não diz nada. Não diz que me ama, apenas me encara com uma expressão que eu nunca vi antes. Sem tirar os olhos dos meus, me puxa pelo pescoço e cobre minha boca com a sua. Sem deixar meus lábios ele levanta do banquinho e para entre as minhas pernas. Jesse para de me beijar e me encara profundamente.

Por favor, Jesse, diz que me ama também!

Mas ele não diz, ataca a minha boca novamente e me pega no colo. Caminha comigo até o meu quarto.

Ele me deita na cama e se afasta. Está olhando tudo, meus olhos, meu nariz, minha boca. É como se tivesse memorizando cada detalhe. Jesse fecha seus olhos e respira fundo.

— Diz de novo, Eva. Diz que me ama. — Minha voz some diante da intensidade do seu olhar. Ele não está sorrindo, não está brincando e, percebo que realmente precisa ouvir isso.

— Eu te amo, Jesse.

— De novo.

— Eu te amo, Jesse James. Eu sempre te amei.

Um sorriso divino estampa seu lindo rosto, mas é só o que eu tenho dele. Um sorriso. Ele não diz que me ama e estou decepcionada por isso, mas as suas mãos no meu corpo, a sua boca no meu pescoço não estão me deixando raciocinar direito.

Sei que amanhã vou estar triste por ele não ter dito que me ama, mas agora só consigo pensar em fazer amor com ele.

Dessa vez foi diferente, foi incrivelmente perfeito. Não que das outras vezes não tenha sido, mas algo nele está diferente. Eu quero acreditar que ele está tentando demonstrar no ato, o que não me demonstrou dizendo. Nossos corpos se movem lentamente, nossos lábios se exploram, se acariciam, seus olhos nunca deixam os meus. Tenho a sensação de que ele quer dizer algo, no entanto troca a posição comigo, deixando-me por cima.

Começo a cavalgá-lo. Suas mãos apertam meus quadris me auxiliando. Acelero meus movimentos e agora tenho suas mãos em meus seios. Um tempo depois mudamos novamente de posição ficando sentados. Jesse planta beijos e leves chupões pelo meu pescoço. O suor brota dos nossos corpos e eu posso ver uma gota de suor descendo pelo rosto dele. Sorrio com a certeza de que nossos corpos foram feitos um para o outro. É um encaixe perfeito.

Estamos quase lá entre gemidos e sussurros quando eu finalmente ouço. Ele segura meu rosto e diz as palavras mais lindas que eu poderia ouvir.

— Eu te amo, Eva. Te amo tanto!

Meu coração parece que vai explodir. Estamos ofegantes ainda quando ele me deita na cama e me abraça forte.

— Te amo... Te amo...

— Diz de novo — Peço.

— Eu te amo... — E assim eu adormeço. Sentindo-me a mulher mais feliz desse mundo.

Capítulo 20

Jesse

Dizer a Evangeline que a amo foi como tirar um peso das minhas costas, mas eu ainda preciso fazer mais que isso. Preciso confessar a ela que o meu amor não vem de agora, preciso confessar que sempre a amei.

Também preciso dizer como nossa separação me afetou e como sofri. Quero contar tudo a ela, contar sobre o meu pai. A minha Eva merece saber de tudo, pois eu quero dividir com ela tudo que for relacionado à minha vida e a porra da merda que meu pai fez é uma delas.

Eu sempre a admirei por nunca ter perguntado sobre aquela noite, nem mesmo depois que nos reencontramos. Por isso hoje à noite vou abrir o meu coração. Combinei de pegá-la no estúdio depois do trabalho. Vou levá-la para jantar em algum lugar que ela goste e depois conversaremos.

Como estou de folga e ela está atolada no trabalho resolvo dar um pulo em Niterói para ver a minha mãe. Depois do casamento ainda não tivemos a oportunidade de conversar direito.

— E aí, Jesse! — Wilker vem me recepcionar na entrada do escritório.

— Fala aí, Wilker. Tudo na paz?

— Tudo. Você mudou de vez lá para a casa da Evangeline? Já posso arrumar outro colega para dividir o apartamento?

— Ainda não. — Respondo sorrindo — Se você se esqueceu, o apartamento ainda é meu. — Ele faz um gesto como se estivesse cravando uma faca no peito.

— Essa doeu. — Brinca — Agora é sério cara, quase não te vejo mais.

— Isso é porque quando eu estou em casa você está na casa da Camila.

— Está certo. Bom, vou deixar você falar com a sua mãe. Estou indo ao

fórum. Valeu cara!

— Valeu! — Ele segue em direção a saída e eu em direção a sala da mamãe. Bato na porta antes de entrar.

— Oi, meu filho! — Minha mãe me recepciona me dando um abraço caloroso.

— Oi, mãe!

— Sente-se. Só vou terminar de assinar esses papéis aí conversamos. Ângela. — Ela chama a secretária que aparece em seguida — Traz um café pra gente.

Enquanto minha mãe termina de assinar os papeis, Ângela aparece com o café e nos serve. Ela está me encarando e me dá um sorriso. Sorrio de volta para ela que se retira envergonhada.

— Terminei, agora podemos conversar. — Minha mãe diz sentando-se ao meu lado — Por um acaso Ângela estava dando mole pra você?

— É claro que não mãe. Ela sorriu pra mim e eu sorri de volta. Só isso.

— Você e seu irmão são muito bonitos. Aonde vocês vão sempre tem uma, ou melhor, umas de olho em vocês. Quando eram adolescentes até a minhas amigas olhavam para vocês. — Faço cara feia com a informação. Nada contra as mulheres mais velhas, mas as amigas da minha mãe eu não peitaria não.

— Eu nunca me envolvi com uma mulher mais velha. Não tenho nada contra só nunca apareceu, mas ao contrário me envolvi com uma mais nova e olha no que deu.

— Deu o Benjamin meu filho e, por mais que a Clarissa venha a tiracolo ainda vale a pena.

— Com certeza mãe, não estou reclamando, é só que ela está sempre confundindo as coisas. No casamento mesmo, pelo que ela disse ainda tinha esperanças de que a gente ficasse junto.

— Dá um desconto, você é fácil de amar. Se você fosse um cafajeste talvez ela já tivesse te esquecido, mas além de lindo você é esse cara bom com um coração enorme e como você nunca está com ninguém ela se permitiu ter esperanças. — Nunca tinha visto a situação por esse lado, até que minha mãe tem razão.

— Talvez a senhora tenha razão.

NACIONAIS-ACHERON

— Ela se mostrou bastante arrependida por ter ofendido a Evinha.

— Será, mãe? — Duvido muito.

— Bem vamos esperar para ver. E você e a Evinha, como estão?

— Muito bem, absolutamente bem.

— Eu fico tão feliz filho de vocês estarem juntos. Eu sei o quanto foi difícil pra você se afastar dela.

— Eu não quero mais pensar sobre isso dona Irina. Resolvi que vou deixar pra lá. O que importa agora é o daqui para frente. Eu quero me casar com ela, quero ser o pai dos filhos dela.

— Uau, filho!

— Pois é, estou amando.

— Porque você não aproveita todo esse amor que está irradiando de você e perdoa o seu pai. Você o culpa por ter te afastado da Evinha, mas olha só para vocês, estão juntos! Não há mais motivos para ter birra do seu pai. — Ah mãe, como eu queria que a única razão fosse essa, entretanto, tenho pensado muito sobre isso, dar um crédito ao velho.

Conversamos mais um pouco sobre a Eva, depois sobre a Indy que ainda está em lua de mel. Por fim resolvo ir embora. Sei que ela tem uma reunião e não quero atrasá-la. Combinei de aparecer com a Eva qualquer dia desses. Nos despedimos e a princípio, tinha decidido ir direto para a casa da Eva esperar dar a hora de buscá-la, mas aqui estou eu estacionando em frente ao prédio da vara do trabalho.

Ainda incerto se é realmente isso o que quero fazer, entro no elevador e instantaneamente tenho um *déjà vu*. Estou novamente indo encontrar meu pai no trabalho como há dezesseis anos atrás. Estou sentindo um formigamento na espinha e estou quase mudando de ideia quando as portas do elevador se abrem.

Eu procuro a sala dele, uma moça da recepção me informa onde é. Não há ninguém na mesa ao lado de fora da sala para me anunciar. Encaro a porta da sala dele e a mesa da secretária. Não sei explicar, mas em uma fração de segundos escanco a porta da sala dele e vejo pela segunda vez tudo aquilo que eu estava disposto a esquecer. Meu pai parado no meio da sala com a secretária em seus braços.

Mas que porra é essa?

Só consegui ouvi-lo chamar meu nome porque não quis saber de mais nada. Só me virei e saí praticamente correndo. Ele não vem atrás de mim, é claro que vai evitar um escândalo e a essa altura do campeonato eu faria um digno de um Oscar. Se eu ficasse ali, era certo de perder a cabeça e partir pra cima dele. Isso não iria cair bem para o meu currículo.

“Policial rodoviário agride juiz em plena vara do trabalho” — Já posso ver as manchetes.

Entro no meu carro incapaz de raciocinar direito, então ligo para minha mãe.

— Precisamos conversar. — Digo assim que ela atende.

— Filho, eu não posso agora. Estou em uma reunião.

— É importante mãe. — Estou tremendo. Dessa vez não vou deixar barato. Eu vou jogar toda a merda no ventilador.

— Você está me assustando. O que aconteceu?

— Eu vou até aí.

— Jesse, o seu pai está me ligando eu vou atendê-lo.

— Não atende esse desgraçado mãe! Conversa comigo primeiro. — Praticamente grito.

— O que é isso, Jesse? Onde você está?

— Eu estou no centro mãe. Acabei de sair do escritório do papai e eu preciso conversar com você, é urgente.

— Tudo bem. Me espere naquela lanchonete em frente ao prédio.

— Não fala nada pra ele mãe! — Desligo.

Sei que a essa altura do campeonato eu posso estar tendo uma atitude infantil, mas me privei de fazer o certo na época, então pouco me importa o que vai acontecer. Eu não vou mais carregar esse fardo sozinho.

[...]

A minha mãe demorou mais de uma hora para chegar, mas seu atraso não diminuiu em nada a raiva que estou sentindo.

Assim que ela se aproxima. Percebo a tristeza em seus olhos e eu ainda nem contei porra alguma. Olhando para ela agora, quase tenho vontade de desistir, mas não vou fazer isso. Hoje eu só quero tirar esse peso de cima de

NACIONAIS-ACHERON

mim sem me importar se vou feri-la. Já estou ferido demais para enxergar a ferida alheia.

Eu sei que é egoísmo, mas não consigo mais carregar esse fardo.

— Filho. — Ela senta-se a minha frente colocando a bolsa na mesa.

— Mãe, o que eu vou dizer...

— Eu já sei o que você vai dizer. — Ela já sabe? Falou com ele? Então com certeza ele já deve ter inventando uma porção de desculpas, só que infelizmente minha mãe não faz ideia do que vou contar.

— Eu sei que você viu o seu pai com a Nina, mas ele pode explicar! A Nina perdeu o bebê recentemente e não está conseguindo lidar com isso. Você pode não acreditar, mas ela vê o seu pai como um pai. A conhecemos faz tempo e temos um carinho enorme por ela.

— Você acredita mesmo nisso? — Ele conseguiu enganá-la direitinho.

— Eu acredito porque é verdade. Seu pai estava apenas a consolando. Da mesma maneira que eu já fiz. Você não sabe disso porque se afastou de nós, mas a Nina é muito próxima. Você pode perguntar a Indy. Ela estava no casamento.

Isso pode até ser verdade apesar de eu não acreditar, mas o que aconteceu antes não. Tudo bem que a cena que eu vi hoje não demonstrava nada, aliás, se parar para pensar pode muito bem ser descrita como consolo mesmo, mas a que eu vi a dezesseis anos não e é por isso que eu não vou deixá-lo enganá-la mais.

— Meu pai não é esse santo que você está pensando mãe. Ele pode até não ter nada com essa daí. O que eu duvido, mas ele não presta. — Respiro fundo e solto a bomba — Ele te traiu no passado, eu vi.

— Jesse, chega! — Me calo por que estou surpreso por ela ter ignorado o que acabei de dizer.

— Você ouviu o que eu disse?

— Sim, ouvi. — Minha mãe respira profundamente — E eu sinto muito ter que dizer isso, mas eu já sabia. Eu sempre soube de tudo.

De repente não consigo mais prestar atenção no que ela está dizendo. Ela continua falando, mas eu ainda estou escutando o eco das palavras anteriores “*eu sempre soube de tudo*” “*eu sempre soube de tudo.*”.

— Pare! Pare mãe! Você está querendo me dizer que você sabia que era chifrada e aceitava, é isso? Você está querendo dizer que me deixou carregar essa culpa de ter escondido isso sendo que você sabia? Vocês não pensaram em aliviar esse peso das minhas costas? Nunca pensaram que eu poderia estar sofrendo entre a cruz e a espada, porra!

— Escute Jesse, por favor! Eu não sabia que seu pai estava me traindo, até aquela noite, aí você sumiu e ele ficou tão desesperado que contou pra mim. Seu pai se arrependeu meu filho e nós tomamos juntos a decisão de nos mudarmos e recomeçar do zero depois disso.

Meu Deus, isso só pode ser um pesadelo! Além de ter sido traída, ela ainda aceitou virar a nossa vida de cabeça para baixo para recomeçar ao lado do cafajeste?

— Eu culpando meu pai o tempo todo por ter me afastado da Eva e você tinha a mesma parcela de culpa. É por isso que você ficava me aconselhando a me acertar com ela, não é? Culpa!

— Filho...

— Eu lamento muito mãe, mas não posso perdoar como você. Porque você não viu o que eu vi. Se tivesse visto... — Paro de falar porque senão vou acabar descrevendo a cena.

— Me desculpe, filho. — Ela pede chorando, mas eu simplesmente viro as costas e a deixo lá.

Capítulo 21

Evangeline

— Está tudo bem? — Camila pergunta notando minha preocupação.

— Não é nada, é só que eu e o Jesse combinamos de sair juntos hoje. Ele vem me pegar, mas até agora nada e não atende o telefone.

— Ele está trabalhando hoje? — Faço que não com a cabeça — Então não se preocupe, ele já deve estar chegando.

— É verdade. — Olho no relógio e já passa das seis. Sei que ele ia se encontrar com a mãe hoje, mas evito ligar e preocupá-la atoa — Bom, vou esperar mais um pouquinho se ele não aparecer vou pra casa.

— Quer que eu ligue para o Wilker e pergunte pelo Jesse?

— Não é pra tanto.

— Ok, então já estou indo. Qualquer coisa me liga. — Nos despedimos.

Todo mundo já foi embora. Desço para a loja e aproveito para imprimir as fotos que tirei do nosso passeio, as fotos que tirei com ele no casamento da Indy e aquela primeira foto que tiramos no casamento da prima do Heitor.

Já se passou quase uma hora nessa brincadeira e nada do Jesse. Nem uma ligação, nem uma mensagem e estou começando a me preocupar.

Resolvo ir para casa esperar por ele lá. Apago as luzes, fecho tudo e saio. O estúdio fica pertinho de casa, dá para ir andando, por isso vim a pé hoje. Aproveito para ligar para ele enquanto caminho. Nada, nem sinal.

Chego em casa, tiro os sapatos e jogo a minha bolsa com o envelope das fotos na mesinha. Não aguento mais esperar, vou ligar para mãe a dele, pode ter acontecido alguma coisa. Ou, ele pode simplesmente ter se arrependido de ter dito que me ama e agora não sabe como reverter isso. Meu

coração parece parar de bater quando penso nisso. Mas pode ser verdade, ele relutou em dizer que me amava. Já estava conformada de que não iria dizer quando ele finalmente disse.

Senhor, que não seja isso! Que não seja nada!

Não aguento mais, vou ligar para a mãe dele. Estou com o telefone nas mãos para ligar quando ela me liga.

Meu Deus, ela me liga!

— Alô.

— Evinha!

— Dona Irina, aconteceu alguma coisa? — Diz que não, por favor!

— Filha, o Jesse está aí com você? — Sinto o chão sumir debaixo dos meus pés. Ela ainda não disse nada, mas já estou desesperada.

— Não. Ele não estava com você hoje?

— Sim, mais cedo, mas aconteceu algo e não consigo falar com ele. Ele falou com você depois que saiu daqui?

— Não. Dona Irina, a senhora está me assustando.

— Eu preciso da sua ajuda, Evinha. O Jesse não atende o telefone e estou preocupada. Tivemos uma discussão.

— Ele também não me atende. Eu não sei dele, não nos falamos desde que ele foi vê-la. Dona Irina? — Vou perguntar, preciso saber o que está acontecendo e alguma coisa me diz que tem a ver com o pai — O que aconteceu? Eles brigaram?

— É complicado.

— Me conte para eu poder ajudá-lo, por favor.

— Tudo bem. Digamos que o Jesse tenha encontrado o pai em uma situação inusitada hoje. Eu tentei explicar, mas acho que ele não acreditou, por favor Evinha, acredite em mim, não é nada do que o Jesse está pensando.

— O que ele viu?

— O pai com a secretária, mas acredite o Reginato só a estava consolando, você pode perguntar pra Indy...

— Dona Irina a senhora não precisa explicar, não é da minha conta. — Interrompo.

— Eu sei, mas também sei que foi você quem o encontrou naquela

NACIONAIS-ACHERON

noite. Você o ajudou então merece saber sim, até para tentar ajudar meu filho. Ele saiu daqui desolado — Dona Irina respira fundo antes de continuar — Depois que ele saiu do escritório do pai, me ligou e eu vim para o Rio para conversar com ele. Tentei explicar, mas ele não acreditou em mim, então resolveu me contar o que ele tinha descoberto no passado.

— Ai meu Deus, dona Irina eu sinto muito! Deve ter sido horrível descobrir isso depois de tanto tempo!

— É aí que está, Evinha. Eu não descobri, porque eu já sabia. Por isso que ele ficou tão transtornado.

Cristo! Ela sabia, caramba!

Agora entendo o motivo de ele ter desaparecido. Depois de todos esses anos se sentindo culpado por enganar a mãe, descobrir que ela sabia deve ter sido um soco no estômago.

— Dona Irina, isso é horrível. Desculpe-me, mas vocês não pensaram no Jesse em nenhum momento? Meu Deus, imagina como deve ter sido difícil esconder as coisas da senhora durante dezesseis anos e depois descobrir que tudo foi em vão?

— Eu sei minha filha! Compreendo que agora você também esteja decepcionada, mas acredite, foi pensando na família que tomamos todas as decisões e, embora elas fossem em parte erradas, para nós, naquele momento, era a solução.

— Tudo bem, desculpe-me. Quem sou eu para julgar?

— Você tem o direito de julgar filha, porque você foi afetada também por nossas escolhas. Ele deve estar arrasado, coitado e só vai ouvir você. Só você pode ajudá-lo, Evinha!

— Mas onde ele pode estar? E o que eu posso falar que vá ajudar, meu Deus?

— Você não precisa dizer nada filha, é só estar com ele tenho certeza. Você é muito importante para ele, Evinha. De todas as mágoas que ele guardou do pai, a maior delas foi ter sido afastado de você. Meu filho nunca perdoou o pai por isso também. E agora ele me culpa, porque fui fraca e segui o homem que me traiu sem questionar. Mas assim é o amor, não é? O amor nos faz perdoar e ter esperanças. Posso te garantir que todo esse sacrifício valeu a pena e que não teve um dia sequer depois disso que meu marido não

tenha feito de tudo para se redimir. Por isso eu te digo Evinha, de todo o meu coração que não me arrependo de tê-lo perdoado e o Jesse precisa perdoar também, para ser feliz por completo.

— Eu concordo dona Irina, e não a recrimino, muito menos a julgo por suas decisões. Concordo que perdoar é um ato de amor. Eu preciso encontrá-lo. — Paro um pouco pra pensar aonde ele por ter ido e a imagem do beco perto da casa da minha mãe vem a minha mente — E acho que já sei onde.

Capítulo 22

Jesse

Estou sentado no chão sujo encostado em uma lata de lixo dessas grandes ainda mais suja que o chão. Minha cabeça está pesada, apoio os braços nos joelhos e a descanso sobre eles.

Eu já vi de tudo aqui neste beco hoje. Mendigos, maconheiros, gato, cachorro, rato. Esse beco não é mais o mesmo beco de antigamente, onde só existiam adolescentes fugindo da dura realidade da vida. Adolescentes maconheiros já existiam, já que eu mesmo estava fumando maconha naquele dia. Isso fez de mim um maconheiro não?

Quem fuma maconha, maconheiro é e, eu estou ficando maluco, não estou dizendo coisa com coisa.

A revelação da minha mãe foi devastadora. Ela não tinha esse direito, eles não tinham o direito de colocar toda essa merda em cima de mim. Eu era um adolescente cheio de sonhos, porra! Eu sonhava em ser um juiz tão bom quanto ele, sonhava com um futuro, sonhava com a Eva nesse futuro e eles tiraram isso de mim.

A raiva está dando lugar a um vazio que está preenchendo meu peito. Eu meio que estou apático agora. Sei que meus pais devem estar preocupados comigo, principalmente a Eva, mas não quero falar com ninguém, corrigindo, eu achava que não queria falar com ninguém quando cheguei aqui. Todavia, tudo o que eu quero agora é estar com a minha Evinha e o pensamento de estarmos juntos me faz levantar a cabeça e dar de cara com ela bem aqui na minha frente.

Deus existe mesmo!

— Eu não tenho um baseado aqui comigo hoje. — Digo levantando as mãos tentando ser engraçado.

NACIONAIS-ACHERON

— Que pena! Acredito que hoje eu fumaria com você. — Dá um sorriso triste.

Ela não faz contato visual comigo. Aproxima-se e senta-se ao meu lado, seus olhos estão fixos na entrada do beco. Olho no relógio e já passa da meia noite, droga! Eu a fiz vim dirigindo há uma hora dessas atrás de mim.

Que droga de namorado eu sou?

— Você não devia estar aqui, é tarde.

— Você não me deu muita opção, querido. — Responde desapontada fazendo meu coração se contrair de remorso.

— Desculpe-me por isso.

— Não se desculpe. — Finalmente me encara. Eva pega a minha mão e entrelaça seus dedos nos meus. Ficamos assim por mais ou menos uns quinze minutos, em silêncio, exatamente como a dezesseis anos atrás. Mas não quero que seja assim dessa vez.

— Tinha planejado uma noite especial pra gente hoje. Planejei abrir meu coração para você hoje, mas dadas as circunstâncias vou ter que fazer isso aqui mesmo.

— Você não tem que me dizer nada. Você só tem que me beijar. — Não espero que ela me peça isso de novo. Porque minha boca anseia pela dela. Eu a beijo com amor, com dor, com desespero e paixão.

Quando me afasto, deito a cabeça no colo dela. Evangeline faz carinho no meu cabelo, é uma sensação deliciosa. Eu quero falar, quero contar tudo o que está entalado na minha garganta, não consigo mais esconder.

— Mais cedo naquele dia — Começo — Antes de ir para casa, o professor de educação física me chamou para conversar. Ele havia reconhecido o quanto estava jogando bem futebol e queria me convidar para entrar no time que ele treinava. Eu faria o primeiro jogo em duas semanas, fora de casa, mas para isso eu precisava da autorização do meu pai por escrito. Saí de lá eufórico. Não quis esperar até a noite para falar com o meu pai então fiz um lanche na lanchonete perto da escola e fui atrás dele. Quando cheguei, não havia ninguém do lado de fora. Sentei-me e esperei um tempo. Coloquei meus fones no ouvido e fiquei lá sentado no sofá esperando. Acho que esperei uns dez minutos, então decidi ir para casa e falar com ele a noite. Só que quando eu estava me levantando para ir embora, ouvi um barulho

vindo da sala. Eu encostei a cabeça na porta e ouvi gemidos, mas nem em sonhos eu iria imaginar o real motivo daquilo. Então eu abri a porta e quando abri eu vi. — Paro de falar. Eva continua fazendo carinho na minha cabeça sem perguntar nada. Devo isso a ela, devo isso a mim, por isso eu continuo — Os dois estavam transando, ele e a secretária. Ela estava montada em cima dele no sofá, os seios aparecendo através da blusa aberta. Fiquei em choque e acho que eles também porque ficaram sem reação. Então o ar voltou para os meus pulmões e eu saí correndo de lá.

— Eu sinto muito! — Diz beijando meu rosto.

— Eu rodei a cidade inteira na minha bicicleta e depois parei aqui. Meu pai não sabia mais onde me procurar por isso foi atrás de você. — Levanto-me e seguro seu rosto lindo entre as mãos — Você me salvou de mim mesmo naquele dia, Eva. — Não consegui terminar, pois agora estou chorando, chorando como a porra de um moleque mimado.

Ela me abraça forte e eu choro tudo o que não chorei esses dezesseis anos. Eu choro novamente pelos mesmos motivos nos braços dela. Só que agora estou com ela e não há nada que possam fazer nesse mundo que nos afaste novamente.

Depois de um tempo, um pouco mais aliviado, me recomponho e encosto-me novamente na lixeira. Eva me encara com os olhos cheios de compaixão.

— Jesse, eu vou te dizer uma coisa que sei que você talvez não vá gostar de ouvir. — Uma lágrima desce solitária pelo seu rosto. Ela pode dizer o que quiser, não há nada que ela possa me dizer que eu não vá gostar. — Eu agradeço ao seu pai por tê-lo levado de mim naquela época.

Eu ouvi isso direito? Eu retiro o que disse. Eu não gostei de ouvir isso, na verdade odiei ouvir isso.

— Você não está falando sério. — Digo me levantando bruscamente. Seguro a minha cabeça com ambas as mãos não acreditando que ela disse isso — Você não está falando sério!

Eva também se levanta e para de frente pra mim. Segura as minhas mãos gentilmente.

— Ficamos junto no momento certo Jesse. Eu te amava no passado, mas eu era uma adolescente imatura. Vejo isso agora. Mesmo que você fosse

apaixonado por mim e quisesse ficar comigo, quais eram as chances de isso durar? Éramos praticamente crianças! E se continuássemos apenas amigos você iria acabar arrumando alguém e isso acabaria comigo. Não acredito que eu conseguiria ficar indiferente. Eu iria sofrer muito.

— Mas você sofreu de todo jeito. Ou não sofreu?

— Sofri. Mas por motivos diferentes. Porque o seu pai te tirou de mim. Seu pai e não outra garota.

— Outra garota nunca iria me tirar de você, Eva.

— Você sabe que sim, Jesse.

— Eu sei que não.

— Você acredita mesmo que teria durado?

— Se a amizade fosse verdadeira sim...

— Mas eu queria mais que amizade. Você não!

Eu também queria porra! Me deixa terminar!

— Pensa no Benjamin. Você tem a nós dois hoje devido às consequências de tudo o que aconteceu. E quanto a sua mãe, não a crucifique por lutar pelo seu casamento, não a crucifique por sacrificar tudo em nome do amor da vida dela. Ela é feliz, Jesse! Ele a faz feliz. — Minha Eva levanta o meu queixo e vejo que ela está chorando, nós dois estamos — A sua mãe perdoou o seu pai simplesmente porque o amor é isso. O amor é perdão. Isso são palavras dela e saiba que ela não se arrepende, embora fique triste por ter nos privado de estarmos juntos, mas olhe! Estamos sendo recompensados agora amando um ao outro. Nós podemos seguir juntos daqui pra frente é só você querer.

— É tudo o que eu mais quero. — Respondo puxando-a para os meus braços — Eu te amo Eva. Eu quero viver a minha vida inteira com você. — A beijo com todo o meu amor, com toda a devoção que tenho por ela.

Essa mulher é a razão de eu querer ser um homem melhor, a razão de eu estar cogitando perdoar o meu pai. Ela tem toda razão. O nosso tempo é agora, o que ficou para trás foi importante, mas nada se compara ao que temos agora. Só o fato de existir a possibilidade de termos nos perdido mesmo estando juntos no passado faz meu coração doer. Ela tem razão, ela tem razão! A imaturidade poderia ter nos destruído e nos privado de viver esse amor e não apenas o meu pai.

Eu amo essa mulher... Com todo o meu coração!

Evangeline

Passo pela minha mãe e por meu pai em direção ao meu quarto, seguida pelo Jesse. Eu o deixo no meu quarto e volto correndo para a sala e peço a minha mãe que ligue para dona Irina para tranquilizá-la.

Quando volto, o encontro sentado na minha cama. Jesse levanta a mão na minha direção. Seguro sua mão e ele me puxa para perto descansando a cabeça no meu peito.

— Esse é o meu som preferido. — Diz com a cabeça encostada sobre o meu peito.

— Eu te amo. — Digo de todo o meu coração.

— Eu te amo mais.

— Eu te amo mais. Afinal, eu te amo há dezesseis anos. — Brinco.

— Eu também.

Ele também? O encaro intrigada.

— Foi bem ali que eu o encontrei. — Aponta para a mesinha de cabeceira.

— O que você encontrou?

— O seu diário.

— O meu diário?

Do que ele está falando?

— Sim. Não fica brava, mas eu li o seu diário *É claro que ele leu.*

— Não acredito que você fez isso!

— Deixa eu terminar de contar, depois se você ainda quiser ficar brava comigo, pode ficar. — Me puxa para eu sentar ao seu lado.

— Aquela noite que eu dormi aqui, não preguei o olho então resolvi seguir o seu conselho e refletir sobre uma forma de passar por tudo aquilo. Foi aí que eu vi o seu diário em cima da mesinha. Não ia ler, eu juro, mas a cada vez que olhava naquela direção, lá estava ele me chamando, praticamente gritando “*me leia*”, então eu não resisti. Fui até a cômoda e o

peguei. Mesmo com ele nas mãos não ia ler, ia apenas folhear as páginas e foi o que fiz, mas aí parei em uma página que tinha meu nome. Estava escrito enorme e com coraçõezinhos ao redor. Depois de ver isso não resisti. Eu li, era uma frase. Naquela noite eu me senti o cara mais feliz do mundo e o mais triste ao mesmo tempo por saber que eu era correspondido.

Arregalo os olhos atônica assimilando as palavras dele.

Correspondido? Quer dizer que ele... Ai meu Deus!

— Eu fiquei feliz por saber que você sentia por mim a mesma coisa que eu sentia por você Eva, mas triste por saber que eu nunca teria coragem de fazer algo a respeito porque eu nunca faria nada que pudesse ameaçar a nossa amizade. Então guardei aquela informação pra mim e tenho guardado isso a minha vida inteira. Até pouco tempo atrás eu ainda não tinha coragem de te dizer isso. Só que agora chega. — Diz segurando minhas mãos e olhando profundamente em meus olhos — Eu sempre te amei, eu sempre te amei, eu sempre te amei. Deus, como é bom poder dizer isso! Sempre foi você Eva, sempre, sempre...

Eu o agarro e o jogo na cama subindo em cima dele enquanto ele continua repetindo que sempre me amou até o momento que meus lábios o silencia. Sei que minhas lágrimas estão caindo no rosto dele, mas não ligo. Eu o beijo tanto que ele precisa me afastar para ganhar fôlego.

— Isso quer dizer que você não está brava comigo? — Pergunta com um sorriso divertido.

— Isso quer dizer que eu não estou brava com você.

— Você não está brava por eu ter sido um covarde e um medroso? Por não ter assumido meus sentimentos por você? — Balanço a cabeça em negativa.

— Você tinha os seus motivos Jesse e acho até que você preservava mais a nossa amizade do que eu. E eu te amo ainda mais por isso. É o que eu te disse, Jesse James, o nosso tempo é agora. — Começo a beijá-lo novamente.

Levanto-me, vou até a gaveta da cômoda e pego o baú, o meu baú de relíquias. Volto e sento-me ao se lado colocando o baú em suas mãos. Jesse encara o baú confuso.

— Esse é o meu baú de relíquias. Aí dentro estão os meus bens mais

preciosos. Abre. — Ele hesita, mas o incentivo com um sorriso.

A primeira coisa que ele pega é o meu diário. Ele o segura com as duas mãos e o leva até os lábios. Com os olhos fechados dá um beijo no diário e esse momento acaba de entrar para a minha lista de momentos favoritos com Jesse, porque eu sei que daqui para frente serão muitos.

— Você se lembra da frase ao lado do seu nome?

— *"Eu te amo para sempre, Jesse James"* — Responde sem hesitar e tenho que engolir o choro.

— Você pode ler se quiser. Ele é seu agora.

— Você está me dando o seu diário? Tem certeza?

— Como dois e dois são quatro. — Sorri e me beija no rosto.

Jesse coloca o diário de lado na cama para ver o que mais tem dentro do baú. Então ele encontra as cartas que me escreveu e todas as fotos que já tirei dele.

— Você ainda tem as cartas que eu te escrevi? — Pergunto.

— Claro que sim. Não estão em um baú, mas então bem guardadas.

— Ah! Já estava me esquecendo. — Pego minha bolsa e tiro o envelope com as fotos que imprimi e entrego a ele — São todas as fotos que nós tiramos.

Jesse pega o envelope e tira as fotos de dentro dele. Ficamos um tempão admirando, escolhendo nossas preferidas. Ele pega a que tirou de mim no mirante.

— Essa vai para um quadro, mas eu quero um quadro bem grande. Você vai ter que imprimir outra bem maior, Eva. Pra eu poder pendurar na nossa casa.

— Nossa casa? — As palavras mal saem da minha boca.

— Sim, nossa casa. Eu quero ser o seu marido, o seu amante, o seu amigo e o pai dos seus filhos. Você é a única mulher nessa vida com quem eu quis ter isso. Obrigado por voltar pra mim.

— Você não precisa me agradecer, você só tem que me amar. — Digo com a voz embargada de emoção pela declaração.

— Isso é muito fácil. — Me dá um selinho — Jesse!

— Oi.

— Você amou mais alguém além de mim?

Se eu sou a única mulher com que ele quis ter isso então significa que eu sou a garota do passado. *Por favor, que seja eu!*

— Amar não.

— Então isso quer dizer que sou eu a garota do passado? A que você amou?

— A Clarissa te disse isso, não foi? — Concordo com a cabeça — Eu sabia que ela tinha lhe dito alguma coisa. Sim, é você. Eu disse isso a ela uma vez, já nem me lembrava até ela jogar na minha cara no casamento que eu estava te iludindo, te enganando e sendo um canalha.

— E você disse a ela que sou eu?

— Disse e acredito que depois disso ela nos deixe em paz. — Beija a ponta do meu nariz e me puxa para os seus braços — Não poderia ser outra garota, Eva. Você é a minha Eva e eu serei para sempre o seu Adão. Não se esqueça disso, está bem?

— Não esquecerei.

— Ótimo! Agora me diga, sobre aquele seu planejamento, o que nós podemos aproveitar?

— Nada.

— Nada por quê?

— Porque com você eu não quero planejar, Jesse. Com você eu quero viver, mas é claro que se você quiser casar, ter dois filhos e um cachorro, não vou reclamar.

— Isso parece uma música para mim. — Diz me puxando para a cama e ficando sobre mim — Eu quero tudo isso, Evangeline. Isso e muito mais.

Epílogo

Um ano depois

Evangeline

Hoje faz exatamente um ano que o Jesse confessou que me amava, ou melhor, que sempre me amou. Então nada mais justo do que comemorar essa data tão especial me casando com ele.

Sim, ele me pediu em casamento e foi algumas semanas antes de contar a ele que estava grávida, portanto eu posso dizer com cem por cento de certeza que ele não está se casando comigo porque eu engravidei.

Confesso que tive medo de dizer a ele sobre a gravidez. Fiquei com medo de que ele pensasse que foi de propósito. É claro que não foi, pois eu jamais o faria passar por isso novamente. Apesar de saber que ele me ama de verdade, tive medo de ele não estar preparado, no entanto quando contei, me arrependi na hora de não ter feito isso antes.

— *Agora minha felicidade está completa meu amor, pois vamos formar uma família!*

Essas foram as palavras dele. Ouvir essas três palavrinhas em uma mesma frase foi mais do que o meu coração pôde aguentar. Quando penso que não tem como amá-lo mais, ele simplesmente prova que estou errada.

Eu já estou no quinto mês de gestação e adivinhem, são gêmeos. Isso mesmo, gêmeos! Um menino e uma menina. Eu tive que escolher outro nome para o menino já que Jesse me fez o favor de roubar o nome do meu filho para o filho dele. Então o nome que eu escolhi foi Jesse Magalhães Bastos Júnior, porque não poderia existir um nome mais lindo do que esse, pelo menos não para mim.

Só para deixar claro, eu não ligo nem um pouco que ele tenha dado ao seu filho o nome Benjamin. Hoje sei que ele escolheu esse nome pensando

em mim. Portanto, eu não poderia estar mais lisonjeada.

Falando no Benjamin, nossa relação é fantástica e o amo como se fosse meu filho. Ele não me chama de mãe, é claro, porque ele já passou dessa idade, mas eu confesso que adoraria se ele o fizesse. De qualquer forma tia Eva está ótimo pra mim. Até porque ele tem mãe e eu não quero tomar o lugar dela logo agora que começamos a nos entender. O Ben tem passado muito tempo conosco já que a Clarissa se mudou para Niterói por causa do trabalho. Então dia sim, dia não ele está com a gente.

Também faz exatamente oito meses que estamos morando juntos. Eu sei, eu sei, fizemos tudo ao contrário, mas não me arrependo de nada, faria tudo de novo se precisasse.

Estávamos cada vez mais apaixonados e queríamos estar juntos o tempo todo e por mais que a gente morasse na mesma cidade a distância entre Copacabana e o Recreio dos Bandeirantes era quase uma viagem.

Conclusão? Ele se mudou de mala e cuia para o meu apartamento. Se eu gostei? Eu simplesmente amei.

Brincamos de casinha no meu apartamento por alguns meses, mas depois da gravidez, do pedido de casamento e do fato do Benjamin ficar com a gente, tomamos uma decisão, compramos uma casa em Niterói.

Eu descobri um tempo depois que Jesse e seus irmãos receberam uma herança quando a avó morreu. Ela deixou todo o dinheiro dela para os três únicos netos. Jesse herdou alguns imóveis no centro do Rio e em Niterói. Com a renda que ele recebe pelos aluguéis, nem precisaria trabalhar, mas hoje eu sei que ele realmente gosta de ser um policial rodoviário e por mim ele pode continuar sendo pelo resto da vida, desde que chegue em casa com aquela farda e faça *strip-tease* pra mim, ou que me deixe arrancá-la do corpo dele.

Ah, os hormônios da gravidez!

Eu não preciso nem dizer como é a minha casa, não é? Ela é enorme! Tem uma piscina e é claro um balanço de pneu. Na verdade, são três balanços de pneus, para não ter briga.

Como deu para perceber, nada saiu conforme eu tinha planejado para minha vida antes do Jesse. Graças a Deus! Então eu não me casei com trinta anos, não tive meu primeiro filho com trinta e três até porque eu ainda não

cheguei lá, o que significa que quando eu estiver com trinta e três já terei não só dois, mas três filhos contando com o Ben. Mas a casa com quintal, o carro com sete lugares e o cachorro, consegui realizar, na verdade são três cachorros, fora os dois gatos, o coelho e o casal de calopsita. É, temos bastante espaço.

Já o casamento de princesa no salão de festas mais badalado do Rio de Janeiro, esse eu não consegui realizar. Felizmente porque nada se compara ao casamento que vou ter agora, porque lá fora estão me esperando as únicas pessoas que importam pra mim, nossos familiares e nossos amigos mais íntimos e principalmente ele, o meu Jesse James. Nem queria festa, já ficaria feliz só em correr com ele para o cartório mais próximo. Esse já seria o meu casamento digno de princesa porque estaria me casando com um verdadeiro príncipe, mas como eu tenho uma cunhada que exala empolgação por onde passa, fui meio que obrigada a deixá-la organizar uma “*simples*” recepção no jardim da mansão.

Há uma tenda branca montada no jardim decorada com tecidos brancos transparentes e flores de variadas cores. Dentro da tenda há poucas cadeiras já que são poucos os convidados. São eles, meus pais, os pais do Jesse, o Bê e a namorada goiana, a Indy e o marido, a Camila e o Wilker, a Jéssica minha secretária, o Caio, dois ou três amigos do trabalho do Jesse, além do pessoal que trabalham comigo.

Não posso deixar de contar a novidade, a Clarissa veio com um “*amigo*”.

Algumas mesas estão espalhadas pelo jardim. Um tapete vermelho passa por elas e termina em um altar improvisado dentro da tenda onde o amigo juiz do meu sogro celebrará nossa união.

Eu sei que ele não é nenhum padre, mas na falta de um, o juiz que celebre no mesmo nível.

Jesse perdoou o pai, apesar de nunca ter lhe dito isso. Eu acredito que o perdão não está apenas nas palavras, mas principalmente nas ações e a forma diferente com que ele o trata agora é visível para todos nós. Ainda não está caindo de amores pelo pai, o que é compreensível já que essas coisas levam tempo, entretanto, sei que daqui para frente a relação deles vai continuar progredindo e quem sabe daqui uns anos eles voltem a ser grandes amigos, como eram no passado.

NACIONAIS-ACHERON

— Está pronta? — Camila pergunta entrando no quarto acompanhada de minha mãe — Você está linda amiga!

— Filha, você está linda! — Minha mãe diz com lágrimas nos olhos.

— Obrigada as duas. Mãe, não chora se não vou chorar também. — Recebo seu abraço — Tem certeza que o papai está de acordo? Que não ficou chateado?

— Claro que tenho filha. Nem é um casamento na igreja. Seu pai está mais interessado é em te ver casada antes das crianças nascerem.

Sorrio ao me lembrar da preocupação do papai por eu estar grávida sem estar casada. Papai sendo, papai!

— Deixa eu te ajudar com isso, amiga.

— Obrigada. — Camila se aproxima e me ajuda com meu penteado que é simples como todo o resto da minha produção.

Os meus cabelos estão soltos levemente ondulados exceto pelas duas tranças que saem uma de cada lado da minha franja e terminam presas juntas atrás da minha cabeça.

— Prontinho. — Diz terminando de prender a flor no elástico das tranças.

— Como ele está? — Pergunto me referindo ao Jesse.

— Um pouco nervoso. Disse que se você demorar mais um pouco ele vem aqui te buscar.

O meu vestido é simples, mas de muito bom gosto. O tecido é fino e delicado, a cor é palha. Nada contra as grávidas que casam de branco, véu e grinalda. Ele é tomara que caia, justo no busto e desce reto até os pés. O que dá um toque sofisticado é o bolero de renda com pedrarias. Optei por uma sandália baixa porque como o Jesse mesmo disse, nem em sonho me deixaria usar saltos altos. Ele tem pavor que eu acabe caindo – palavras dele. Homens, não sabem que nascemos para isso. No entanto preferi não discutir, não quero me encher de varizes.

— Estou pronta. — Confirmo dando uma olhada no espelho.

— Ainda não. — Minha amiga se afasta, pega o buquê e me entrega. — Adorei a escolha. — Diz tocando as pétalas dos lírios.

— Então, vamos porque eu planejei uma entrada diferente para esse

casamento. — Sorrio com ansiedade, meus olhos já cheios de lágrimas.

— Ei! Nada de chorar, vai borrar a maquiagem! — Camila sopra meus olhos. Respiro fundo e caminho em direção ao acontecimento mais lindo da minha vida, por enquanto.

Jesse

Eu já não estava me aguentando de ansiedade quando a Camila finalmente aparece informando que já podemos começar. Como não é um casamento religioso, corro para o meu lugar ao lado do juiz. Todo mundo começa a se sentar inclusive o pai dela.

Ele não deveria trazê-la até mim?

Não tenho tempo para pensar sobre isso, pois um cara surge do nada e começa a tocar um violino.

De onde surgiu esse cara?

Eu reconheço a música, *Agnus Day* do Michael W. Smith. Três moças surgem uma de cada canto do jardim e começam a cantar a letra.

Caramba eu gostei disso!

Mas quando eu me viro novamente é que realmente gosto, na verdade gostar não chega nem perto de definir o que sinto.

Ela está entrando na tenda de braços dados com o Benjamin e meu coração bate tão rápido como as lágrimas que começam a brotar dos meus olhos.

Meu filho está com um sorriso de orelha a orelha executando com perfeição o seu papel. Minutos antes ele estava correndo no quintal, agora está vestido exatamente como eu.

Quando nossos olhares se encontram é que a minha ficha realmente cai. Está acontecendo, vamos mesmo nos casar. Eu vou me casar com a mulher mais incrível desse mundo, com a minha melhor amiga, com o primeiro e único amor da vida inteira.

Eva não está chorando, seu sorriso é radiante, ela emana felicidade e está linda, está incrível. O vestido não está escondendo a barriga e acho que é exatamente o que ela queria.

NACIONAIS-ACHERON

Quando eles se aproximam, Benjamin me entrega a mão dela. Dá pra perceber que eles andaram ensaiando. Ela sorri e o beija no rosto, também dou um beijo nele antes de olhar de novo para ela. Eva balbucia “*eu te amo*” e beijo a mão dela antes de nos virarmos para o juiz.

A cerimônia foi rápida. Logo estávamos repetindo os votos e trocando as alianças. Finalmente casados. Beijo-a selando nosso compromisso, nosso para sempre e abaixo-me para beijar sua barriga.

O músico recomeça a tocar enquanto saímos da pequena tenda. Do lado de fora somos recebidos com abraços e votos de felicidades. Todo mundo querendo falar com a gente, os fotógrafos querendo tirar mais fotos, mas eu só quero puxá-la para algum canto e beijá-la até perder o fôlego.

Juro que eu tentei, tiramos algumas fotos, deixei que ela fosse abraçada por todos, mas a minha paciência chegou ao limite.

Seguro a sua mão e a tiro dali sob os olhares embasbacados dos fotógrafos e do restante do pessoal. Só paramos quando entramos na área do ofurô. Fecho a porta e a prendo em meus braços. A beijo por um longo tempo antes de me afastar e deixá-la respirar.

— Eu pensei que já tivesse sentido o máximo do amor que é possível um ser humano sentir, mas eu estava errado. O que senti hoje vendo você entrar guiada pelo meu filho foi devastador. Você devastou o meu coração, Eva, mas de um jeito incrivelmente bom. Eu te amo tanto e a cada dia esse amor cresce. Ele não tem fim e eu sou grato a Deus por ter a oportunidade de viver com você esse amor. Você é a única mulher no mundo para qual eu entregaria meu coração. Ele é seu. Sei que você sabe disso, mas eu preciso continuar te dizendo. Ele é seu. — Minha Eva sorri e limpa suas lágrimas que agora caem desinibidas — Eu também quero que saiba que o seu amor me fez entender a grandeza do perdão. Você me fez perceber o quanto eu precisava me livrar de toda mágoa guardada no meu coração para conseguir perdoar o meu pai e sou muito grato a você por isso. Seu amor me tornou um homem melhor.

Ela me beija. É um beijo possessivo, erótico, doce e singelo ao mesmo tempo. É um beijo cheio de significados. Aquele tipo de beijo que te diz, é para sempre. Quando nos separamos ela prende o meu rosto entre as mãos.

— Jesse se você quer que esse casamento continue intacto você precisa

continuar a me dizer coisas como essas sempre que você quiser. — Sorrio assentindo — Mas eu também preciso te dizer que tenho sentido de tudo. Todas as formas possíveis de amor e esse sentimento só é possível porque estou vivendo ele com você, o único amor da minha vida. Eu te amo, vocês são a minha vida. — Aponta para a barriga — Você me fez a mulher mais feliz desse mundo e só tenho a agradecer por você ser esse homem tão incrível, tão honrado, tão perfeito, porque para mim você é perfeito. Perfeito porque você me completa. Eu serei para sempre a sua Eva.

— Eu te amo. — Falo de todo o meu coração.

— Eu também te amo, Jesse James. Para sempre!

— Para sempre.

FIM.